



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**  
**MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**JULIANA ANDRÉA OLIVEIRA BATISTA**

**PRÁTICAS DE LETRAMENTOS: CARTILHAS DAS MINIBIBLIOTECAS NA  
FORMAÇÃO DE EDUCADORES KALUNGAS, NA LICENCIATURA EM  
EDUCAÇÃO DO CAMPO, DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA.**

Brasília  
2014

JULIANA ANDRÉA OLIVEIRA BATISTA

**PRÁTICAS DE LETRAMENTOS: CARTILHAS DAS MINIBIBLIOTECAS NA  
FORMAÇÃO DE EDUCADORES KALUNGAS, NA LICENCIATURA EM  
EDUCAÇÃO DO CAMPO, DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade de Brasília, vinculada à Linha de Pesquisa Educação Ambiental e Educação do Campo, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientação: Prof<sup>a</sup> Dra. Mônica Castagna Molina

Brasília  
2014

JULIANA ANDRÉA OLIVEIRA BATISTA

**PRÁTICAS DE LETRAMENTOS: CARTILHAS DAS MINIBIBLIOTECAS NA  
FORMAÇÃO DE EDUCADORES KALUNGAS, NA LICENCIATURA EM  
EDUCAÇÃO DO CAMPO, DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Banca Examinadora:

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Mônica Castagna Molina – Presidente

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Laís Maria Borges de Mourão Sá – Membro (FE/UNB)

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Rosineide Magalhães Sousa - Membro (PPGL/UNB)

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Eliete Ávila Wolff - Suplente (FUP/UNB)

Brasília  
2014

*Há escolas que são gaiolas e há escolas que são asas.*

*Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do vôo. Pássaros engaiolados são pássaros sob controle. Engaiolados, o seu dono pode levá-los para onde quiser. Pássaros engaiolados sempre têm um dono. Deixaram de ser pássaros. Porque a essência dos pássaros é o vôo.*

*Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados. O que elas amam são pássaros em vôo. Existem para dar aos pássaros coragem para voar. Ensinar o vôo, isso elas não podem fazer, porque o vôo já nasce dentro dos pássaros. O vôo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado.*

*Rubem Alves.*

## AGRADECIMENTOS

A Deus pela oportunidade de vivenciar, na Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC) da Universidade de Brasília, um espaço tão singular e precursor de uma educação emancipadora e libertadora para os povos do campo.

Agradeço a São Miguel Arcanjo, meu Anjo e companheiro de estrada nesse caminho instigante e desafiador na busca do conhecimento pleno.

Agradeço a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) por me conceder a liberação integral das atividades profissionais para realizar esse estudo.

Agradeço aos meus Avós maternos Odete Lúcio de Oliveira e Aniceto Marra de Oliveira (*in memoriam*), agricultores familiares, que gentilmente me ensinaram a amar e a respeitar a vida em todas as suas formas.

Agradeço aos meus Pais, André Rosa Batista (*in memoriam*) e Sinézia de Oliveira Batista pelo carinho, amizade e confiança, ao meu filho, Luís Fernando Palhares, pela compreensão e paciência, e a minha família e amigos pelo amor e solidariedade comigo.

Agradeço a professora e orientadora, Dra. Mônica Castagna Molina, por compartilhar sua trajetória de luta pela Educação do Campo e me acompanhar nessa jornada.

Agradeço a professora Dra. Rosineide Magalhães, pelo acolhimento na LEdoC e sua generosa contribuição nas reflexões sobre letramentos e etnografia colaborativa.

Agradeço ao colega de trabalho José Humberto Valadares Xavier, que gentilmente participou como conselheiro acadêmico desse processo de formação intelectual.

Agradeço aos amigos e colegas da UnB, pelas reflexões e compartilhamentos de ideias.

Agradeço á amiga e professora Ana Moura, que gentilmente cedeu espaço físico e intelectual para compartilharmos dessa experiência pedagógica na Turma V da Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC/UnB/FUP).

Agradeço aos queridíssimos educandos da Turma V, da LEdoC, e as pessoas das suas comunidades Kalungas que participaram dessa Pesquisa.

## RESUMO

Esse estudo apresenta o uso das Cartilhas de *Boas Práticas de Manejo para o Extrativismo Sustentável de: Buriti, Mangaba, Umbu, Pequi e Coquinho Azedo*, das Minibibliotecas da Embrapa, na formação em letramentos múltiplos de educandos da Turma V, da Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC), do Campus da Faculdade de Planaltina (FUP), da Universidade de Brasília - UnB, especialmente, os educandos com origem em comunidades Kalungas do nordeste goiano. A formação em letramentos múltiplos representa uma importante estratégia na formação integral, contribuindo com a autonomia e autoria desses educandos, na perspectiva de formar intelectuais orgânicos conforme preconizado por Gramsci. As Minibibliotecas se constituem em uma iniciativa da Embrapa Informação Tecnológica que pretende contribuir com as dinâmicas de escolarização e incentivo à leitura no meio rural, por meio do uso de mídia impressa (livros e cartilhas) e mídia eletrônica (cds e dvds). A intencionalidade de acrescentar as dinâmicas de uso dessas Cartilhas das Minibibliotecas nas estratégias de formação em letramentos múltiplos da LEdoC, aponta a perspectiva de analisar criticamente esses conteúdos, no contexto da Educação do Campo e das comunidades Kalungas e de contribuir com os letramentos múltiplos desses educandos, especialmente na produção e sistematização crítica de conhecimentos. A base teórica que fundamenta a experiência está ancorada nos conceitos de autoria e autonomia de Gramsci (2009); na constituição de um sujeito questionador de FREIRE (1996); letramentos múltiplos de ROJO (2009). Esta é uma pesquisa qualitativa sob a perspectiva da Etnografia Colaborativa, que permitiu realizar uma análise mais integrada, considerando a diversidade e complexidade social existente no ambiente pedagógico da LEdoC e nas comunidades Kalungas de origem dos educandos. As análises evidenciam a vinculação forte desses educandos com a identidade Kalunga; a perspectiva positiva do uso das Cartilhas nas atividades de produção textual (resenhas e narrativas) e, especialmente, o papel preponderante da Licenciatura em Educação do Campo na formação integral desses educandos.

**Palavras-chave:** Educação do Campo, Formação de Educadores, Letramentos Múltiplos, Minibibliotecas, Comunidades Kalungas, Etnografia.

## ABSTRACT

This study presents the use of booklets of *good practices of handling to extractivism sustainable of: Buriti, Mangaba, Umbu, Pequi and Coquinho Azedo*, of Minilibraries of Embrapa, in the formation in multiplies literacy of learners from the fifth class of graduation of field education from the Campus of Planaltina College – University of Brasília - UnB, especially, the students with origins in Kalunga Communities from the Northeastern of Goiás. The formation in multiplies literacy represents a important strategy in the integral formation, contributing with autonomy and authorship of this students, on the perspective of forming organic intellectuals *as* recommended by Gramsci (2009). the Minilibraries consists in an initiative of Embrapa Technology Information that want to contribute with the dynamics of schooling and incentive of reading on the rural field, by the use of print midia (books and booklets) and electronic midia (cds and dvds). The intentionality of adding the dynamics of this booklets from the Minilibraries on the strategies of formation in multiplies literacy, shows the perspective of analise critically this subjects, on the context of Field Education and of the Kalungas Communities and of contributing with the multiplies literacy of this students, specially on the production and in the critical systematization of knowledge. The theoretical base that based the experience is anchored on the concepts of autorship and autonomy of GRAMSCI (2009); on the constitution of a questioner subject of FREIRE (1996); multiplies literacy of ROJO (2012). This is a qualitative research under the perspective of the Colaborative Ethnography, that allowed to realize a more integral analise, considering the diversity and the social complexity existing in the pedagogic field and in the Kalungas Communites origen of the students. The analysis show the strong linking of these students with the Kalunga identity, the positive perspective of the use of booklets in the textual production activities (reviews and narratives) and, specially, the predominant role of Bachelor in Rural Education in the integral formation of the students.

**Key-words:** Field Education, Educator's Formation, Multiplies Literacy, Minilibraries, Kalungas Communites, Ethnography.

## SUMÁRIO

	PÁG.
<b>INTRODUÇÃO</b>	9
<b>CAPITULO 1: DELINEANDO O CAMINHO</b>	
1.1. A Pesquisa qualitativa	14
1.2. Pergunta exploratória	14
1.3. Objetivo Geral e Objetivos Específicos	15
1.4. Etnografia e Etnografia Colaborativa	15
1.4.1. Contexto metodológico	18
1.4.2. Análise de dados	20
<b>CAPÍTULO 2: ALICERCE TEÓRICO E CONTEXTO DA PESQUISA</b>	
<b>2.1. Educação do Campo</b>	
2.1. 1. Educação do Campo: Concepção Política, Histórica e Trajetória	21
<b>2.2. Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC)</b>	
2.2.1. Projeto-Político-Pedagógico, Concepção Formativa e Proposta Curricular	30
2.2.2. Letramentos: Letramento e letramento na LEdoC	34
<b>2.3. O Território Kalunga</b>	40
<b>2.4. A perspectiva institucional dialógica na Embrapa</b>	46
<b>CAPÍTULO 3: ANÁLISES E REFLEXÕES SOBRE O CAMINHO PERCORRIDO</b>	
3.1. Práticas de Letramentos: Cartilhas das Minibibliotecas na formação de educandos Kalungas, na Licenciatura da Educação do Campo, Universidade de Brasília.	56
<b>CAPÍTULO 4: CONCLUSÕES</b>	82
<b>REFERÊNCIAS</b>	86
<b>APÊNDICE I</b>	91
<b>APÊNDICE II</b>	92
<b>APÊNDICE III</b>	94
<b>APÊNDICE IV</b>	100

## INTRODUÇÃO

Em 1989, eu passei em um concurso público da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) e com o passar do tempo, fui construindo um entendimento sobre o papel da Empresa em relação á sociedade brasileira e em especial aos povos do campo. Das políticas públicas compensatórias para minimizar a fome e a pobreza rural, até as políticas públicas que têm como cerne a emancipação desses sujeitos do campo.

Com a minha entrada no Movimento da Ação da Cidadania e no movimento sindical, se tornou mais forte ainda o desejo de me aproximar do universo desses sujeitos do campo, inicialmente participando de algumas atividades desses movimentos e, posteriormente, com a oportunidade institucional de trabalhar com a temática da Agricultura Familiar. A diversidade de iniciativas, trabalhando com assentados e agricultores familiares, despertou a necessidade de investimento intelectual para compreender melhor as dinâmicas estabelecidas no contexto rural, a partir das reflexões sobre a questão agrária que envolve os sujeitos do campo.

Neste sentido, o sonho de realizar a investigação teórica sobre a temática da educação no meio rural nasceu também dessas minhas inquietações, fruto das experiências vivenciadas a partir da liderança sindical na Embrapa (1997-2001), da atuação como capacitadora federal do Programa Fome Zero (2003), da atuação como educadora nos processos de capacitação de agricultores familiares na Embrapa (2004-2008) e, por último, da coordenação das Minibibliotecas na Embrapa Informação Tecnológica (2009-2012). Esse sonho se tornou latente, partilhado e idealizado com todos os amigos, amigos de trabalho e a família que puderam acompanhar a longa trajetória de caminhada até a chegada à Pós-Graduação na Universidade de Brasília.

Cheia de desejos no coração e muita determinação, mergulhei no ambiente pedagógico da Universidade de Brasília, buscando compreender o aporte teórico sobre a Educação do Campo no contexto da Licenciatura em Educação do Campo, onde a teoria se encontra com as práticas pedagógicas exercidas num ambiente formativo complexo, dinâmico e dialético. Vivenciar esse processo formativo diariamente e poder construir a compreensão sobre algumas dessas dinâmicas da Educação do Campo, representou uma oportunidade ímpar, que só foi possível com a dedicação exclusiva para realizar essa investigação teórica na perspectiva metodológica da Etnografia Colaborativa.

Assim, as reflexões desse estudo, foram pautadas pela vivência no ambiente formativo da Licenciatura da Educação do Campo (LEdoC) da Universidade de Brasília, que almeja estimular a formação de educadores críticos, autônomos e autores, sujeitos capazes de analisar criticamente conteúdos e formas de produção de conhecimentos.

O desafio proposto foi adicionar o estudo das Cartilhas de *Boas Práticas de Manejo para o Extrativismo Sustentável de: Buriti, Mangaba, Umbu, Pequi e Coquinho Azedo*, das Minibibliotecas da Embrapa no ambiente pedagógico desses educandos, especificamente no espaço das Oficinas de Letramentos do projeto de Letramentos Múltiplos, com o intuito de estimular reflexões críticas para identificar potencialidades e limitações no uso dessas Cartilhas, especialmente no contexto de educandos oriundos de comunidades Kalungas do nordeste goiano.

A decisão de realizar o estudo no ambiente formativo da Turma V, da LEdoC UnB/FUP, foi exatamente por identificar uma maioria de educandos provenientes de comunidades Kalungas, que representa parte do conjunto de comunidades quilombolas atendidas por projetos institucionais da Embrapa, como as Minibibliotecas e por outras políticas públicas de órgãos governamentais.

Espera-se que este estudo contribua com o processo de reflexão sobre as estratégias institucionais de apoio à escolarização e ao incentivo à leitura, considerando a complexidade e a diversidade do contexto de origem dos educandos dessas comunidades Kalungas.

As Minibibliotecas da Embrapa representam uma dessas iniciativas governamentais que pretendem contribuir com as dinâmicas de escolarização e incentivo à leitura no meio rural. Constituem-se de publicações (livros e cartilhas), programas de rádio (Prosa Rural) e programas de TV (Dia de Campo na TV). A coordenação dessa iniciativa é realizada pela Embrapa Informação Tecnológica - nome-síntese do Serviço de Informação Científica e Tecnológica (SCT) – que é uma unidade de serviços da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) e cuja missão é “*Propor, coordenar e executar, em benefício da sociedade, soluções para a gestão e a difusão de informações geradas pela Embrapa*”.

Assim, coordena a gestão e organização da maioria das informações produzidas nas mais de 44 unidades da Empresa, sistematizadas em forma de livros e cartilhas (mídia impressa), programas de rádio (Prosa Rural), programas de TV (Dia de Campo na TV) e mais recentemente, os e-books (mídia eletrônica).

Esse conjunto de informação sistematizada resulta de um acúmulo de mais de 40 anos de pesquisas científicas realizadas pelas unidades descentralizadas da Embrapa e seus parceiros e pretende contribuir com um acervo de informações tecnológicas demandadas pela diversidade de públicos do conjunto da sociedade: a população urbana e rural e para públicos distintos: jovens agricultores, agricultores familiares, comunidades quilombolas, pescadores artesanais, assentados da Reforma Agrária, extensionistas e estudantes, os quais representam a pluralidade do meio rural brasileiro. (EMBRAPA, 2008a).

A iniciativa de reunir esse conjunto sistematizado de informação tecnológica – As Minibibliotecas – se concretizou, sob a coordenação do SCT, no ano de 2003, a partir de uma parceria com a Secretaria de Segurança Alimentar e Nutricional (SESAN), do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS). Embora seus conteúdos, em sua maioria, apresentem tecnologias e práticas agrícolas de baixo custo para os sujeitos do campo, não foram concebidos considerando a diversidade e complexidade existentes no meio rural. O acervo possui uma vinculação de origem com o modelo de desenvolvimento produtivista, idealizado na Revolução Verde, especialmente na década de 1970, e que teve como resultado a própria criação da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa). A partir dos anos 90, esse modelo foi massificado pelo agronegócio brasileiro.

Em onze anos de existência, as Minibibliotecas foram disponibilizadas para mais de três mil localidades diferentes, contemplando Escolas do Campo de Ensino Fundamental e Médio, Escolas Técnicas, Escolas da rede da União Nacional de Escolas Famílias Agrícolas do Brasil (UNEFAB), comunidades de agricultores familiares e assentados da Reforma Agrária, comunidades quilombolas, pescadores artesanais em processo de inclusão digital e escritórios da Extensão Rural oficial em todo o território nacional.

Relatos dos parceiros do Projeto (professores, alunos, agricultores, extensionistas), além das atividades formativas locais desdobradas a partir do uso do seu acervo, indicam o uso como material didático e de apoio numa diversidade de ambientes pedagógicos. Entretanto, a amplitude e a diversidade de públicos participantes das Minibibliotecas, evidenciaram a necessidade de analisar criticamente os seus conteúdos, em um ambiente contextualizado e, sob a perspectiva desses sujeitos locais, com vistas à identificação de potencialidades e limitações do acervo.

Uma experiência singular com o uso das Minibibliotecas, em uma comunidade quilombola localizada em Pernambuco, no qual o processo de educação formal tem contribuído com a intervenção afirmativa dentro do quilombo, problematizando a história do Brasil e a história do negro, indicou a existência da criticidade dos educadores na avaliação

sobre o uso do acervo, identificando conteúdos com informações úteis para a comunidade e outros nem tanto importantes. De outro lado, em comunidades quilombolas onde a perspectiva educativa não é tão incisiva, o acervo das Minibibliotecas não teve uma recepção semelhante. Representou mais uma coleção de livros para leituras e consultas diversas na biblioteca da comunidade.

Neste sentido, identificou-se a oportunidade de estimular a análise crítica de algumas dessas Cartilhas das Minibibliotecas, no ambiente formativo da Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC). O curso é destinado, prioritariamente, aos professores em exercício nas Escolas do Campo e considera fundamental a formação integral desses educandos, aprimorando a leitura e escrita para a formação de educadores críticos e portadores de autonomia e autoria.

É neste ambiente instigador que as dinâmicas de uso das Cartilhas das Minibibliotecas foram inseridas, especialmente nas Oficinas de Letramentos Múltiplos. O objetivo primordial dessas dinâmicas foi o de promover uma análise crítica dos conteúdos das Cartilhas, além de contribuir com o aprimoramento da leitura e da escrita e com as práticas de ensino desses educandos nos tempos formativos: Tempo-Escola e Tempo-Comunidade.

Nessas dinâmicas, os educandos produziram textos expositivos e argumentativos – resenhas e narrativas, buscando relacionar os conteúdos dessas Cartilhas das Minibibliotecas às práticas de suas comunidades de origem. As discussões foram orientadas a partir dos conteúdos contidos nas Cartilhas de *Boas Práticas de Manejo para o Extrativismo Sustentável de: Buriti, Mangaba, Umbu, Pequi e Coquinho Azedo*. Essas Cartilhas foram selecionadas para esse estudo por apresentarem conteúdos relacionados às práticas de extrativismo sustentável de frutos do Cerrado, naturalmente praticadas pelas comunidades Kalungas do nordeste goiano. Outro indicador importante para escolha do material é que seus conteúdos resultam da articulação de conhecimentos partilhados por coletores experientes de comunidades rurais e de vários anos de pesquisa científica de Pesquisadores da Embrapa Recursos Genéticos (CENARGEN) e seus parceiros.

Esse trabalho foi estruturado em quatro capítulos: o primeiro capítulo apresenta o delineamento metodológico da pesquisa qualitativa alicerçada na Etnografia Colaborativa para realizar o estudo; o segundo capítulo traz uma abordagem sobre a gênese da Educação do Campo no contexto das lutas dos movimentos sociais do campo por uma educação emancipadora e transformadora; apresenta a Licenciatura da Educação do Campo da UnB: concepção, princípios e experiência como política pública diferenciada; apresenta também o ambiente pedagógico formativo estimulado pelas Oficinas de Letramentos Múltiplos; o

Território Kalunga e a atuação da LEdoC com essas comunidades e finalmente a perspectiva dialógica em construção no contexto da Embrapa. O terceiro capítulo refere-se às análises e reflexões sobre o caminho percorrido durante o estudo e o quarto capítulo apresenta as conclusões.

## **CAPÍTULO 1: DELINEANDO O CAMINHO**

### **1.1. A Pesquisa qualitativa**

A pesquisa qualitativa emerge no final do século XIX, com a indagação de cientistas sociais quanto aos métodos positivistas de investigação nos estudos das ciências humanas. A partir da década de 80, a pesquisa qualitativa tornou-se popular, especialmente entre os pesquisadores sociais. Ainda assim, esse campo de pesquisa incorpora uma diversidade de pensamentos e significados acerca da dicotomia sobre as análises quantitativas e qualitativas na pesquisa.

Entretanto, André (2008) salienta que a questão não é desprezar uma análise quantitativa da pesquisa, pois quantidade e qualidade estão conectadas e interligadas numa pesquisa: “o mais importante é considerar todo o processo de produção do conhecimento no decorrer da pesquisa e complementar a análise com dados quantitativos e qualitativos, de modo a ampliar a perspectiva de análise da pesquisa” (ANDRE, 2008, p.27).

Na pesquisa qualitativa, considera-se a contextualização do objeto de investigação e todas as possibilidades de coleta de dados com a participação dos seus sujeitos. Bortoni-Ricardo (2009) salienta que a pesquisa qualitativa requer uma compreensão contextualizada dos fenômenos sociais, incluindo a interpretação do envolvimento dos sujeitos sociais no processo.

Para o estudo em questão optou-se por uma abordagem metodológica qualitativa alicerçada na Etnografia Colaborativa considerando que os sujeitos do campo – os educandos da LEdoC - são os protagonistas da Licenciatura em Educação do Campo, e estão em constante movimento, produzindo suas narrativas e histórias de vida, sendo eles também os sujeitos da pesquisa.

### **1.2. Pergunta exploratória**

Em que medida as Cartilhas “*Boas Práticas de Manejo para o Extrativismo Sustentável de: Buriti, Mangaba, Umbu, Pequi e Coquinho Azedo*” do acervo das Minibibliotecas, podem contribuir com a formação em letramentos múltiplos dos educandos da Turma V, da Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC/UnB/FUP), oriundos de comunidades Kalungas do nordeste goiano, considerando os contextos locais dessas comunidades?

### 1.3. Objetivo Geral e Objetivos Específicos

#### Objetivo Geral

Identificar potencialidades e limitações do uso das Cartilhas “*Boas Práticas de Manejo para o Extrativismo Sustentável de: Buriti, Mangaba, Umbu, Pequi e Coquinho Azedo*” do acervo das Minibibliotecas, nas estratégias de formação em letramentos múltiplos dos educandos da Turma V, da Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC/UnB/FUP), oriundos de comunidades Kalungas do nordeste goiano.

#### Objetivos Específicos

1. Identificar e examinar o conjunto de análises críticas das Cartilhas “*Boas Práticas de Manejo para o Extrativismo Sustentável de: Buriti, Mangaba, Umbu, Pequi e Coquinho Azedo*”, a ser produzido no Tempo-Escola pelos educandos da Turma V da LEdoC, oriundos das comunidades Kalungas do nordeste goiano;
2. Registrar o conhecimento construído socialmente sobre o uso alimentar e medicinal de frutos do Cerrado elaborado no Tempo-Comunidade pelos educandos da Turma V da LEdoC, oriundos das comunidades Kalungas do nordeste goiano;
3. Contribuir com a reflexão sobre as estratégias de produção de Cartilhas da Embrapa, selecionadas para as Minibibliotecas;
4. Contribuir com a formação intelectual crítica e autônoma desses educandos.

### 1.4. A Etnografia e a Etnografia Colaborativa

A Etnografia é um tipo de pesquisa qualitativa que tem raízes na Antropologia. No Século XIX, Bronislaw Malinowski e Margareth Mead desenvolveram estudos pioneiros neste tipo de pesquisa. Malinowski (1922), da Universidade de Oxford, ficou um longo período nas Ilhas Trobriand, uma comunidade localizada em Papua Nova Guiné, para estudar

o modo de vida, crenças e visão de mundo dessa comunidade. Ao longo do processo de observação participante, aplicação de entrevistas e outras atividades, construiu um sistema interpretativo da cultura desse povo. Foi criticado pelos positivistas pela falta de objetividade nos seus relatórios de pesquisa. Entretanto, outros pensadores compreenderam essa pesquisa como uma alternativa interpretativista de conduzir pesquisas qualitativas. Mead, da Universidade de Columbia, produziu em 1928, a primeira monografia etnográfica. (BORTONI-RICARDO, 2009).

A Etnografia preocupa-se com a observação contínua sobre os modos de vida e a cultura de determinados povos. Na observação, questiona-se sobre os acontecimentos e as características importantes do contexto local. É aí que se inicia o processo de geração, interpretação e análise de dados. Esse é um processo contínuo que se retroalimenta durante a pesquisa. André (2008) salienta ainda que:

A Etnográfica representa um esquema de pesquisa desenvolvido por antropólogos para estudar a cultura e a sociedade. Etimologicamente etnografia significa descrição cultural. Para os antropólogos o termo tem dois sentidos: (1) conjunto de técnicas que usam para coletar dados sobre os valores, os hábitos, as crenças, as práticas e os comportamentos de um grupo social e (2) um relato escrito resultante do emprego dessas técnicas. (ANDRÉ, 2008, p.27).

### **Etnografia Colaborativa**

A pesquisa etnográfica colaborativa possui raízes na tradição da Teoria Social Crítica, oriunda do marxismo, neomarxismo e da Escola de Frankfurt e objetiva não só descrever, mas também, promover mudanças no ambiente pesquisado. (BORTONI-RICARDO, 2009).

Este tipo de pesquisa possibilita uma análise mais integrada, pois tem ênfase no processo. Preocupa-se com as visões de mundo das pessoas envolvidas. Envolve o trabalho de campo em que o pesquisador se integra ao ambiente da pesquisa, e pode ter uma duração maior ou menor, dependendo do tipo de pesquisa, da coleta de dados, etc. Assim, a pesquisa etnográfica possibilita ao pesquisador, reunir uma diversidade de dados coletados por diferentes instrumentos, que juntos, constituem o tecido da pesquisa em questão. André (2008) salienta essa possibilidade:

O pesquisador se utiliza de grande quantidade de dados descritivos: situações, pessoas, ambientes, depoimentos, diálogos, que por ele são reconstruídos em forma de palavras ou transcrições literais. (ANDRÉ, 2008, p.29).

Além disso, a Etnografia permite a elaboração de um plano de trabalho flexível e aberto que se adequa a realidade e pode ser modificado de acordo com as necessidades e descobertas ao longo do processo. O pesquisador alimenta e retroalimenta a pesquisa de acordo com as suas reflexões e análises.

A coleta dos dados é contínua e progressiva. O objeto da pesquisa é a ação-reflexão-ação dos sujeitos envolvidos. A pesquisa tem caráter interpretativo e se inicia com algumas perguntas exploratórias. Bortoni-Ricardo (2009) afirma ainda que “em todo o processo o formador etnográfico vai progressivamente envolvendo-se em exercícios de construção da teoria sobre as ações que esta observando”. (BORTONI-RICARDO, 2009, p.76).

A Etnografia permite o exercício constante sobre o referencial teórico, sobre a metodologia e sobre as ferramentas e técnicas definidas para a execução da pesquisa. É um pensar e repensar constante sobre o processo de produção do conhecimento na pesquisa. O pesquisador registra diariamente os eventos, as pessoas e suas impressões durante as atividades desenvolvidas. Faz gravações em determinados momentos (áudio e ou vídeo), buscando, entretanto, preservar o ambiente no qual está observando e participando. Esse é um momento importante no processo de produção da pesquisa do tipo etnográfica.

É no ambiente de realização da pesquisa que se faz a coleta e análise de dados, por meio de uma negociação prévia com os responsáveis sobre a natureza e objetivos da pesquisa e sobre os procedimentos para participação ativa do pesquisador nesse ambiente. O pesquisador participa do processo de construção do conhecimento. “A pesquisa deve ser regida por princípios de ética, que preservem os colaboradores que se dispuserem a participar”. (BORTONI-RICARDO, 2009, p.57). Ainda segundo a autora:

A coleta de dados não se limita em um processo intuitivo de observações e de registros num determinado ambiente. Neste tipo de pesquisa reconhece que o olho do observador interfere no objeto observado, o olhar de pesquisador já é uma espécie de filtro no processo de interpretação da realidade com a qual se defronta. Esse filtro está associado á própria bagagem cultural dos pesquisadores. (BORTONI-RICARDO, 2009, p. 58). *Visão social estereoscópica* (Erickson, 1990).

Bortoni-Ricardo (2009) incita a reflexão sobre o olhar do pesquisador diante da sua pesquisa. A autora salienta que o paradigma interpretativista pressupõe que como o pesquisador está inserido na sociedade e em uma cultura, faz parte do mundo da pesquisa e, portanto tem sua visão própria de mundo. Suas análises são permeadas por crenças e visões de mundo. Assim, de acordo com a autora, “o pesquisador não é um relator passivo, e sim um

agente ativo na construção do mundo. Sua ação investigativa tem influencia no objeto da investigação e é por sua vez influenciada por esse”. (BORTONI-RICARDO, 2009, p. 58).

Cabe ao pesquisador, manter uma postura permeada pela ética, pelo respeito ao outro e pela construção de uma relação de confiança com os sujeitos da pesquisa. O pesquisador necessita ter um olhar cuidadoso e vigilante sobre a realidade estudada, considerando culturas, valores e identidades. Ele também está engajado no contexto da pesquisa. Todos são sujeitos e produtores de conhecimento. Todos intervêm conscientemente.

#### **1.4.1. Contexto Metodológico**

A pesquisa se desenvolveu no ambiente formativo da Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC). Para compreender o contexto e vivenciar as experiências dos educandos, buscou-se a imersão no dia-a-dia, participando ativamente das atividades formativas e ajustando as dinâmicas de uso de Cartilhas das Minibibliotecas na proposta pedagógica de formação em letramentos múltiplos dos educandos da Turma V, da Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC/UnB/FUP).

Considerando que a pesquisa etnográfica colaborativa é também parte do processo formativo da pesquisadora, dos educadores e dos educandos, especialmente do educandos oriundos das comunidades Kalungas envolvidas, a construção da dissertação se deu simultaneamente ao desenvolvimento das atividades formativas, no sentido de produzir um documento que abarcasse a experiência vivenciada por todos os sujeitos.

As Cartilhas de *Boas Práticas de Manejo para Extrativismo Sustentável de Buriti, Mangaba, Umbu, Pequi e Coquinho Azedo*, das Minibibliotecas, foram utilizadas nas atividades formativas de letramentos múltiplos (produção textual: resenhas e narrativas) desenvolvidas nos tempos formativos da LEdoC: Tempo-Escola (TE) e Tempo-Comunidade (TC). Buscou-se assim, a identificação de potencialidades e limitações no uso dessas nas Cartilhas, relacionando seus conteúdos ao contexto de origem dos educandos da LEdoC oriundos de comunidades Kalungas do nordeste goiano.

A partir de uma postura investigativa, mas cuidadosa, buscou-se a construção de um olhar contextualizado sobre esse ambiente pedagógico, especialmente, durante as Oficinas de Letramentos, mediadas pela Professora colaboradora<sup>1</sup>. Neste período, buscou-se construir

---

<sup>1</sup> A Professora colaboradora é professora efetiva do Instituto Federal de Roraima, graduada em Letras pela Universidade Federal de Roraima, Mestre em Ciência da Educação pela Universidade de Matanzas Camilo Cienfuegos – Cuba, doutoranda do Programa de Pós-graduação em Linguística da UnB na área de Sociolinguística e atua como colaboradora da Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC) no Campus da Faculdade de Planaltina da UNB.

laços de confiança e afinidade com os educandos e com a Professora Colaboradora, dialogado e negociando os espaços do ambiente pedagógico para a realização das atividades programadas na pesquisa, como observadora e pesquisadora, e em consonância com as oficinas de letramento, interagindo naturalmente no ambiente pedagógico, considerando a importância de se preservar esse ambiente na sua essência. (BORTONI-RICARDO, 2009).

### **Atividades desenvolvidas nos tempos de formação:**

**Tempo-Escola:** participação nas aulas de letramento, realização de oficinas de leitura e escrita, produção de resumos e resenhas, acompanhamento individual das atividades de letramento em sala de aula.

Objetivo: A produção de resenhas buscou oportunizar o exercício de análise crítica sobre os conteúdos dessas Cartilhas, relacionando-as aos contextos de origem dos educandos, especialmente dos educandos oriundos das comunidades Kalungas. Foram produzidas 45 resenhas pelos educandos da Turma V da Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC UnB/FUP).

**Tempo-Comunidade:** Acompanhamento e orientação dos educandos para a realização de narrativas com pessoas das suas comunidades Kalungas, a partir da reflexão sobre a produção textual produzida nas análises das Cartilhas das Minibibliotecas.

Objetivo: Produzir narrativas, sob o olhar constituído a partir da produção das resenhas das Cartilhas, buscando identificar e registrar as práticas sustentáveis de uso dos frutos de Cerrado nestas comunidades Kalungas. A atividade de campo foi programada como parte da pesquisa etnográfica colaborativa, para o reconhecimento do contexto local dessas comunidades Kalungas e para a produção de narrativas sobre as histórias de vida de algumas pessoas das comunidades com foco no uso dos frutos do Cerrado, relacionando os conteúdos das Cartilhas estudadas no Tempo-Escola. Além disso, buscou-se também orientar os educandos para a realização dessas narrativas com pessoas das suas comunidades Kalungas, como exercício metodológico de produção textual (narrativas) que possa contribuir com a preparação destes na produção futura de seus projetos de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Os educandos também produziram narrativas, buscando integrar suas percepções à produção das narrativas em suas Comunidades de origem.

### **1.4.2. Análise de dados**

Para proceder à análise de todo o material produzido no período da pesquisa realizada, organizou-se, cronologicamente, todas as fontes de dados coletadas, nas diferentes ferramentas e técnicas utilizadas (observação, registros de campo, gravações eletrônicas e registros da produção textual: resenhas e narrativas), nos ambientes formativos da LEdoC: Tempo-Escola e Tempo-Comunidade. A partir daí, feitas leituras e releituras sobre toda a produção coletada, foram identificados os pontos relevantes e as categorias de análise. Conforme assinala Bortoni-Ricardo (2009), esse é um trabalho dinâmico e complexo, que permeia todo o processo de construção da dissertação e que requer um olhar investigativo, primoroso e cuidadoso.

A abordagem metodológica ancorada na Etnografia colaborativa, permitiu constituir um olhar contextualizado sobre os educandos da Licenciatura em Educação do Campo, especialmente dos educandos da Turma V, considerados os sujeitos dessa pesquisa. A observação contínua sobre o ambiente pedagógico da LEdoC contribuiu com o processo de geração, interpretação e análise de dados, possibilitando uma análise mais integrada, a reflexão contínua sobre o referencial teórico e a construção da presente Dissertação.

## **CAPÍTULO 2: ALICERCE TEÓRICO E CONTEXTO DA PESQUISA**

Eu acho que a maneira pela qual a educação ocidental tem crescido ao longo dos últimos séculos, especialmente com o crescimento da industrialização, foi basicamente não para criar seres humanos totalmente preparados para lidar com a vida e todos os problemas dela, cidadãos independentes capazes de exercitar suas decisões e viver suas responsabilidades em comunidades, mas sim elementos para alimentar um sistema de produção industrial. Eles eram elementos com conhecimento parcial. Nós migramos da sabedoria para o conhecimento e agora estamos migrando do conhecimento para a informação. E essa informação é tão parcial que estamos criando seres humanos incompletos. Vandana Shiva – Navdanya – Fundação de Pesquisa pela Ciência, Tecnologia e Ecologia. (ESCOLARIZANDO o mundo, 2013, 17:09-17:47).

### **2.1. EDUCAÇÃO DO CAMPO**

#### **2.1.1. EDUCAÇÃO DO CAMPO: Concepção Política, Histórica e Trajetória**

Para compreender a gênese da Educação do Campo como política pública, serão apresentados alguns conceitos-chave relacionados à *tríade: campo, políticas públicas e educação*. Esta tríade auxilia no entendimento sobre as dinâmicas socioeconômicas e políticas constituídas na sociedade capitalista no meio rural, que foram estabelecidas historicamente por um modelo de desenvolvimento produtivista, excludente e perverso, que desconsiderou a trajetória dos povos do campo - suas especificidades, suas culturas, a relação homem-natureza e sociedade e a produção familiar local - no caminho da exploração do homem e da natureza e a favor da concentração de poder, incluindo a posse da terra, dos meios de trabalho, da produção e de toda a força de trabalho do homem do campo.

A modernização da agricultura caracterizou esse modelo produtivista até então justificado pelo aumento da produtividade agrícola e da garantia da Segurança Alimentar, conceituada por Stédile e Carvalho (2012) como “uma política pública que preconiza ao Estado o dever de prover os recursos para que as pessoas se alimentem, através da distribuição de alimentos, cestas básicas, tíquetes de refeições, além dos programas de renda mínima e de cartões como Bolsa Família”. (STÉDILE E CARVALHO, 2012, p.714)

Alentejano (2012) pontua que a modernização da agricultura foi concebida como um contraponto às propostas de Reforma Agrária da esquerda brasileira no período de 1950-1960, justificado pelo desenvolvimento da capacidade produtiva da agricultura brasileira sem a distribuição de terras, contrariamente aos defensores da Reforma Agrária que consideravam

esta uma condição indispensável para o desenvolvimento da agropecuária brasileira. Após o golpe de 1964 e da instauração da ditadura, o Estado impulsionou esse processo de modernização, com a produção de máquinas e insumos para a agricultura, com a criação de um sistema de pesquisa e extensão e com o aporte financeiro. O reforço do Estado foi decisivo para a difusão de um novo padrão produtivo.

A Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), fundada em 1972, desenvolveu uma série de pesquisas voltadas para a adaptação de variedades às condições climáticas e pedológicas brasileiras, das quais o principal exemplo foi a adaptação da soja ao cerrado. De outro, técnicos agrícolas, agrônomos, veterinários e extensionistas rurais, formados segundo os cânones da Revolução Verde, difundiram as modernas técnicas entre os agricultores. Em 1974, o Governo Federal criou a Empresa Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural (Embrater) para uniformizar tais práticas de Assistência Técnica e Extensão Rural. (ALENTEJANO, 2012, p.478).

A modernização da agricultura ensejou o latifúndio e a exploração da terra e, conseqüentemente, o alijamento de grande parcela de agricultores, aumentando a pobreza e as desigualdades desses sujeitos do campo. O impacto ideológico promoveu mudanças nos mercados, nos meios de comunicação e no padrão tecnológico imposto e justificado como superior à forma tradicional de produção dos agricultores. Esta imposição reforçou a expropriação econômica e dos saberes, tornando a maioria dos agricultores dependentes das tecnologias e dos processos produtivos, e principalmente distantes da Soberania Alimentar. (ALENTEJANO, 2012).

Stédile e Carvalho (2012) salientam que a Soberania Alimentar é fundamental na garantia do protagonismo de um povo na produção dos seus próprios alimentos.

Um conjunto de políticas públicas e sociais que devem ser adotadas por todas as nações, em seus povoados, municípios, regiões e países, a fim de se garantir que sejam produzidos os alimentos necessários para a sobrevivência da população de cada local. Esse conceito revela uma política mais ampla do que a Segurança Alimentar, pois parte do princípio de que, para ser soberano e protagonista do seu próprio destino, o povo deve ter condições, recursos e apoio necessários para produzir seus próprios alimentos. (STÉDILE e CARVALHO, 2012, p.715).

A modernização da agricultura trouxe no seu bojo a disseminação da Revolução Verde, caracterizada por Pereira (2012), como um pacote tecnológico: insumos químicos, sementes de laboratório, irrigação, mecanização, grandes extensões de terra, conjugada ao difusionismo tecnológico, bem como a uma base ideológica de valorização do progresso. A Revolução Verde, segundo seus defensores, seria a solução para acabar com a crise de

alimentos. No entanto, esse pacote tecnológico contribuiu decisivamente para a marginalização de grande parte da população rural, resultando em êxodo rural, dependência dos agricultores da ciência e da indústria, além da degradação ambiental.

O cultivo da terra pelos agricultores com base na fertilização do solo pela matéria orgânica realizado por milênios, foi sendo substituído pela utilização de substâncias químicas, orientada por técnicos e vendedores, levando a adubação química industrial. A seleção de variedades vegetais, realizadas desde o início da agricultura, passou a ser controlada em laboratórios, com a seleção de linhagens vegetais melhoradas. Na matriz energética de produção foi introduzido o motor de combustão interna, no lugar da tração animal, fonte de energia de base renovável da agricultura tradicional camponesa. (PEREIRA, 2012, p. 686).

Além da exploração do homem e do meio ambiente, o pacote tecnológico da Revolução Verde ensejou o uso de sementes transgênicas - modificação genética de organismos, plantas, animais e alguns vírus. A Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO) adverte que para a prevenção contra os riscos de implicações sócio-ambientais do uso dos transgênicos na saúde humana e na natureza é imprescindível o estabelecimento de normas adequadas de biossegurança<sup>2</sup>, a análise de riscos dos produtos biotecnológicos e a criação de mecanismos e instrumentos de monitoramento e rastreabilidade. (AUGUSTO, 2012).

Finalmente, o agronegócio, representa esse modelo de desenvolvimento produtivista caracterizado pelas monoculturas, pelo uso intensivo de sementes transgênicas, de insumos químicos, da concentração fundiária, da exploração do trabalho humano e da natureza e traduz bem o processo de modernização e industrialização da agricultura. Leite e Medeiros (2012) salientam que, na concepção do agronegócio, as experiências dos agricultores familiares, assentados e comunidades tradicionais estão atrasadas num meio rural cada vez mais industrializado.

Considerando essa visão de agricultores atrasados é que o agronegócio tem fomentado preocupação com a educação dos jovens do campo numa tentativa imperativa de promover uma intervenção educativa de formação tecnicista para os jovens do campo, parte da concepção de desenvolvimento produtivista com a inserção desses jovens como trabalhadores a serviço do agronegócio. De um modo geral, os órgãos governamentais têm estimulado

---

<sup>2</sup> A biossegurança é o conjunto de ações voltadas para a preservação, minimização ou eliminação dos riscos inerentes às atividades de pesquisa, produção, ensino, desenvolvimento tecnológico e prestação de serviços, riscos que podem comprometer a saúde humana, dos animais, das plantas e do meio ambiente. (Teixeira (1996) *apud* Augusto (2012)).

políticas públicas com o enfoque na aquisição de conhecimentos e habilidades necessárias para suprir a demanda de mão de obra qualificada para o mercado de trabalho.

Entretanto, na contramão da massificação hegemônica no meio rural, que determina modos de se viver e de se apropriar dos recursos naturais, estão os trabalhadores do campo (agricultores familiares, ribeirinhos, quilombolas, quebradeiras de coco, castanheiros, assentados da Reforma Agrária, catingueiros, caiçaras, cerradeiros, faxinalenses e vazanteiros), que são caracterizados pela diversidade cultural, social e econômica, pelas formas de apropriação da terra e de relações com a natureza e suas tradições culturais. Esses sujeitos do campo estão submetidos ao controle e à exploração do capital e também sujeitos ainda à expropriação pelo avanço da concentração fundiária e pelo confronto aberto ou latente com as classes dominantes do campo. Historicamente, têm pautado o Estado no debate permanente pela construção de um projeto educativo transformador e emancipador no caminho da Soberania Alimentar.

Mendonça (2012) afirma que, na concepção marxista, o Estado tem um caráter próprio, construído historicamente por grupos sociais de interesses em comum e que buscam a garantia da produção e reprodução da sua existência. Considerando que o Estado não é sujeito nem objeto, mas sim a condensação das relações presentes numa dada sociedade, Gramsci propõe o conceito de Estado ampliado – formado pela sociedade civil (compreendida pelo conjunto dos agentes sociais, associados nos aparelhos privados da hegemonia e organizados pelos intelectuais orgânicos de uma classe) e a sociedade política (engloba o conjunto de aparelhos e de agências do poder público). “Dialeticamente, o Estado ampliado resulta das múltiplas formas de organização e conflito inerentes á vida social e representa o conjunto das relações presentes numa dada sociedade”. (MENDONÇA, 2012, p.351).

Neste sentido, o Estado não é uma entidade neutra e seus aparelhos de hegemonia (igreja, saúde, educação, justiça, outros) estão a serviço da classe dominante, sedimentando vontades coletivas (modos de ser, de pensar, de agir) no conjunto da sociedade de acordo com as ideologias da classe dominante. Assim, se constitui a organização do poder do Estado (Sociedade política). Gramsci acrescenta ao conceito de Estado ampliado, o conceito de cultura, considerando que cultura e política não se separam.

Cultura para Gramsci compõe-se dos projetos e visões de mundo, em permanente disputa, desenvolvidos por cada classe ou fração, e pautados por valores, crenças e autopercepções de indivíduos e grupos sobre seu lugar social. É a disputa pela afirmação da hegemonia de uma fração de classe organizada em seus aparelhos de hegemonia – que institui a política e o Estado ampliado, ambos, indissociáveis da cultura. Para Gramsci, cultura e política são inseparáveis. (MENDONÇA, 2012, p.351).

A hegemonia tem papel preponderante na disputa por projetos e visões de mundo. É responsável pela formação de um consenso em torno de uma ideia. É dinâmica e envolve o conjunto da vida social em todas as suas práticas, recupera a totalidade concreta. Remete á experiência vivida do sujeito, introduzida no dia a dia das relações sociais. Não dispensa o exercício da coerção, quando esta se faz necessária. A hegemonia é uma relação educativa, pedagógica, a ser exercida especialmente pelo intelectual orgânico. (PRONKO e FONTES, 2012).

Santos Neto (2009) pontua que o intelectual, segundo Gramsci, é um persuasor permanente, e favorece a construção da vontade coletiva de um grupo, atuando num aparelho de hegemonia. O autor ressignifica o conceito de hegemonia e faz a discussão sobre hegemonia e contra-hegemonia que é a disputa dentro do Estado.

Assim, toda relação de hegemonia é também uma relação pedagógica uma vez que promove a atitude passiva diante da dominação ideológica, ou então, o seu contrário: a consciência crítica e a luta político-ideológica, pois as classes subalternas para chegarem ao poder hegemônico precisam elaborar a sua própria ideologia ou visão de mundo coerente e homogênea, de tal forma a terem condições de enfrentamento com a ideologia dominante. (SANTOS NETO, 2009, p. 8).

Gramsci (1968) citado por Aggio (1998) amplia o conceito de intelectual considerando que qualquer pessoa com ou sem nenhuma instrução, tem potencial para ser um intelectual, definido por sua capacidade de liderar e organizar outros homens. “Assim, o sindicalista, o militante político, o padre ou o líder camponês também podem ser tratados como intelectuais, pois organizam o tecido social, refletem sobre si mesmos e sobre sua relação com a sociedade”. (AGGIO, 1998, p.125).

A escola, segundo Gramsci, é um espaço dinâmico e em construção permanente da hegemonia - caracterizada como uma prática que envolve todo o conjunto da vida social, que é introduzida no dia a dia das relações sociais e que tem caráter pedagógico, visto que influencia sobremaneira o posicionamento do sujeito de forma passiva e alienada sobre os processos de reprodução da sociedade capitalista.

Entretanto, a escola poderá se converter em um espaço dinâmico de contra-hegemonia numa perspectiva crítica e transformadora. Neste espaço, a educação poderá assumir papel preponderante na formação do sujeito crítico e consciente do seu papel como agente transformador: O intelectual orgânico definido por Gramsci como um formador de opinião permanente na construção coletiva do pensamento de um grupo social: É um sujeito que

pensa um projeto de classe, dentro de um grupo social, seja ele dominante ou não e tem papel decisivo na produção de conhecimentos. (SANTOS NETO, 2009).

A Licenciatura em Educação do Campo da Universidade de Brasília assume formas de intervenção e práticas educativas características de uma educação crítica e transformadora alicerçada nas identidades dos sujeitos do campo e com a perspectiva da formação de sujeitos construtores de conhecimentos, formadores de opinião e capazes de intervir na história promovendo suas culturas nos espaços em que estão inseridos para transformar suas realidades. Sujeitos dotados de autonomia e autoria, na construção de suas histórias de vida.

Molina (2012b) salienta que a universidade, como entidade produtora do saber, é um espaço em disputa e se constitui num fórum privilegiado para o embate teórico e prático.

[...] Uma das intencionalidades que marcam a entrada dos movimentos camponeses na luta pelo direito a educação é disputar o espaço acadêmico de produção do saber, afirmando seu papel contra-hegemônico e do lugar do campo nesse novo projeto. (MOLINA, 2012b, p.471.)

A autora adverte a disputa de dois projetos antagônicos por dentro do sistema capitalista, relacionados aos direitos e as políticas públicas que devem traduzir a ação do Estado, com programas que materializem os direitos constitucionais, especialmente os direitos humanos.

Entretanto, Alfonsin (2012) alerta que ainda que os direitos humanos sejam considerados inerentes aos seres humanos e busquem a satisfação das necessidades vitais, são desconhecidos pela maioria das pessoas que são vítimas de injustiças, ocasionando a fome, a doença, a ignorância, a insegurança, dentre outros. Os direitos humanos estão em contínua disputa no Estado e em permanente processo de construção e reconhecimento. O exercício pleno dos direitos humanos se traduz em autonomia, liberdade de expressão e de expressões culturais, ambientais e outros. “Os direitos humanos que garantem a igualdade visam principalmente, eliminar desigualdades que não se justificam, nem econômica, nem política, nem socialmente”. (ALFONSIN, 2012, p.226).

A Educação do Campo assume a disputa pela educação como política pública, mas não apenas a garantia do acesso á educação, mas principalmente o direito desses sujeitos de acesso á educação nos seus contextos locais e de acordo com as suas necessidades humanas e sociais e especialmente, considerando as suas culturas. Segundo Molina (2012b), na concepção da Educação do Campo, o espaço rural é território para a produção de vida e de novas relações sociais, de novas relações entre homens e a natureza e entre o rural e o urbano.

E é partindo da constatação da insuficiência das políticas gerais de universalização do acesso à educação, especialmente citando a situação educacional (humana e social) do campo, empreendida pelo Sistema Educacional Brasileiro, que a dinâmica social do campo tem fomentado o debate sobre projetos de desenvolvimento do campo em questões da realidade vivida pela população do campo como o acesso insuficiente á educação e, além do acesso, a uma educação que considere as dinâmicas sociais das lutas sociais dos trabalhadores do campo e que dialogue com todo o debate pedagógico posto no conjunto da sociedade.

A Educação do Campo representa a materialização de um projeto educativo contextualizado caracterizado especialmente pelo protagonismo dos movimentos sociais e compõe a luta histórica desses movimentos frente aos desafios impostos pelo modelo capitalista de desenvolvimento. (SANTOS, 2009, p.29).

Assim, a Educação do Campo tem se constituído como um projeto de educação emancipadora e transformadora para os sujeitos do campo, concebido a partir das críticas desses sujeitos ao Sistema Educacional Brasileiro. É marcada pela pressão histórica dos movimentos sociais na luta por um projeto de educação contextualizado e emancipador. Essa proposta educativa tem apresentado indícios de mudanças de paradigmas na produção de novos conhecimentos além das mudanças na estrutura formal educacional: 1) o projeto político pedagógico traz o princípio da transdisciplinaridade na base da sua matriz curricular; 2) a indissociabilidade entre teoria e prática e 3) a modalidade de Alternância (Tempo-Escola e Tempo-Comunidade).

Segundo Caldart (2010), o projeto educativo está naturalmente vinculado aos trabalhadores do campo e de uma concepção de educação regida sob os princípios da Soberania Alimentar, do direito dos povos às sementes e á água, a agroecologia e a cooperação agrícola. Sob a concepção da práxis como princípio educativo, pontua os conteúdos e como estão sendo produzidos: a ação educativa se inicia com as experiências dos sujeitos contribuindo com a reapropriação (teórica) do conhecimento (coletivo) que produzem através dela. A característica de problematizar o conhecimento produzido é reforçada no FONEC:

Na reafirmação da importância da democratização do conhecimento, do acesso da classe trabalhadora ao conhecimento “historicamente acumulado”, ou produzido na luta de classes, a Educação do Campo traz junto uma problematização mais radical sobre o próprio modo de produção do conhecimento, como crítica ao mito da ciência moderna, ao cognitivismo, à racionalidade burguesa insensata; como exigência de um vínculo mais orgânico entre conhecimento e valores, conhecimento e totalidade do processo formativo. (FONEC, 2012, p. 6)

A Educação do Campo tem se caracterizado como uma proposta contra-hegemônica de educação emancipadora que pretende formar sujeitos críticos e construtores da sua história – os intelectuais orgânicos, segundo Gramsci. É pautada pelo debate e protagonismo dos movimentos sociais sobre às políticas públicas, especialmente sobre a educação. O embate versa sobre as características que as políticas públicas devem ter para, de fato, serem capazes de garantir aos camponeses os direitos dos quais estiveram privados por tantos séculos.

É preciso elaborar um pensamento contra-hegemônico, não somente como pensamento filosófico rigorosamente articulado, mas também como prática educativa, no cotidiano das escolas, que permita a ascensão das massas exploradas a outro patamar, ou então, que permita que as idéias dominantes sejam desconstruídas e reinventadas em direção à construção de outra sociedade, de outro mundo possível. (SANTOS NETO, 2009, p. 9).

A trajetória da Educação do Campo começa a se emoldurar em 1997 com o I Encontro Nacional de Educadores e Educadoras da Reforma Agrária (ENERA), constituído para celebrar dez anos de educação do Movimento dos Sem Terra (MST) e para refletir sobre os acúmulos das suas práticas educativas e sobre a escola defendida para os assentamentos. Teve um papel importante no nascimento da Educação do Campo: contribuiu com a reflexão sobre a educação como um todo refletindo sobre as áreas de Reforma Agrária e sobre o conjunto do meio rural. Mobilizou parcerias com universidades e a proposta de articulação destas em torno da Reforma Agrária. O ENERA representou o embrião do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA). (MOLINA, 2010).

O PRONERA construiu uma gama de experiências diversas empreendidas pelas universidades públicas brasileiras e escolas agrotécnicas, em nível nacional com a oferta de cursos superiores; cursos técnicos profissionalizantes; e Educação de Jovens e Adultos (EJA).

A I Conferência Nacional da Educação do Campo aconteceu em 1998: vinte e três encontros estaduais preparatórios com texto base. Os movimentos que atuam no campo com educação contribuíram para pautar o rural no debate sobre as políticas públicas. É considerada precursora do reconhecimento da Educação do Campo como política pública.

Em 2002 aconteceu o I Seminário Nacional da Educação do Campo, reforçando a necessidade do Estado brasileiro ampliar e reconhecer as práticas educativas do campo. O evento apontou também a necessidade de apoiar a formação em diferentes níveis de escolarização e de se constituir uma Política Nacional de Educação do Campo.

A II Conferência Nacional da Educação do Campo aconteceu em 2004, buscando um Sistema Público de Educação do Campo. Contou com a participação de mais de mil

representantes de todos os Estados brasileiros, articulando movimentos sociais rurais, diversas universidades e órgãos governamentais, dentre eles o Ministério da Educação (MEC) e o Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA).

Esse evento contribuiu para repautar o rural na agenda governamental: a elaboração de uma política pública de formação de educadores do campo, pela Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI-MEC), a partir da constituição de projetos pilotos nas universidades públicas brasileiras de cursos de Licenciatura em Educação do Campo.

A inserção da Educação do Campo como um segmento de educação formal dentro da SECADI-MEC inaugura uma nova maneira de fazer política pública: os protagonistas são os sujeitos do campo – o Estado atua em diálogo com os protagonistas do campo.

No período de 2004 a 2007 aconteceram as primeiras experiências pilotos da Licenciatura em Educação do Campo em quatro universidades. Até 2012, mais de trinta universidades já tinham ofertado a Licenciatura em Educação do Campo em todo o País.

Os Marcos Legais da Educação do Campo resultam de toda a mobilização histórica em torno da educação como política pública específica para os povos do campo e é traduzida como política do Estado. O Decreto 7352 de 2010 explicita as escolas do campo e eleva a Educação do Campo á política do Estado.

Mantém-se nesse instrumento legal que eleva a Educação do Campo á política do Estado, não só a demarcação das escolas do campo neste território, mas também a importante definição de que sua identidade não se dá somente por sua localização geográfica mas também pela identidade dos espaços de reprodução social (de vida e trabalho), dos sujeitos que acolhe em seus processos educativos, nos diferentes níveis de escolarização ofertados. (MOLINA, 2012b, p. 327);

São referenciais tanto quanto importantes o Parecer CNE/CEB 36/2001 e a Resolução CNE/CEB 1/2002 que instituiu as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo e o Parecer CNE/CP 009/2001 e a Resolução CNE/CP 1/2002 que instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, Curso de Licenciatura.

O Programa Nacional de Educação do Campo (PRONACAMPO) foi lançado no dia 04 de março de 2012 e representou uma ação governamental do MEC na instituição de uma Política Nacional de Educação do Campo. Ainda que o Programa considere as experiências dos movimentos sociais, tem-se a compreensão de que a universidade pública é um espaço em

constante disputa entre distintos projetos de desenvolvimento que se contrapõem dialeticamente.

O lançamento do PRONACAMPO foi um dos fatores que motivaram a realização do II Seminário Nacional de Educação do Campo (FONEC), que aconteceu em 2012, buscando promover uma análise coletiva contextualizada do momento atual da Educação do Campo no Brasil, à luz do acúmulo das experiências empreendidas e em torno do retorno da educação rural tradicional, atualizada pelas novas demandas de reprodução do capital no campo, ao cenário Brasileiro (FONEC, 2012).

## **2.2. A LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO – LEdoC**

### **2.2.1. Projeto-Político-Pedagógico, Concepção Formativa e Proposta Curricular**

A Licenciatura em Educação do Campo se insere no contexto de luta social por ampliação da rede de escolas públicas que ofertem a Educação Básica no e do campo e a criação de alternativas de organização curricular e de trabalho docente que contemplem as especificidades do campo. Institucionalizada em 2007, como modalidade de ensino superior, a Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC) pretende formar e habilitar profissionais para atuação no ensino fundamental e médio nas escolas de Educação Básica do campo. É um curso regular da Universidade de Brasília (UnB) e realiza-se no sistema de alternância, subdividindo-se em Tempo-Escola e Tempo-Comunidade. Molina e Sá (2012b) salientam que “A alternância (T.E. e T.C.) tem articulação intrínseca entre educação e realidade específica das populações do campo e busca facilitar o acesso e a permanência no curso dos professores em exercício”. (MOLINA e SÁ, 2012b, p.466).

As autoras destacam que a Educação do Campo compreende, reconhece e valoriza as diferentes dimensões formativas presentes nos processos culturais, de reprodução social e nas relações de trabalho vividas pelos sujeitos do campo em suas lutas cotidianas. A alternância articula os espaços formativos – escola e comunidade – agregando ao rigor científico a diversidade de conhecimentos e saberes dos contextos locais. (MOLINA e SÁ, 2012b).

Ao educador, permite a compreensão da educação como prática social que mobiliza a escola e a comunidade em torno das lutas coletivas dos sujeitos do campo.

Desde o início do movimento da Educação do Campo, expressa-se a necessidade de forjar um perfil de educador que seja capaz não apenas de compreender as contradições sociais e econômicas enfrentadas pelos sujeitos que vivem no território rural, mas também de construir com eles práticas educativas que os instrumentalizem no enfrentamento e na superação dessas contradições. (MOLINA e SÁ, 2012b, p. 471).

São elementos fundantes do Projeto Político Pedagógico da LEdoC: ações afirmativas de ampliação da oferta de educação para o meio rural, expansão da rede, criação de alternativas de organização curricular e trabalho docente específicos, formação do educador do campo capaz de propor transformações político-pedagógicas para a população do campo, atuação educativa em equipe e a docência multidisciplinar por áreas do conhecimento. (MOLINA e SÁ, 2012b).

A concepção formativa da Educação do Campo é a de propiciar um espaço para a formação do sujeito crítico. Tem como características importantes: o regime de alternância – compreensão teórica, metodológica e epistemológica: Tempo Comunidade – Tempo Escola; a relação dos educandos com a natureza – diferencial e define as relações de trabalho de outra forma; a Educação no e do Campo – vinculada aos valores e no espaço rural. O campo é compreendido como um espaço para a produção da vida, de novas relações sociais e entre os homens e a natureza, de novas relações entre o rural e o urbano. “A LEdoC pretende alcançar três dimensões na formação dos educadores: preparar para a habilitação da docência por área de conhecimento, para a gestão de processos educativos escolares e para a gestão de processos educativos comunitários”. (MOLINA e SÁ, 2012b, p.468).

O princípio formativo da Licenciatura em Educação do Campo visa contribuir com a formação ampla do educador para que tenha compreensão das condições de vida e das lutas dos trabalhadores do campo e das habilidades necessárias para contribuir com os processos de transformação desta realidade.

Sua compreensão exige visão ampliada dos processos de formação dos sujeitos do campo. A Educação do Campo compreende os processos culturais; as estratégias de socialização; as relações de trabalho vivida pelos sujeitos do campo em suas lutas cotidianas para manterem esta identidade, como elementos essenciais de seu processo formativo. (MOLINA, 2012a, p.39).

Os espaços formativos da Educação do Campo reconhecem os sujeitos do campo, suas culturas, suas especificidades e principalmente a necessidade de promover uma formação integral que contribua com a inserção desses educadores nos espaços de luta e de construção de alternativas transformadoras para o meio rural.

O desafio pedagógico desta proposta é de criar um projeto educativo integral, coerente, que produza valores, convicções, visão de mundo, consciência organizativa, capacidade de ação, sentido pleno de ser humano. Trata-se de articular no dia a dia dos cursos ou das atividades formativas as práticas organizativas, o trabalho, a inserção nas lutas, o conhecimento, que se articulem com as questões da vida dos sujeitos camponeses que estão inseridos nesta Licenciatura. (MOLINA, 2012a, p.43).

Essa concepção de formação pretende superar a concepção de educador genérico único de docente-educador conforme definido por Arroyo (2012). Segundo o autor, os movimentos sociais acrescem à formação desses educadores do campo suas marcas políticas, concepções na formação de educadores críticos e reflexivos, além de contribuírem com a reformulação de políticas públicas, tradicionalmente, verticalizadas para os setores populares. Ainda que existam resistências no reconhecimento dos coletivos sociais, étnicos e raciais do campo como sujeitos de história intelectual e cultural e de trajetórias políticas de formação “estes cursos significam reverter às visões e os tratos, os processos brutais de produção desses coletivos como inferiores, a margem da história intelectual, cultural, social e pedagógica”. (ARROYO, 2012, p.361).

Os movimentos inserem na pauta curricular a pluralidade das dimensões e funções formadoras: relação estreita entre função educativa, diretiva e organizativa no perfil do educador; ênfase nas didáticas que incorporem também a consolidação da Reforma Agrária e dos movimentos. Para Arroyo (2012), essa concepção de formação de educadores do campo, indígenas e quilombolas se propõe a superar a fragmentação de conhecimentos. A formação por áreas e não por disciplinas é uma estratégia para essa superação.

Seu sentido mais radical na defesa de formação já não segmentada, por área e articulando tempos presenciais e tempo de comunidade ou de inserção nos processos formativos do trabalho, da produção camponesa, da agricultura familiar, da inserção nas lutas dos movimentos pela terra, pelos territórios, pela libertação. Incorporar essa história como objeto do conhecimento e de pesquisa dá outra densidade teórica aos currículos de formação (ARROYO, 2012, p.364).

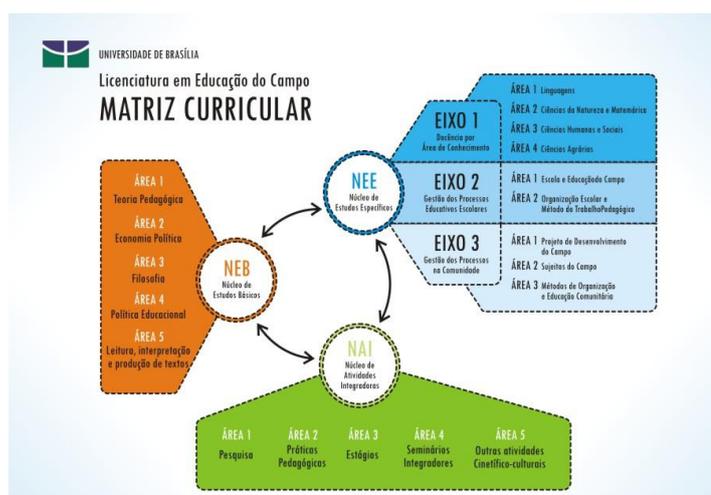
Além da superação da fragmentação de conhecimentos, se constituem como desafios da Educação do Campo a ênfase na pesquisa como processo contínuo; a busca de uma docência humanizada, a busca de uma visão integrada da Educação Básica e a inserção da escola no seu contexto local. (MOLINA e SÁ, 2012b)

A Matriz Curricular da LEdoC desenvolve uma estratégia interdisciplinar de trabalho docente, organizando os componentes curriculares em quatro áreas do conhecimento: Linguagens (expressão oral e escrita em Língua Portuguesa, Artes, Literatura); Ciências

Humanas e Sociais; Ciências da Natureza e Matemática; Ciências Agrárias, com ênfase na construção do desenho da organização escolar e do trabalho pedagógico para os anos finais do ensino fundamental e do ensino médio e na modalidade de educação de jovens e adultos. (PPP-LEDOC).

Para tanto, os educadores e educandos se dedicam a estudar e formular sobre a concepção da escola e sua função social a partir da realidade dos trabalhadores do campo, tendo como horizonte a construção da escola a que tem direito e que necessita a classe trabalhadora. Essa perspectiva de formação específica para o trabalho pretende contribuir com a superação da dicotomia entre trabalho manual e trabalho intelectual, historicamente imposto pelo trabalho socialmente produtivo. (CALDART, 2010).

Figura 1 – Matriz Curricular da Licenciatura em Educação do Campo (UnB)



Fonte: Projeto Político-Pedagógico da LEdoC UnB (2009).

A Matriz Curricular da LEdoC é constituída por três Núcleos denominados a seguir: **Núcleo de Estudos Básicos** formado por Economia Política; Filosofia; Políticas Educacionais; Teoria Pedagógica; Leitura, Produção e Interpretação de Textos; **Núcleo de Estudos Específicos** formado pelos Eixos: Eixo 1 – Docência por área de conhecimento: Linguagens (Lingüística, Artes e Literatura); Ciências da Natureza e Matemática; Eixo 2 – Gestão de processos educativos escolares e Eixo 3 – Gestão de processos educativos comunitários e; o **Núcleo de Atividades Integradoras** formado por Práticas Pedagógicas, Pesquisa, Estágios, Seminários Integradores, Outras Atividades Científico–Culturais.

O Currículo do Curso é organizado no regime de alternância: Tempo-Escola (atividades realizadas no espaço escolar) e Tempo-Comunidade (atividades realizadas no espaço das comunidades dos educandos). Essa modalidade permite a articulação entre a teoria e a prática desses educandos, visando superar a fragmentação do conhecimento. A carga horária total prevista é de 3.525 horas/aula e 235 créditos, divididas em oito etapas de curso, compostas cada uma por um Tempo Escola e um Tempo Comunidade.

## **2.2.2. Letramentos: letramento e letramento na LEdoC**

### **Letramento**

Quando falamos em letramentos associamos a ideia de aquisição das habilidades de leitura e escrita. Entretanto, recorrendo aos autores como Barton et al (2000); Rojo (2009); Bortoni-Ricardo (2009); que se dedicam ao tema, encontramos uma diversidade de abordagens. Considera-se, para esse estudo, o conceito de letramentos cuja abordagem epistemológica retoma aspectos históricos, sociais e culturais de um determinado grupo social em um determinado tempo, ou seja, considerando que as práticas de letramento são historicamente situadas e são padronizadas por instituições sociais e relações de poder, conforme anunciado por Barton et al (2000):

Letramento pode ser um conjunto de práticas sociais mediadas por textos escritos; é historicamente situado. As práticas de letramento são padronizadas por instituições sociais e relações de poder. Alguns letramentos são mais dominantes e influenciam mais que os outros. "Novas práticas de letramento surgem por meio de processos de aprendizagem formal e informal". (BARTON et al, 2000, p.1).

A partir de 1980, o conceito de letramento passou a constar na literatura pedagógica como um processo recorrente na vida social considerando que as práticas sociais são inerentes ao letramento. As práticas dependem do contexto socialmente apreendido. É pensar o letramento para além da escola.

Segundo Bortoni-Ricardo (2009), o termo letramento é também usado para indicar um acervo cultural preservado por meio da escrita. Culturas de letramento podem constituir uma diversidade de letramentos estabelecidos socialmente: atividades sociais, científicas, religiosas, profissionais. A literatura de cordel, por exemplo, pode ser considerada uma cultura letrada associada à cultura popular. "Uma cultura de letramento é constituída de práticas sociais em que as pessoas se apoiam em textos escritos e lidos ou lidos e preservados na memória". (BORTONI-RICARDO, 2009, p. 43).

O letramento situado e contextualizado é fruto das relações de poder estabelecidas localmente, sendo que alguns letramentos são dominantes e representam a estrutura de poder local. Nem sempre esses letramentos são os de leitura e escrita, dependendo do contexto local, a oralidade assume papel preponderante nas relações de poder.

Bortone salienta que o domínio da leitura e da escrita institui ao homem status privilegiado, possibilitando o seu acesso à informação, a defesa de argumentos e a partilha dos bens socialmente valorizados. “O acesso ao mundo da escrita torna-se garantia de sucesso social e o processo histórico assim confirma, pois que o letramento sempre esteve associado à ideia de poder”. (BORTONE, 2012, p.2).

Os valores culturais das classes dominantes, entre eles a capacidade de leitura e escrita, legitimados por fatores históricos, políticos e ideológicos, constituem a cultura socialmente privilegiada, em oposição às formas discursivas das sociedades tradicionais e ágrafas, baseadas na oralidade.

Segundo a autora, estudos sobre letramentos apontam que a natureza das práticas sociais de uso da linguagem escrita está relacionada às necessidades estabelecidas por contextos sociais implicados em relações de poder que, por sua vez, definem letramentos dominantes, marginalizados ou de resistência.

Os letramentos dominantes ou hegemônicos pressupõem a necessidade de aprimorar a capacidade de leitura e escrita como habilidades adequadas às necessidades de compreensão e apreensão de conhecimentos produzidos e considerados suficientes, independentes de seus contextos. São valorizados legal e culturalmente e se relacionam as organizações formais como a escola, igrejas e trabalho. Os letramentos locais ou “vernaculares” são frequentemente desvalorizados pela cultura oficial e tem origem na vida cotidiana, nas culturas locais. Representam muitas vezes, práticas de resistência. (ROJO, 2009).

Letramento também diz respeito à pluralidade cultural constituída na diversidade de conhecimentos de cada contexto sociocultural e envolve, em maior ou menor grau, textos escritos aceitos naturalmente por grupos sociais populares.

Assim, em comunidades rurais, por exemplo, os hábitos e valores religiosos fundamentam-se em rituais e rezas aprendidas a partir de folhetos simples, de orações pré-determinadas pela tradição das instituições religiosas, mas que fazem parte da vida daquelas pessoas, que as aceitam e respeitam”. (BORTONE, 2012, p.16).

Os letramentos múltiplos se referem a heterogeneidade das práticas sociais de letramentos, que estão em movimento e em diferentes contextos. Considerar essa heterogeneidade é conceber a multiplicidade de letramentos que se movimentam nas diferentes realidades cotidianas das comunidades.

Sousa (2010) salienta que leitura e a escrita se constituem um meio de sobrevivência das pessoas por diferentes motivações e em diferentes contextos sociais.

Assim, vemos o letramento como uma cultura instituída de práticas sociais em que as pessoas se valem de textos escritos para registrar a memória, acordos, expandir e reinventar o conhecimento em todas as dimensões históricas, científicas e sociais. Esse fenômeno ocorre em diferentes domínios sociais: escola, lar, igreja, trabalho e lazer. O que significa que os letramentos são situados, conforme a perspectiva de Barton et al (2000). Os significados do letramento têm diferentes propósitos sociais e culturais. (SOUSA, 2010, p.9).

Rojo (2009) afirma que as práticas sociais de letramento exercidas nos diferentes contextos da vida constituem os níveis de alfabetismo ou de desenvolvimento de leitura e escrita, dentre elas as práticas escolares. Para a autora, é possível exercer práticas de letramento e assim ser letrado de algum modo e não ser escolarizado e analfabeto.

O termo alfabetismo tem um foco individual, bastante ditado pelas capacidades e competências (cognitivas e linguísticas) escolares e valorizadas de leitura e escrita (letramentos escolares e acadêmicos), numa perspectiva psicológica enquanto o termo letramento busca recobrir os usos e práticas sociais da linguagem que envolvem a escrita de uma ou de outra maneira, sejam eles valorizados ou não valorizados, locais ou globais, recobrimdo contextos sociais diversos (família, igreja, trabalho, mídias, escola, etc.) numa perspectiva sociológica, antropológica e sociocultural. (ROJO, 2009, p. 98).

Segundo Rojo (2009), é Street (1993, p.5) quem inaugura a discussão sobre dois enfoques distintos de letramento – letramento autônomo e letramento ideológico. O enfoque autônomo desconsidera a diversidade de letramentos existentes nos diferentes contextos sociais, sendo que o desenvolvimento das habilidades de letramento resulta da aprendizagem gradual e individual, independente do contexto.

O enfoque ideológico concebe a indissociabilidade entre as práticas de letramento e as estruturas culturais e de poder da sociedade, que são diversas e em diferentes contextos. É socialmente construído e coletivizado pelo interesse social. Adquirir as competências de leitura, interpretação e escrita é preparar-se para a emancipação política e social. Nesta

perspectiva, o conhecimento não é natural nem neutro e se constrói historicamente num contexto local.

O letramento ideológico dialoga com as premissas emancipatórias de Paulo Freire (1989), especialmente nas ideias anunciadas no seu livro: *A Importância do Ato de Ler: Em três artigos que se completam*. Na sua proposta emancipatória, o autor já anunciava a necessidade de uma abordagem crítica e contextualizada no ato educativo. A língua, no letramento ideológico representa um instrumento de poder e de transformação social. Assume caráter libertador. É por meio da língua que as relações sociais são estabelecidas localmente e são mediadas. Há uma diversidade de instrumentos que mediam essas relações.

O uso do conceito de letramento é pauta para reflexão: a concepção de letramento apreendida na Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC) considera a necessidade de aprimorar as habilidades de leitura, interpretação e escrita dos educandos de maneira que os habilite à leitura crítica do mundo e de qualquer tipo de produção textual. O letramento nesse contexto concebe como requisito primordial a autonomia e a autoria desses educandos considerando a capacidade criativa e intelectual desses sujeitos. O debate versa não somente pelo acesso desses sujeitos ao conhecimento científico, mas especialmente em como se dá a produção desse conhecimento e suas interfaces com o meio onde é produzido e socializado. Além disso, estimula o protagonismo destes sujeitos na produção e sistematização de novos conhecimentos.

O espaço formativo da Licenciatura em Educação do Campo evidenciou a necessidade de aprimorar as habilidades de letramentos dos educandos, especialmente porque estes deverão desenvolver os processos de leitura, produção e interpretação de textos durante todo o curso. Ensejou o investimento pedagógico e a ampliação da carga horária na grade curricular por representar uma lacuna primordial a ser superada para a formação integral e crítica dos educandos. Relatos de educadores e dos próprios educandos evidenciam as dificuldades na leitura, interpretação e na produção textual, especialmente de textos acadêmicos.

A formação em letramentos múltiplos da LEdoC dialoga com o enfoque ideológico de letramento e pretende contribuir com as estratégias de leitura e escrita dos educandos, aprimorando as suas habilidades na produção de discursos, seus sentidos e a sua criticidade: como esses educandos se posicionam no mundo e como formar leitores críticos. Busca-se assim, a formação integral desses sujeitos, a partir de uma leitura crítica e contextualizada das

suas realidades, incentivando a autonomia e autoria na construção coletiva e na sistematização de seus conhecimentos.

A formação desse sujeito capaz de produzir conhecimentos e transformar a sua realidade é fundamental no campo da disputa pela educação transformadora no ambiente escolar e na vida social e política. A educação pontuada pretende contribuir decisivamente com a formação de sujeitos capazes de situar o contexto sócio-cultural-econômico e político no qual está inserido e cujo papel é o de principal protagonista. Considerando a importância desse registro a partir da escrita e conforme anunciado por Baiocchi “A ciência antropológica demonstra que a escrita é parte da cultura. A escrita é uma das formas que o homem, em sua trajetória, elaborou para se comunicar e repassar o conhecimento”. (BAIOCCHI, 1999, p. 38).

Na concepção de leitura de mundo de Paulo Freire (1996), o sujeito se afirma no mundo a partir da sua autonomia e da sua capacidade de autoria. Segundo o autor a leitura de mundo precede a leitura da palavra. Assim, inicialmente aprendemos a ler o mundo a partir do nosso meio social e familiar, observando a natureza, os animais e as relações com a família. Estabelecemos nosso entendimento de mundo: a nossa primeira leitura de mundo.

O autor salienta que estimular e manter o espírito de criticidade e curiosidade nos educandos é fundamental para superar a passividade e o conformismo condicionante de uma educação bancária. É manter a inquietação indagadora e curiosa. "É manter vivo em si o gosto da rebeldia que, aguçando sua curiosidade e estimulando sua capacidade de arriscar-se, de aventurar-se, de certa forma o “imuniza” contra o poder apassivador do "bancarismo" (FREIRE, 1996, p.13).

Nenhuma formação docente verdadeira pode fazer-se alheia, de um lado, do exercício da criticidade que implica a promoção da curiosidade ingênua à curiosidade epistemológica, e do outro, sem o reconhecimento do valor das emoções, da sensibilidade, da afetividade, da intuição ou adivinhação. (FREIRE, 1996, p.20).

Sousa (2010) pontua que, nas estratégias de formação em letramentos múltiplos da LEdoC, considera-se os tempos: Tempo-Escola (TE) e Tempo-Comunidade (TC). No Tempo-Escola, ocorrem as práticas de letramento em interação com a dinâmica da produção coletiva de textos, articulando experiências de vida e conhecimentos, em contraposição ao letramento acadêmico hegemônico. No Tempo-Comunidade, as práticas de letramento são guiadas por roteiros elaborados pelos educadores. As atividades podem ser individuais ou em grupos de colegas que moram próximos ou na mediação realizada no acompanhamento do Tempo

Comunidade. (SOUSA, 2010). A autora salienta que as práticas de letramentos estão no dia a dia da sociedade por necessidades diversas.

As práticas de letramentos: produção, leitura e circulação de textos escritos, em diferentes contextos, por motivação diversa, ocorrem o tempo todo na sociedade, porque precisamos ler e escrever, ressignificar o que lemos na oralidade ou na forma de escrita novamente. As pessoas participam de diferentes práticas de letramento devido às exigências comunicativas, sociais e interacionais. (SOUSA, 2010, p.2).

Entretanto, Sousa (2010) adverte sobre a necessidade de reflexão sobre esses saberes básicos que nem sempre foram adquiridos na Escola Básica. “A formação dos educadores e das educadoras do campo requer uma reflexão sobre saberes básicos: ler e escrever com proficiência, já que a escola do Ensino Básico não cumpriu com esse letramento. Essa negação é uma forma de opressão”. (SOUSA, 2010, p.5).

No contexto rural, prevalece a oralidade na comunicação e nas relações sociais, conforme aponta Sousa (2010). Esta oralidade se revela muitas vezes, a partir dos discursos relacionados a temas como Reforma Agrária, agroecologia e preservação ambiental, dentre outros. “No entanto, é na escrita que se identificam as limitações ortográficas e na construção morfossintática” (SOUSA, 2010, p.6).

Baocchi (1999) considera que a tradição oral tem papel preponderante na expressão de um povo, de seus valores e sua cultura. Contribui também para a preservação dos conhecimentos sobre a ciência natural repassada por seus antepassados. Além disso, a tradição oral revela a beleza poética, literal e filosófica registradas em suas memórias. “A história oral registra quando tudo começou, os primeiros moradores, as migrações sucessivas, a posse da terra, a miscigenação com o indígena”. (BAIOCCHI, 1999, p. 38).

A Licenciatura tem estimulado processos de construção de conhecimentos partilhados e sistematizados de acordo com as especificidades e realidades locais dos educandos. A sistematização desses conhecimentos tem contribuído com a mudança do paradigma alicerçado pela hegemonia da classe dominante sobre construção e sistematização de conhecimentos, consideradas como atividades reservadas a um grupo seleto de intelectuais.

Esse estudo pretende contribuir com a formação de intelectuais orgânicos no e do campo, especialmente no letramento desses educandos para a produção e sistematização das experiências vivenciadas no Tempo-Escola e no Tempo-Comunidade, estimulando a autonomia e autoria desses sujeitos.

É no contexto de formação desses educandos que se realizou o estudo do uso das Minibibliotecas na formação em letramentos múltiplos de educandos da LEdoC. Pretendeu-se

assim estimular uma análise contextualizada e crítica de conteúdos contidos nas Minibibliotecas. Espera-se que esse processo de investigação tenha contribuído com a formação de um ambiente pedagógico para a construção e reconstrução de conhecimentos que façam sentido e tenham valor para esses educandos e suas comunidades Kalungas e que oportunize a inclusão de novos elementos de referência para as Minibibliotecas.

### 2.3. O Território Kalunga

“... resgatar a trajetória dos Kalunga, sua memória histórica, identidade e cultura que na diáspora sobrevive e se reestrutura singularmente, não se reproduzindo a sociedade de classe, pelo contrário, criando à deriva, uma sociedade com cultura própria. Uma sociedade onde a liberdade e a solidariedade estruturam a ética cidadã”. (BAIOCCHI, 1999, p. 13).

As comunidades Kalungas se referem às comunidades remanescentes de escravos também denominada “Comunidades Quilombolas”. O termo quilombola, no Brasil, se refere aos homens e mulheres, africanos e afrodescendentes, resistentes ao sistema colonial escravista, refugiados em áreas de difícil acesso, aonde reconstituíram seu modo de viver em liberdade. Caracterizaram-se pela identidade de resistência à escravidão e a negação de inferioridade imposta pela ordem colonial. Seus modos de viver, de produzir e de reprodução foram alicerçados no trabalho familiar destinado preferencialmente à agricultura, pesca, caça, coleta e outras formas de extrativismo. (FERREIRA, 2012).

Baiocchi (1999) apresenta a definição de Kalunga para os Kalunga:

Kalunga para os Kalunga, moradores do Sítio Histórico, é um lugar sagrado que não pode pertencer a uma só pessoa ou família. É de todos pras horas de dificuldade. Ali num seca, é um pântano. Bom pra plantar. Enfim, as pesquisas bibliográficas e de campo (entrevistas) remete-nos à versão vegetal: Kalunga seria uma planta, uma árvore da família das simarubáceas (simaba ferrugínea). Um símbolo de poder e ancestralidade. (BAIOCCHI, 1999, p.41).

A autora também caracteriza os Kalunga:

Os Kalunga remete-nos à África quando o isolamento geográfico cultural possibilita a reificação das tradições e costumes. Metodologicamente são vistos como descendentes de escravos, que, à deriva da sociedade institucional, constroem uma cultura própria, tendo como parâmetro sua história de grupo isolado. (1981). Isolado no sentido de (como um quilombo) delimitar fronteiras e, coletivamente seguir uma

história e cultura peculiar. Como especificidade, põe em pauta a discussão da historicidade dos quilombos, enquanto luta, resistência, e ou lugar de moradia e construção de uma nova vida, como também não se esgota como “lavrador negro” e “comunidade negra” isolada no mundo rural. (BAIOCCHI, 1999, p. 12).

Dentre as comunidades quilombolas da região Centro-Oeste, a Kalunga é a mais importante em termos numérico e histórico e está entre as maiores do País. Ocupa uma área de 253,2 mil hectares, com uma população estimada em mais de 6000 habitantes. Em 1991 foi reconhecida pelo Governo de Goiás como Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga (ANJOS E CIPRIANO, 2006; BAIOCCHI, 1999; TIBURCIO, 2007). O Sítio Histórico Kalunga está situado na região nordeste do estado de Goiás e abrange três diferentes municípios: Teresina, Monte Alegre e Cavalcante. Nesta grande área há diferentes comunidades negras com cinco núcleos principais: Contenda; Kalunga; Vão de Almas; Vão do Muleque e Ribeirão dos Bois. Esse quilombo fica localizado nas serras de Cavalcante, no nordeste goiano e existe há mais de 300 anos, ficando séculos no isolamento.

A propriedade da terra onde habitaram seus antepassados até as gerações atuais, é uma das principais reivindicações dessas comunidades Kalungas. Segundo registros do IPEA, a propriedade da terra é pauta de reivindicação das populações quilombolas de diversos países. Especialmente no Brasil, esta situação tem como agravante o marco legal da Lei de Terras de 1850:

No Brasil, a Lei de Terras (1850), de certo modo, desestruturou a possibilidade do acesso universal à posse da terra e, hoje, a população remanescente de quilombos permanece em uma situação frágil, por que, apesar de terem o direito à terra, este direito é questionado e difícil de ser concretizado. Ainda que seja um país de tamanho continental, o acesso à terra é uma questão desafiadora. (QUILOMBOS, 2012).

No entanto, a regularização fundiária e o direito à terra das comunidades afrodescendentes, compõem historicamente a pauta de mobilização de diversos movimentos sociais do campo. Como resultados dessas mobilizações e da necessidade do Estado brasileiro de prover para as comunidades quilombolas não só o direito historicamente renegado à terra, bem como do acesso as principais políticas públicas, foram criados marcos legais, além de políticas públicas específicas para os afrodescendentes brasileiros.

QUILOMBOS apresenta alguns desses marcos legais e políticas públicas para afrodescendentes instituídos nesses últimos anos:

Com base na CF-1998, em 2003, institui-se o Decreto n: 4.887, que trata da regularização e titulação de territórios quilombolas. Este é um importante marco para garantir o direito às terras das comunidades quilombolas. Em 2007, foi instituída a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável para Povos e Comunidades Tradicionais, por meio do Decreto n. 6.040. Também em 2007, foi instituída a Agenda Social Quilombola, por meio do Decreto n: 6261. A agenda garantiu maior abrangência para o Programa Brasil Quilombola, lançado em março de 2004, com o objetivo de consolidar os marcos da política de Estado para as áreas quilombolas. Mais recentemente, em 2010, foi promulgado o Estatuto da Igualdade Racial, Lei n. 12.288, de 20 de julho de 2010, que referencia as comunidades quilombolas em seu artigo 8º, determinando incentivos específicos para a garantia do direito à saúde destas populações e estimulando o acesso à terra. (QUILOMBOS, 2012).

Ainda assim, com o reconhecimento institucional e legal do Estado Brasileiro, a partir da indução de políticas públicas e de marcos legais em prol das comunidades quilombolas, presenciamos uma realidade complexa e contraditória vivenciada no Território Kalunga, especialmente nas comunidades Kalungas do nordeste goiano que participaram dessa pesquisa. Segundo relatos de lideranças dessas comunidades, o poder público local é praticamente ausente no atendimento às políticas públicas consideradas como necessidades básicas dessas comunidades. Num universo de mais de cem comunidades do Território, menos de 10% foram tituladas.

Neste cenário, os Kalungas estão em permanente disputa de terras e conflitos relacionados ao uso das áreas de roçado com fazendeiros que adquiriram terras da região por grileiros e membros das comunidades, de forma duvidosa. As lideranças são vitalícias e o parentesco é um critério de sucessão. Alguns desses fazendeiros compraram as terras de grileiros, de membros da comunidade e outros com documentação questionável. O conflito entre Kalungas e fazendeiros se dá principalmente no acesso às áreas de roçado. Para utilizar essas áreas, os Kalungas necessitam de autorização dos fazendeiros e de pagamento de até 20% da colheita.

Instaladas em locais de difícil acesso, a maioria dessas comunidades não tem energia, água encanada, não tem ou tem com muita dificuldade o acesso ao transporte e ao atendimento médico. Quase todas as escolas localizadas nas comunidades não atendem até o ensino médio, sendo necessário o deslocamento dos jovens para a cidade mais próxima para concluir os estudos. Neste ponto, existe uma preocupação muito grande dos pais porque não podem acompanhar os filhos na cidade, por conta do trabalho no campo, e estes ficam muito tempo sozinhos na cidade ou até mesmo moram sozinhos pela distância da comunidade à cidade.

Durante a pesquisa de campo nessas comunidades Kalungas percebeu-se claramente todas essas dificuldades vivenciadas. As distâncias percorridas de uma comunidade à outra; o acesso precário às comunidades, como a falta de pontes para atravessar os rios; estradas de terra, pedra e cascalho, com erosão, muitos buracos, etc..

Uma observação interessante é a mobilização política fortemente presente nessas comunidades. Vários representantes Kalungas já estiveram no poder público local como vereadores e nas comunidades há uma considerável participação destes como candidatos nas eleições. Um dos colaboradores na pesquisa, inclusive, relatou que a identificação da comunidade da ausência dos representantes do poder público local no atendimento das suas demandas, contribuiu para a candidatura de membros da comunidade. Este mesmo colaborador foi vereador por um mandato e relata que a estrada só chegou na sua comunidade no ano de 2009, porque ele estava na gestão pública como vereador, onde lutou muito para conseguir esse pleito.

As comunidades Kalungas se caracterizam pela ancestralidade na ocupação, pelo vínculo natural entre produção familiar e educação, a cultura é baseada na oralidade, possuem vocação para a produção agroecológica e o uso da enxada e da foice como instrumentos de trabalho, a produção é diversificada com a produção de grãos, de frutos e cocos do cerrado e de pomares, prática da pesca, criatório de gado, de porcos e aves. A produção básica das roças é de milho, arroz, abóbora, cana, feijão, amendoim, gergelim, inhame e mandioca. Os Kalungas praticam também o escambo para a aquisição de outros bens de consumo.

No contexto dessas comunidades Kalungas, identifica-se um jeito diferente no manejo do uso das terras e das suas práticas extrativistas como a pesca, a coleta e a caça que, em sua maioria, se utilizam de práticas sustentáveis que dialogam bem mais com as suas necessidades básicas e os ciclos da natureza do que com as suas relações com o mercado. Rosa (2007) reforça esse entendimento:

A exploração dos recursos naturais é feita de forma mista: as benfeitorias, as colheitas, o quintal e casa de farinha são individualizados, as matas, os recursos hídricos e as pastagens naturais são explorados de forma comunal. Segundo Silva, os quilombolas permanecem ao longo da história como um contraponto á expansão capitalista. Essa forma de uso inibe a repartição de terras, inviabilizando-as como mercadoria, permanecendo imobilizadas pelos laços de coesão social. (SILVA (1996a, p.54 citado por ROSA (2007)).

Para Vieira (2007), esse jeito de se relacionar com a natureza, promoveu impactos positivos como o aumento da diversidade da fauna e da flora e a conservação do meio ambiente:

De fato, as comunidades tradicionais causaram relativamente poucos danos ao meio ambiente, e podem ter contribuído com suas práticas para o aumento da diversidade da fauna e da flora. Portadoras de conhecimentos e práticas necessários à conservação do ambiente, essas comunidades são aliadas na geração de conhecimento para a sustentabilidade dos ecossistemas. (VIEIRA, 2007, p.17).

Alltiere (2004) citado por Rosa (2007) adverte que o sistema agrícola tradicional adotado pelos Kalungas não pode ser resumido como agricultura de subsistência visto que remete à séculos de evolução biológica e cultural. Rosa (2007) revela também a autonomia alimentar relativa dessas comunidades:

Seu sistema tradicional, caracterizado por cultivos múltiplos, utilização de diferentes espécies e variedades, garantiu sua sobrevivência ao longo de dois séculos e meio em seu território. A diversidade de cultivos, o pousio, o manejo do gado durante as estações e as queimadas propiciaram a sustentabilidade dos agroecossistemas. A construção de espaços que contemplam estratégias multidimensionais de uso da terra garantiu a autonomia alimentar e a construção de sua identidade étnica e cultural. (ROSA, 2007, p.69).

As comunidades Kalungas usam sementes crioulas nas suas roças e também praticam a troca dessas sementes crioulas com outras comunidades. A agricultura e a pecuária extensiva representam as atividades econômicas mais importantes. A farinha de mandioca é comercializada na cidade e representa uma importante fonte de renda.

A religiosidade está presente nas relações dos Kalungas com a terra. As festas e romarias tradicionais constituem momentos muito importantes e representam bênçãos na produção das roças, especialmente dos santos das épocas das águas (proteção e chuva para as plantações). Para Baiocchi (1999) essas festas religiosas representam momentos de louvor ao ancestral e contribuem para afirmação e sacralização da identidade Kalunga. Desse modo, os Kalungas encontraram uma forma de manter a identidade e a memória histórica dos seus antepassados. A autora registra que “as festas são precedidas das folias e se intercalam durante o ano. O religioso e o lazer, o sagrado e o profano representam práticas de toda a comunidade e concorrem para o fortalecimento das relações sociais”. (1999, p.43).

Os rituais são feitos na roça com cantos, danças e rezas pra pedir a chuva em tempos de estiagem e acontecem no período de maio a setembro, pois em outubro é o início das chuvas (águas) e dos plantios – calendário de festas e calendário agrícola. As principais festas e romarias são: Santo Antônio, Nossa Senhora das Neves, Nossa Senhora D’ Abadia, São

Sebastião, Nossa Senhora da Aparecida, Folia de Reis, Folia do Divino Espírito Santo e São Gonçalo. A Sussa é uma dança tradicional dos Kalungas e de origem africana e é praticada pela comunidade. (UNGARELLI, 2009).

O modo de viver e de se relacionar com a natureza, os vínculos naturais com as rezas e as festas relacionadas ao modo de cultivar a terra, são alguns dos indicadores da resistência e da força desses afrodescendentes que resistem em conservar suas raízes africanas, além de contribuírem com a preservação do cerrado brasileiro. Para Baiocchi “a economia Kalunga, que não devasta o solo, possibilitou a manutenção de um verdadeiro “santuário ecológico”. Ali a natureza reproduz e perpetua a vida”. (BAIOCCHI, 1999, p. 21).

As iniciativas locais de escolarização dos Kalungas diagnosticaram limitações como a dificuldade na manutenção de professores oriundos da mesma comunidade; na relação do conteúdo curricular proposto aos saberes da terra e ao cotidiano das crianças e adolescentes, considerando que a educação familiar é baseada na oralidade e na relação com a produção das roças e de reforçar a auto-estima de professores e alunos a partir do reconhecimento do significado simbólico do território associado a ancestralidade e a identidade étnico-racial e cultural (PARE, et al, 2007).

Como a educação familiar é baseada na oralidade e na relação com a produção das roças, envolve toda a família que migra sazonalmente para a casa da roça com proximidade às águas. Baiocchi (1999) salienta a importância dessa tradição oral “A sociedade Kalunga em sua original visão de mundo elege as histórias, estórias, provérbios, adivinhas, poesia e música para repasse da tradição, preservação da memória histórica e identidade étnica do grupo”. (BAIOCCHI, 1999, p. 38 apud Oliveira: 1975).

Em 2007, a Universidade de Brasília iniciou o Curso de Licenciatura em Educação do Campo no Campus da Faculdade de Planaltina (FUP) para atender a diversidade de sujeitos do campo como agricultores familiares, assentados, quilombolas (dentre eles os Kalungas), indígenas, etc. Atualmente está em curso, sete turmas de Licenciatura, que atende a essa diversidade de sujeitos do campo da região Centro-Oeste.

A Turma V da LEdoC tem a maioria de educandos com origem em comunidades Kalungas do nordeste goiano, oriundos das Comunidades: Do Prata, Vão do Moleque, Vão de Almas, Engenho II (Cavalcante, Goiás); Fazenda Tiguinzal (Monte Alegre, Goiás); Diadema, Ribeirão e Ema (Teresina de Goiás). Essas comunidades Kalungas compõem os grupos que receberam as Minibibliotecas da Embrapa, a partir de programas governamentais de apoio a escolarização e incentivo à leitura.

## 2.4. A perspectiva institucional dialógica na Embrapa

A produção científica hegemônica sobre o meio rural tem seguido, historicamente, à orientação epistemológica e metodológica positivista acordada nos cânones da modernização da agricultura. A difusão tecnológica surgiu da necessidade de massificação de tecnologias e práticas agrícolas empreendidas por esse modelo para o conjunto dos sujeitos do campo.

A difusão da ideologia do agronegócio no meio rural: nova “Revolução Verde”, a dos transgênicos, da tecnologia “terminator”, da monocultura para negócio, dos insumos químicos industriais, da maquinaria agrícola pesada, completamente submetida à lógica da reprodução do capital. Em muitos estados este tipo de investida já tem se materializado em materiais didáticos ou paradidáticos produzidos pelas próprias empresas, muitas vezes com recursos públicos. (CALDART, 2010, p.9).

Entretanto, é preciso registrar o movimento histórico na construção do conhecimento científico sobre o meio rural, no qual, há uma diversidade de atores e instituições que tem contribuído com a mudança de um paradigma da produção de conhecimento hegemônico, verticalizado e desvinculado dos contextos locais para um modo de produção de conhecimento contra-hegemônico em que os sujeitos do campo também são considerados produtores de conhecimento, ou intelectuais orgânicos, conforme anunciado por Gramsci.

Dentre as instituições que estão comprometidas com um novo paradigma de produção de conhecimento, destacamos as universidades e as instituições de pesquisa. A sociedade civil organizada compõe uma diversidade de iniciativas empreendidas, em diferentes contextos locais e utilizando métodos e ferramentas diversas, que também contribuem para desmistificar a concepção positivista sobre a produção do conhecimento.

É fato que se constitui um desafio organizacional conceber relações de horizontalidade na concepção e produção de conhecimentos com os sujeitos do campo, historicamente relegados ao papel de “beneficiários” das políticas públicas. No entanto, o protagonismo desses sujeitos, constituídos de legitimidade suficiente para dialogarem suas experiências em conexão com o conhecimento científico, têm contribuído com a produção e sistematização de conhecimentos diferenciados e, mais ainda, para a inversão da lógica hegemônica constituída e enraizada nas instituições governamentais. Isso quer dizer que o sujeito do campo está superando o papel pré-estabelecido de beneficiário para ser co-participante no processo de produção do conhecimento.

Rolo e Ramos (2012) advertem que o conhecimento não é imediato. Ele depende da mediação que se apresenta entre o sujeito e o objeto do conhecimento e da concepção de mundo que orienta os referenciais teórico-metodológicos. Ao contrário do que pressupõe a concepção positivista, “o conhecimento não é neutro, nem absoluto ou estático e se supera no movimento histórico e contraditório do real – materialismo-histórico-dialético”. (ROLO e RAMOS, 2012, p.153).

Nesta perspectiva dialógica sobre a construção de conhecimentos no meio rural, destaca-se a agroecologia como ciência porque concebe, como princípio, o diálogo com os sujeitos do campo na perspectiva da construção de conhecimentos que lhes sejam pertinentes, preservando e valorizando suas culturas, os cuidados ambientais, os princípios da policultura e a autonomia dos agricultores sobre a produção de suas sementes. Gubur e Toná (2012) acrescentam que como ciência busca superar o conhecimento fragmentário, compartimentalizado e cartesiano, em favor de uma abordagem integradora. Reconhece os saberes das populações do campo, a práxis intelectual e política e as identidades locais.

Petersen (2007) salienta que na agroecologia, os recursos locais da natureza disponíveis são utilizados de forma a assegurar produções suficientes para atender necessidades econômicas das famílias agricultoras e possibilita a auto reprodução técnica, cultural e ecológica.

São, portanto, o produto do exercício da inteligência criativa de populações rurais na construção de melhores ajustes entre seus meios de vida e os ecossistemas e não uma manifestação de um atraso cultural a ser superado. (PETERSEN, 2007, p.8)

O autor acrescenta que a agroecologia desconstrói a lógica empreendida no positivismo que privilegia o conhecimento científico em detrimento de outros tipos de conhecimento. A construção do conhecimento agroecológico busca a integração de sabedorias locais sobre uso e manejo dos recursos naturais com os saberes de origem acadêmica.

No enfoque agroecológico, produção e transmissão de conhecimentos são consideradas atividades inerentes ao ser humano, exercidas de forma individual ou coletiva, por meio da cultura. “Reservar essas atribuições sociais a alguns poucos membros da sociedade, como é próprio do difusionismo tecnológico, representa o desperdício de aptidões cognitivas inerentes a toda e qualquer pessoa. (PETERSEN, 2007, p.8)

Inúmeras iniciativas governamentais ancoradas nesta perspectiva agroecológica estão em movimento e articulam universidades, escolas técnicas, empresas de pesquisa agropecuária (estaduais e a Embrapa), e empresas estaduais de extensão rural. E conforme salienta Petersen (2007) “Independentemente do grau de avanço dessas diferentes iniciativas, poderosos bloqueios ainda dificultam que essas instituições escapem das formas de organização e das rotinas metodológicas moldadas pela concepção difusionista” (PETERSEN, 2007, p.10).

Na concepção agroecológica, é fundamental que os agricultores (as) tenham autonomia no pensar, para a construção de diálogos que mobilizem conhecimentos que contribuam para apreender e adaptar novas tecnologias aos seus agroecossistemas<sup>3</sup> específicos.

A Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) tem a missão de “viabilizar soluções de pesquisa, desenvolvimento e inovação para a sustentabilidade da agricultura, em benefício da sociedade brasileira”. Atua por intermédio de Unidades de Pesquisa e de Serviços e de Unidades Administrativas, presente em quase todos os Estados brasileiros.

No exterior a Empresa estabeleceu parcerias em diversos Continentes, estabelecendo Laboratórios no Exterior chamados de “LABEX” e Escritórios de Transferência de Tecnologia na África e na Venezuela. Coordena o Sistema Nacional de Pesquisa Agropecuária (SNPA) que é formado por instituições públicas federais, estaduais, universidades, empresas privadas e fundações, que atuam conjuntamente na execução de pesquisas em diferentes áreas geográficas e campos do conhecimento científico. (EMBRAPA, 2008b).

O Sistema Embrapa de Gestão (SEG) orienta e integra diferentes níveis de gestão (estratégico, tático e operacional) que organizam os processos de planejamento, indução, execução, acompanhamento, avaliação e alimentação das atividades de Pesquisa Desenvolvimento e Inovação (P&D&I), Comunicação Empresarial, Transferência de Tecnologia e Desenvolvimento Institucional. No contexto da gestão de P&D&I, seis carteiras

---

<sup>3</sup> A palavra agroecossistema deriva do termo ecossistema. Ecossistema é um determinado espaço onde existem inter-relações entre seres vivos e destes com o meio ambiente. Pode ser uma região, uma bacia hidrográfica, uma comunidade, uma propriedade agrícola, um lago ou uma poça d'água. Agroecossistema é um sistema agrícola (uma lavoura ou uma propriedade por exemplo) compreendido como um ecossistema. Ou seja, um sistema agrícola onde reconhecemos que neles os seres vivos se relacionam entre si e com o meio ambiente. Também não podemos esquecer que um agroecossistema é formado por pessoas. Assim, homens e mulheres, jovens, idosos e crianças, com suas histórias, costumes e necessidades, também fazem parte do agroecossistema. (BIODIVERSIDADE, 2006, p. 22)

de projetos denominados (Macroprogramas) ofertam as linhas de pesquisa nas quais serão desenvolvidas as ações e cujos recursos (humanos, financeiros, materiais, outros) serão aportados mediante o planejamento e aprovação de um Comitê Técnico Interno (CTI) constituído por especialistas de diversas áreas da Empresa. (EMBRAPA, 2008b).

Os projetos, subdivididos em Macroprogramas, constituem a orientação político institucional da Empresa que se traduz na produção do conhecimento científico. É importante salientar que, especialmente na última década, houve um expressivo aumento de iniciativas empreendidas por técnicos e pesquisadores da Embrapa e em parceria com entidades governamentais e da sociedade civil organizada, alicerçadas em concepções diferenciadas do modo positivista de produção de conhecimentos e constituem uma reorientação institucional no modo de produzir e disseminar o conhecimento produzido.

A criação do Macroprograma 6 “Apoio ao Desenvolvimento da Agricultura Familiar e à Sustentabilidade do Meio Rural” que articula e orienta projetos multi-institucionais e interdisciplinares com foco no desenvolvimento sustentável da agricultura familiar e de comunidades tradicionais, representa um avanço na disputa por espaços institucionais que garantam a disponibilização de recursos (humanos, financeiros, dentre outros) na perspectiva da produção diferenciada de conhecimentos científicos.

Analisando o Sistema de Gerenciamento de Programação da Embrapa (Ideare), identificam-se temas e projetos executados no período de 2009 a 2012 e que apontam uma perspectiva de produção científica diferenciada. Os temas identificados versam sobre: comunidades tradicionais, indígenas e sementes crioulas; agroecologia e transição agroecológica; biodiversidade, áreas degradadas, sistemas agroflorestais e extrativismo sustentável; desenvolvimento rural, pesquisa e métodos participativos; produção orgânica e ecológica. Estes temas e seus respectivos projetos dialogam de algum modo com abordagens diferenciadas com a diversidade de sujeitos do campo e apontam um novo paradigma de produção de conhecimentos científicos com esses sujeitos. Encontra-se, como Apêndice II, a relação desses projetos identificados nesta pesquisa como projetos diferenciados no contexto da Embrapa. (Ideare, 2012).

Em 2007, foi criado um Grupo de Trabalho, sob a orientação da Diretoria Executiva na Embrapa, com o objetivo de prover um documento com vistas a orientar a Empresa na institucionalização das ações de pesquisa, desenvolvimento e inovação e transferência de

tecnologia da Embrapa relacionadas aos povos e comunidades tradicionais<sup>4</sup>. Uma rica diversidade cultural compõe esses grupos étnicos como os ribeirinhos, caiçaras, seringueiros, sertanejos, quilombolas, pantaneiros, pescadores, geraizeiros, babaçueiros, campeiros, etc. Segundo Vieira (2007), estes povos ocupam 25% do território nacional, sendo mais de 12 % referente aos povos indígenas.

O documento aponta a necessidade de se considerar as realidades locais e os conhecimentos tradicionais, nas suas estratégias de atuação com esses sujeitos do campo. Revela também o surgimento de um novo paradigma científico que relaciona aspectos técnico-científicos a uma visão interdisciplinar associada aos valores históricos, sociais e culturais desses povos.

O conhecimento acumulado por gerações, a partir da observação, experimentação e adaptação sociocultural dos povos e comunidades tradicionais tem reconhecimento na comunidade científica que considera importante a sua incorporação á construção do conhecimento científico. O *Etnoconhecimento* surge então como um novo campo de estudo que pretende integrar saber científico ao tradicional, a partir da elaboração de estratégias integradoras, dialógicas e construtivistas. (VIEIRA, 2007).

A Agenda Social do Governo, elaborada em 2008, descreve algumas demandas dos povos e comunidades tradicionais e possibilidades de atuação da Embrapa: Estudos participativos sobre ecossistemas; desenvolvimento de tecnologias (por meio do diálogo entre saberes) para agregação de valor às cadeias produtivas; ações para conservação local de recursos genéticos; atividades de formação e capacitação de agentes locais e segurança Alimentar. Uma proposta de conduta (Código de Conduta) foi criada com o objetivo de subsidiar os empregados da Embrapa no trato com os povos e comunidades tradicionais, no desenvolvimento de trabalhos de pesquisa e outras atividades.

No âmbito da Embrapa Informação Tecnológica (SCT), unidade da Embrapa responsável pela gestão e organização da informação produzida nas diversas unidades da Empresa, estão em desenvolvimento diversas iniciativas para os sujeitos do campo, disponibilizadas em formatos diversos, em mídia impressa e mídia eletrônica. São exemplos, as publicações das Minibibliotecas, os programas de rádio, Prosa Rural e os programas de TV, Dia de Campo na TV. A unidade conta com uma infra estrutura diferenciada e única na Empresa: uma editora e gráfica especializada; uma ilha de gravação e edição do programa de

---

<sup>4</sup> Os grupos que vivem em relativo isolamento em áreas periféricas, com maneiras próprias de se relacionar entre si e com a natureza, diferentes das formas dominantes na nossa sociedade são conhecidos como comunidades tradicionais. (VIEIRA, 2007).

rádio e um estúdio para gravação do programa de TV. Possui ainda uma equipe multidisciplinar formada por profissionais das ciências agrárias e ambientais, pedagogos, comunicadores e linguistas que atuam em cada área específica.

O SCT orienta, articula e anima os processos de produção de informação, através da disponibilização de editais orientados por eixos temáticos para a candidatura das unidades descentralizadas e dos parceiros (extensão rural, universidades, institutos federais, outros), na produção anual de programas de rádio e de TV. Após avaliação de Comitês Específicos (Rádio e TV), os programas selecionados são produzidos, no decorrer do ano, sob a coordenação do SCT.

Grande parte do material disponível no acervo das Minibibliotecas foi concebida a partir da mobilização de pesquisadores e técnicos das unidades em torno de temas e ou tecnologias com características específicas para os sujeitos do campo. Inclui-se aí a adaptação e produção de conteúdos e de formatos específicos (cartilhas, gibis e outros).

As Minibibliotecas se constituem em um acervo multimídia composto por publicações impressas; reportagens do programa de TV (Dia de Campo na TV) e programas de rádio (Prosa Rural). Utiliza-se de cartilhas impressas, de forma ilustrada e com recursos lúdicos e pedagógicos; e de vídeos e áudios que apresentam as tecnologias em linguagem acessível e no sistema passo a passo. Os materiais foram desenvolvidos e/ou avaliados por equipes multidisciplinares formadas por profissionais das diferentes áreas de formação do SCT. Seus conteúdos e formatos foram estruturados para contribuir com o estímulo à leitura entre jovens rurais e outros sujeitos do campo, apoiar os projetos didático-pedagógicos e/ou comunitários e contribuir com a inclusão social e produtiva, à segurança alimentar, nutricional e ambiental. (EMBRAPA, 2008a).

Figura 2 - Minibibliotecas da Embrapa



Fonte: Embrapa

As Minibibliotecas articulam temas em Coleções que abordam principalmente: preservação e educação ambiental; cidadania e cooperativismo; cultivo de hortas e quintais; criação de pequenos e grandes animais; produção de alimentos de qualidade; manejo do solo e da água e como iniciar uma pequena agroindústria de alimentos.

As Coleções que compõem as Minibibliotecas estão dispostas em dez Coleções a seguir: (EMBRAPA, 2008a).

**Coleção 500 Perguntas 500 Respostas** - Coletânea de perguntas e respostas, agrupadas em torno de uma diversidade relacionada a espécie animal ou vegetal, ou de sistemas de produção. Busca informar e esclarecer informações básicas.

**Coleção Agroindústria Familiar** - Contém informações sobre processamento industrial de produtos agropecuários: leite, frutas, hortaliças, cereais, leguminosas. Objetiva contribuir com a redução de custos, aumento da renda e garantia da qualidade do produto final, assegurados pelas boas práticas de fabricação ou de beneficiamento.

**Coleção ABC da Agricultura Familiar** - Abordagem de como produzir com tecnologia de fácil acesso, adaptada aos meios disponíveis na propriedade. Apresenta também criação de animais, técnicas de plantio, práticas de controle de pragas e doenças, adubação alternativa, fabricação de conservas de frutas e formas de garantir água na seca.

**Coleção Plantar** - Apresenta informações sobre cada etapa de cultivo da espécie em foco, orientando o leitor quanto ao plantio, adubação e cuidados. Apresenta temas como: hortaliças, fruteiras, plantas medicinais, condimentos, especiarias, oleaginosas, entre outros.

**Coleção Saber** - Apresenta orientações sobre cada uma das etapas necessárias ao desenvolvimento de determinado processo para a obtenção de produtos de qualidade.

**Coleção Criar** - Objetiva suprir o leitor de informações sobre cada etapa de criação da espécie animal de grande, médio e pequeno porte, ou sobre os passos a serem seguidos para a obtenção do produto pretendido, como silagem, cruzamento, instalações, etc.

**Títulos Infante juvenis** - Buscam a interação entre a educação e a pesquisa, com informações complementares para o ensino e aprendizagem de estudantes do ensino fundamental e médio. Os temas abordam a agropecuária, agroecologia, florestas, preservação do meio ambiente, e agricultura sustentável e suas relações com o contexto social, econômico, cultural e político.

**Série Educação e Cidadania** - Resulta de uma parceria entre a Prefeitura Municipal de Patos de Minas, MG, e a Embrapa, e tem como enfoque a cidadania da família do campo em harmonia com o meio ambiente.

**CD-ROM do programa radiofônico Prosa Rural** - Apresentam, semanalmente e em 15 minutos, tecnologias de baixo custo e de fácil aplicação pelos agricultores familiares, para a melhoria e a sustentabilidade de sua produção.

**DVDs com reportagens do programa televisivo Dia de Campo na TV (DCTV)** Apresentam, semanalmente, inovações tecnológicas, geradas pela pesquisa agropecuária e desenvolvidas pela Embrapa e por seus parceiros. Os programas abordam temas como cultivos, criações, meio ambiente, agroindústria, recursos genéticos, florestas e agroenergia.

## CARTILHAS DE BOAS PRÁTICAS DE MANEJO PARA O EXTRATIVISMO SUSTENTÁVEL

Figura 3 – *Cartilhas de Boas Práticas de Manejo para o Extrativismo Sustentável*



Fonte: Embrapa

As Cartilhas apresentam informações sobre aspectos de importância social, econômica e ecológica; o extrativismo; recomendações de boas práticas de manejo e algumas receitas. Foram destinadas, inicialmente, às comunidades rurais e indígenas, técnicos e organizações que desejam coletar de maneira sustentável esses frutos.

A coleção foi selecionada para a pesquisa etnográfica colaborativa, considerando a adequação do tema (extrativismo sustentável) com o contexto dos educandos da Turma V, da LEdoC, oriundos das comunidades Kalungas do nordeste goiano e considerando também que a produção dessas Cartilhas resulta da articulação de conhecimentos partilhados por coletores experientes de comunidades rurais e de pesquisas científicas coordenadas por Pesquisadores da Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia (CENARGEN) e do Instituto Sociedade, População e Natureza – ISPN, com apoio financeiro do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento - PNUD e da União Européia.

Segundo Dr. Aldicir Scariot, que é um dos idealizadores e autores das Cartilhas, a motivação para a produção se deu a partir da constatação da insuficiência de material personalizado para os sujeitos do campo sobre recomendações para fazer o uso sustentável e adequado da biodiversidade. A ideia foi pensar em como atender as especificidades de leitura dessas pessoas do meio rural: pessoas idosas com dificuldades de leitura: letras grandes, espaçamento grande entre as linhas; linguagem acessível sem ser simplista para não menosprezar o interlocutor do outro lado; pouco texto e mais ilustrações com fotos e desenhos.

Sobre as propriedades medicinais foi deliberado não abordar nas Cartilhas porque é um tema polêmico, que requer cuidados e considerações sobre as especificidades locais (a

concentração muda conforme solo, clima, planta, etc.), e que demanda expertise própria e conhecimentos específicos sobre esse campo.

A produção envolveu a sistematização do conhecimento de extrativistas de várias comunidades rurais, a partir de diálogos sobre as experiências locais com o extrativismo sustentável; as observações dos pesquisadores em campo e da articulação de informações publicadas – científica ou não, em um período de três anos. Em três edições, foram distribuídas, aproximadamente, três mil exemplares de cada Cartilha, para uma diversidade de sujeitos do campo, em todo o território brasileiro.

Buscou-se, neste capítulo, contextualizar o ambiente pedagógico da Licenciatura em Educação do Campo, a partir do entendimento sobre a gênese da Educação do Campo, considerando a sua história e vinculação com os movimentos sociais na luta por uma educação transformadora; as principais características dessa Licenciatura, que pretende formar educadores com as habilidades específicas para compreender as condições de vida e as lutas dos trabalhadores do campo e os processos de transformação desta realidade; a concepção de Letramento constituída pela LEdoC, pautada pelo letramento ideológico que considera a capacidade criativa e intelectual dos educandos; o contexto das comunidades Kalungas de origem desses educandos, caracterizadas pela ancestralidade africana e por um modo próprio de ser, de viver e de se relacionar com a natureza e com os homens e o movimento em curso nas universidades e instituições de pesquisa, que estão comprometidas com um novo paradigma de produção de conhecimentos.

## **CAPÍTULO 3: ANÁLISES E REFLEXÕES SOBRE O CAMINHO PERCORRIDO**

### **3.1. Práticas de Letramentos: Cartilhas das Minibibliotecas na formação de educadores Kalungas, na Licenciatura em Educação do Campo, da Universidade de Brasília.**

A pesquisa de etnografia colaborativa aconteceu no período de março de 2012 a dezembro de 2013 – inicialmente com as aulas no Campus da Faculdade de Educação da UNB e posteriormente no ambiente pedagógico da Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC) do Campus da Faculdade de Planaltina (FUP) da UnB, nos dois tempos: Tempo-Escola e Tempo-Comunidade.

Os debates e reflexões promovidos com as aulas expositivas e nas atividades práticas desenvolvidas no ambiente pedagógico dos educandos da Turma V da LEdoC foram componentes da pesquisa etnográfica e contribuíram para a construção da base teórica e do conjunto de análises elaboradas ao longo do processo.

Especificamente as atividades de campo programadas na pesquisa aconteceram no período de março a dezembro de 2013, no ambiente formativo na Turma V da Licenciatura em Educação do Campo - LEdoC, com a realização das Oficinas de Letramentos sob a coordenação da Professora colaboradora. no Tempo-Escola e no Tempo-Comunidade com a realização de narrativas pelos educandos colaboradores em suas comunidades Kalungas de origem.

As Oficinas de Letramento contribuíram com a reflexão sobre leitura e escrita, ancoradas nos contextos locais dos educandos, relacionando suas histórias de vida e coleta de dados para a pesquisa, utilizando diferentes instrumentos: observação participante, registro de campo, gravações em áudio das oficinas; textos escritos e resenhas e produção de narrativas nas comunidades Kalungas. Concordando com a perspectiva da etnografia colaborativa, essa observação contínua sobre os modos de vida e a cultura desses sujeitos, permitiu á pesquisa, um processo contínuo, dinâmico e reflexivo. (BORTONI-RICARDO, 2009).

Alguns traços desse olhar contextualizado foram imprescindíveis para caracterizar o perfil do coletivo de educandos da Turma V da LEdoC/UnB/FUP, especialmente dos educandos provenientes das comunidades Kalungas do nordeste goiano.

Apresenta-se, a seguir, alguns dados da pesquisa sociolinguística, realizada pela Professora colaboradora para identificar o perfil leitor desses educandos:

Tabela 1 – Perfil Leitor dos Educandos da Turma V da LEdoC

IDENTIFICAÇÃO	
FAIXA ETÁRIA	Entre 24 a 33 anos
SEXO	50 % Feminino - 50% Masculino
TRABALHO	Educadores
ESCOLARIDADE FAMILIAR (pais e conjugues)	Até ensino médio completo
PROFISSÃO FAMILIAR (pais e conjugues)	Lavradores
FORMAÇÃO LEITORA	
HÁBITOS DE LEITURA	metade da turma consideram ter hábitos de leitura
INFLUÊNCIAS NA LEITURA	pais, avós e primos
OBJETIVOS NA LEITURA	buscar informações e conhecimento do mundo e recreação, passatempo, diversão e lazer
CONVIVÊNCIA FAMILIAR NA LEITURA	comprar livros para ler, ler histórias, jornais e revistas diariamente
TIPOS DE MATERIAIS DE ACESSO NA LEITURA	livros de história ou poesia, livros, revistas ou apostilas com conteúdo científico, revistas educativas infantis

Fonte: Pesquisa Sociolinguística da Professora colaboradora.

A análise da pesquisa sociolinguística da Professora colaboradora para levantar o perfil leitor dos educandos da Turma V da LEdoC, evidenciou especialmente que esses educandos estão adquirindo progressivamente os hábitos de leitura, principalmente, pela necessidade de realizar leituras e trabalhos acadêmicos que lhes são cobrados no ambiente pedagógico da LEdoC. Entretanto, a pesquisa demonstra que uma maioria desses educandos se identifica positivamente no contato com a leitura, seja acadêmica ou de natureza social. É fato que a maioria desses educandos tem origem em ambientes com pouco ou nenhum estímulo ou favorecimento à leitura, e onde a maioria dos seus familiares possui, no máximo, o ensino médio completo.

#### **Entrevista com a Professora Colaboradora (em 20.03.2014).**

Considera-se imprescindível para essa pesquisa somar o olhar de educadora e pesquisadora da Professora colaboradora, sobre a experiência coletiva vivenciada no ambiente pedagógico da Turma V da LEdoC.

Perguntada sobre a experiência constituída na Turma V da LEdoC com as Oficinas de Letramentos, utilizando-se como recurso textual as Cartilhas de *Boas Práticas de Manejo para Extrativismo Sustentável de Buriti, Mangaba, Umbu, Pequi e Coquinho Azedo* das Minibibliotecas, a Professora Colaboradora manifestou satisfação em relatar suas impressões

sobre o trabalho. Inicialmente, a professora contextualizou a sua experiência pedagógica empreendida com a Turma V, e especificamente, sobre as atividades desenvolvidas nas Oficinas de Letramentos cujo objetivo era dar suporte de caráter básico aos alunos.

Neste ponto, a Professora colaboradora caracterizou o perfil dessa Turma e a necessidade de apoio para essa fase de adaptação.

Considerando o contexto sócio histórico cultural dos alunos, oriundos de comunidades tradicionais que vivenciam experiências culturais tradicionais e procuram preservar tais manifestações, isto é, demonstram práticas letradas localizadas socioculturalmente. Sabendo disso, eu percebi os alunos muito aflitos, eles se deparavam com textos institucionalizados, e de um determinado grupo social, do qual eles não faziam parte, até aquele momento. Natural que precisariam de apoio para passar por esta fase de adaptação. (PROFESSORA COLABORADORA).

Ainda sobre o perfil da Turma V, a Professora colaboradora reforça a necessidade de investimento na formação destes no universo acadêmico:

Quando nós falamos sobre alunos com este perfil nos precisamos considerar que eles já são pessoas que se sentem alijadas historicamente. Eles não tiveram oportunidade de uma Educação Básica de qualidade, não tiveram acesso, geralmente o que eles fizeram ou fazem para seguir na escolarização são cursos fragmentados como EJA, como supletivos, então eles não tem a experiência e nem a formação com maior número de gêneros discursivos, não tiveram a oportunidade de alguém orientar a fazer textos que nós utilizamos no contexto acadêmico. Nossa função nas Oficinas de Letramento era justamente aproximar esses alunos desses gêneros discursivos, de uma forma em que eles tivessem tempo de se apropriar desse conhecimento e assim seguir adiante no curso na graduação. (PROFESSORA COLABORADORA).

Sobre o trabalho com as Cartilhas, a Professora colaboradora salienta a importância de utilizar essas Cartilhas, nesse contexto e para esses alunos, considerando as suas especificidades.

O trabalho com as Cartilhas foi muito importante porque nós estávamos trabalhando com textos com alunos que não tem uma relação muito próxima com a cultura escrita não é? Então quando nos optamos para trabalhar com as Cartilhas já havíamos trabalhado com um texto acadêmico de filosofia para trabalhar resenha e acabou que não tivemos sucesso porque o texto falava sobre as correntes filosóficas né? A teoria filosófica parecia tão distante dos alunos e eles não conseguiram se apropriar do conhecimento e tendo posse desse conhecimento eles pudessem falar sobre. Então nós procuramos trabalhar um texto que fosse mais próximo deles em todos os sentidos, tanto numa linguagem acessível quanto do conhecimento repassado. E veio a sugestão da Juliana. Um material que nós poderíamos trabalhar: as Cartilhas das Minibibliotecas. Procuramos também pensar em mediar, de forma mais eficaz, a leitura das Cartilhas. Quando eles começaram a ler e viram que era algo muito próximo deles, aquilo foi um achado, naquele momento, naquele contexto, para aquele público, foi um acerto porque eles tinham conhecimento empírico para avaliar ou criticar o texto na medida do possível. (PROFESSORA COLABORADORA).

Segundo a Professora colaboradora no início das Oficinas, alguns alunos se diziam incapazes de produzir uma crítica sobre textos filosóficos e posteriormente, com o uso das Cartilhas, demonstraram entendimento sobre os conteúdos ofertados nas Cartilhas e se posicionaram criticamente porque estas abordavam conhecimentos que eram próximos à realidade deles.

Falávamos de umas experiências que eles já haviam vivido ou que eles sabiam falar sobre *pequi, coquinho azedo, mangaba* isso foi algo importante. E quando eu pedi para eles falarem da opinião deles sobre o texto, eles tiveram condições de falar sobre o texto. O que eu aprendi desse texto? Muitas coisas eu já sabia sobre esse texto. Outras eu aprendi, é um conhecimento novo. Considerando o que eles já sabiam sobre o tema, minha pergunta em relação a crítica, foi: *o que faltou? Faltou alguma coisa que vocês sabem que se fala sobre os frutos do cerrado, mas não consta aqui?* E é claro que eles se posicionaram. Aí eles tiveram condições de se posicionar. Então eles falaram: *uma cartilha que fala sobre as propriedades, manejo, cultivo de determinados frutos do Cerrado, mas nós sentimos falta do aspecto das propriedades medicinais.* Bom, eles veem de uma cultura de uma comunidade tradicional, então é uma prática comum, eles fazerem uso de plantas medicinais. Então se nós estamos falando de um livro completo, nós, como leitores, sentimos falta desta parte! E isso pra mim foi interessante no sentido de que nós não estávamos discutindo aí o que é pertinente numa publicação, o que é possível publicar, o que é legal ou que não é legal publicar. Nós estávamos falando do ponto de vista de leitores que se diziam que não sabiam ler, mas de repente eles se posicionaram como leitores que percebem a ausência de determinados conteúdos que eles conhecem e que eles sabem que existe. Então isso pra mim foi muito importante. (PROFESSORA COLABORADORA).

A Professora colaboradora considera que esse trabalho também foi importante para desenvolver nesses educandos o papel social de cada um como leitor e como autor que, ainda que estejam alijados de alguma forma da cultura urbana, são cidadãos de uma comunidade tradicional e podem se posicionar sobre determinado tema e escrever seu ponto de vista.

E eu fiquei muito feliz quando eles perceberam que eles poderiam falar de algo, que eles poderiam dar a opinião deles, que eles poderiam fazer uma leitura crítica sobre isso. E o que é uma leitura senão eu colocar meu ponto de vista ou questionar a posição do autor? De onde o autor escreveu, com que intenção ele escreveu, com que objetivo ele escreveu? Se ele queria ensinar o manejo ou a plantação e o uso dos frutos e de todos os recursos, então faltou a parte que nós utilizamos com muita sabedoria. (PROFESSORA COLABORADORA).

A fala da Professora dialoga com a perspectiva transformadora de Freire (1996) e Gramsci (2009) sobre a autoria e autonomia desses sujeitos do campo.

Em relação as contribuições da educadora sobre as Cartilhas, ela se manifesta sugerindo a seguir:

Eu vejo que quando se trata do aspecto das propriedades medicinais poderia haver uma explicação porque que não se fala das propriedades medicinais nestas Cartilhas. Nós sabemos que necessita de todo um processo de ratificação, de certificação para se publicar algo relativo á medicina popular, mas eu acredito que uma justificativa, uma explicação porque que não se colocou nessa cartilha atenderia ao leitor. Porque que não tá escrito aqui sobre tal coisa que eu sei que existe. Porque eu faço aqui na minha casa e se os pesquisadores sabem tudo sobre a planta e seu manejo, eles também deveriam saber que existem informações sobre o consumo medicinal de tal planta. Essa justificativa seria até em respeito ao leitor. (PROFESSORA COLABORADORA).

Sobre a linguagem e adequação das Cartilhas aos educandos da Turma V da LEdoC ela acrescenta:

Os alunos observaram que a linguagem foi acessível e tranquila, mas vamos considerar que esses alunos estavam no segundo semestre da 3ª. Etapa de um curso de graduação então eles já haviam, apesar deles dizerem que não entendiam, mas eles já manusearam vários outros textos. Entre eles realmente foi demonstrado que eles não tinham dúvidas, nesse contexto. Entretanto, se essas Cartilhas forem levadas para outros contextos eu acredito que necessitaria de mediação. Isto também depende do perfil do leitor que vai receber essas Cartilhas. (PROFESSORA COLABORADORA).

## **Atividades da pesquisa etnográfica colaborativa**

### **Atividade 1 – Tempo-Escola**

#### **Análise crítica (resenhas) das Cartilhas de *Boas Práticas de Manejo para Extrativismo Sustentável de Buriti, Mangaba, Umbu, Pequi e Coquinho Azedo*, das Minibibliotecas.**

Participaram da produção das resenhas 45 educandos. Essa atividade aconteceu em decorrência das Oficinas de Letramentos realizadas no ambiente formativo da Turma V, da Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC/UnB/FUP). Essas oficinas pretendem contribuir com a formação dos educandos na aquisição das habilidades de leitura e escrita crítica, para que estes se posicionem no ambiente acadêmico e em outros espaços da vida.

## **Atividade 1 – Produção de Resenhas**

### **1ª Aula**

Orientação passo-a-passo para a produção das resenhas – construção de um roteiro orientador: (autoria - dar voz ao autor da obra), concordância verbal e nominal, coerência vocabular, ortografia, formatação do texto, bibliografia, pontuação, acentuação, concordância de gênero e redundância.

Protocolo de leitura:

- 1 – qual é a obra resenhada? Dados bibliográficos, capítulos
- 2 – como se estrutura a obra? Título, autor, tema, organização
- 3 – abordagem sobre o conteúdo apresentado:
  - a) conceitos novos
  - b) argumentos apresentados
  - c) há relação do assunto com outras obras
- 4 – Opinião do educando:
  - a) autor cumpriu com o objetivo proposto?
  - b) qual a imagem que autor faz de si no texto?
  - c) você sugere esse livro a que público?
  - d) referências bibliográficas

Orientações sobre a produção textual (resenhas) articulando as ideias apresentadas nas Cartilhas de *Boas práticas de extrativismo de Buriti, Coquinho Azedo, Mangaba, Pequi e Umbu* com o conhecimento prévio sobre o extrativismo sustentável praticado em suas comunidades de origem.

### **2ª. Aula – Análise coletiva com os educandos sobre a produção das resenhas**

Discussão com os educandos sobre a produção das resenhas, a partir das leituras de todas as resenhas e apresentação dos principais problemas identificados relacionados principalmente a: autoria, diálogo com o autor, identificação de quem é o autor e a compreensão da sua linha de pensamento, concordância verbal, ortografia, referências.

Organização dos educandos em grupos para realizar análise coletiva das resenhas, comparando e discutindo as lacunas identificadas a partir do roteiro orientador.

Diálogo com os educandos sobre a análise coletiva das resenhas e leituras individuais de partes das resenhas para identificar lacunas na produção: autoria, conteúdo, referencia e posicionamento crítico.

Descrição passo a passo da produção da resenha conforme roteiro descrito acima e explicações da Professora colaboradora sobre:

- 1- Estrutura
- 2- Organização da Cartilha (apresentação do fruto e receitas)
- 3- Conteúdo da obra
- 4- Autoria (registro da fala do autor)
- 5- Ordem de escrita da resenha: apresentar a obra e colocar a crítica no final

Observações sobre a necessidade na escrita de: organizar, estruturar, contextualizar, argumentar, apresentar o assunto e fazer a crítica. Depois das discussões sobre a produção das resenhas, vários educandos se dispuseram a fazer novamente com os ajustes e com a identificação das lacunas.

A Professora colaboradora destacou especialmente algumas dificuldades dos educandos na produção das resenhas: saber criticar as ideias do autor; dialogar com o autor, tamanho e estrutura da resenha. Alguns conseguiram fazer análise crítica das Cartilhas. A Professora salientou ainda que não há dúvidas quanto a progressão dos educandos na produção de suas redações. Há um salto qualitativo da Turma V, da 2 Etapa para a 3 Etapa do Tempo-Escola.

A inquietação inicial da Professora era descobrir como as Oficinas de Letramento poderiam contribuir para que estes educandos despertassem e percebessem a importância da aquisição dessas habilidades de leitura e escrita que contribuíssem com o aperfeiçoamento da produção acadêmica destes. Entretanto, na 3ª. Etapa os educandos demonstraram interesse e compromisso, participando ativamente das atividades propostas. Segundo a Professora colaboradora, estes educandos estão no caminho de produzir conscientemente textos acadêmicos de acordo com a estrutura e gênero específicos das normas acadêmicas. Estão antenados e a postura e conduta destes em sala de aula traduzem esse interesse.

**3ª Aula – Encontro com pesquisadores da Embrapa Recursos Genéticos (CENARGEN) no auditório da FUP-UnB, para apresentação das Cartilhas resenhadas pelos educandos e apresentação da proposta de produção das narrativas nas comunidades.**

O encontro aconteceu na segunda-feira, dia 08 de julho de 2013, às 19 hs 30 min., no auditório da FUP com a presença da maioria dos educandos da Turma V da LedoC. Inicialmente, os pesquisadores do Cenargen (Dr. Aldicir Scariot e Dr. Daniel Vieira) se apresentaram e falaram dos seus envolvimento com as Cartilhas resenhadas pelos educandos. Os pesquisadores apresentaram suas experiências com o extrativismo sustentável de frutos do Cerrado em diversas comunidades rurais do Brasil e no interesse em coletar a partir de narrativas, as experiências de diferentes sujeitos do campo com o plantio de árvores e o extrativismo sustentável, para compor um acervo de experiências exitosas desses sujeitos do campo.

Num segundo momento, os educandos dialogaram com os pesquisadores sobre os conteúdos das Cartilhas resenhadas, debatendo sobre os temas de mais interesse. Na ocasião foi apresentada aos educandos a proposta de produção de narrativas nas comunidades Kalungas durante o Tempo-Comunidade. A participação na atividade proposta seria por adesão, dos educandos que apresentassem interesse e disponibilidade de produzir narrativas com pessoas da comunidade que tivessem experiência no extrativismo sustentável de frutos, preferencialmente, os frutos relacionados nas resenhas produzidas por esses educandos.

**4ª. Aula – apresentação da Professora colaboradora sobre narrativas e discussão sobre a produção das narrativas nas comunidades Kalungas.**

A partir de uma roda de conversa com educandos de origem Kalunga, apresentou-se o gênero textual: narrativa, com as explicações sobre a proposta de produção de narrativas no Tempo-Comunidade.

Os educandos foram perguntados sobre o interesse e disponibilidade em participar da atividade de produção de narrativas nas suas comunidades de origem. A maioria dos educandos decidiu participar, ficando agendado com eles, outro momento para ajustar a agenda de viagem à campo para realizar a atividade em cada comunidade, de acordo com o retorno desses educandos para as suas comunidades Kalungas.

A Professora colaboradora esclareceu aos educandos as possibilidades do uso dos registros levantados de como acontece o extrativismo dentro das comunidades para a

produção posterior dos seus TCC's e para a aprendizagem de uma ferramenta para coleta de dados.

## **Atividade 2 – Tempo-Comunidade**

### **Produção de narrativas com pessoas das comunidades Kalungas dos educandos da Turma V, da Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC/UnB/FUP).**

Durante as oficinas de letramentos realizadas no ambiente formativo da Turma V, da Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC/UnB/FUP), os educandos de origem nas comunidades Kalungas: Prata, Engenho II, Vão de Almas, Diadema, São José e Tinguinal foram convidados para participar da produção das narrativas. Entretanto, como a atividade de campo aconteceu praticamente no mesmo período em que esses educandos estavam retornando para as suas comunidades de origem, ficou inviável a participação de todos os convidados. Foram realizadas 06 narrativas nas comunidades Kalungas de origem de 06 educandos que aceitaram e puderam colaborar com essa pesquisa.

A viagem de campo aconteceu no período de 06 a 10 de dezembro de 2013, logo em seguida ao término das atividades formativas do Tempo-Escola dos educandos, que teve encerramento no dia 05 de dezembro de 2014.

Tabela 2 - Narrativas realizadas nas comunidades Kalungas

COMUNIDADE	MUNICÍPIO NORDESTE GOIANO	N.FAM.	NARRATIVAS			
			Educando LEdoC	Idade	Colaborador Comunidade	Idade
PRATA	Cavalcante	90	(A)	27	(1)	72
			(B)	27	(2)	54
ENGENHO II	Cavalcante	180	(C)	26	(3)	59
VÃO DE ALMAS	Cavalcante	400	(D)	26	(4)	70
			(E)	26	(5)	40
DIADEMA	Teresina	450	(F)	24	(6)	59

Fonte: Pesquisa de campo

## ANÁLISE DOS DADOS POR CATEGORIAS

Foram definidas três categorias para articular o conjunto de análises constituídas durante a pesquisa etnográfica colaborativa, incluindo a análise da produção textual crítica (resenhas) produzida pelos educandos no Tempo-Escola, e a análise da produção textual (narrativas) produzida pelos educandos no Tempo-Comunidade. Além destes, inclui-se a análise de outros registros coletados durante a pesquisa: observações em campo, gravações, diário de campo, etc. Considera-se que estas categorias contribuem para traduzir o contexto e suas especificidades, considerando o ambiente pedagógico da Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC).

Categorias:

1. Identidade Kalunga
2. Formas de uso dos frutos: (uso alimentar e medicinal)
3. Licenciatura em educação do campo - Tempo-Escola e Tempo-Comunidade

### **CATEGORIA 1 - Identidade Kalunga**

Os relatos sobre as histórias de vida de pessoas das comunidades Kalungas evidenciam claramente as dificuldades enfrentadas no ambiente familiar como o duro trabalho nas roças para ajudar os pais, a baixa escolaridade, a falta de infra-estrutura básica, as dificuldades de acesso à cidade com caminhadas de até 12 horas ou com o uso de animal e a ausência de atendimento médico nessas comunidades. Esses relatos dialogam com o anunciado por Baiocchi (1999). A Colaboradora 4 evidencia essa realidade, conforme o seu relato:

Sempre a minha vida foi a partir dos 10 anos que eu entendi a gente morava no Vão do Moleque e mudou pro Vão de Almas mas sempre trabalhando na roça junto com meus pais. Pra mim foi uma vida difícil que eu não tive estudo, não tive oportunidade na época não tinha estudo aqui, eu não estudei, mas continuava. Quando eu tinha 10 anos trabalhava na roça e o meu meio de vida era costurar pros outros, fiava, costurava, pra se sobreviver e junto com meus pais ajudando eles e também trabalhando na roça e depois vivia por conta da minha casa e continuei trabalhando na roça e criei meus filhos aqui numa vida difícil porque não tinha muita saída, vivia aqui isolado aqui dentro. Era um grande sofrimento que nós tinha aqui. As vezes tinha grande felicidade na saúde. Vida difícil que eu falo não é porque faltava comida, é porque não tinha conhecimento do mundo lá fora. O pai era boiadeiro, ele viajava, comprava as coisas, a mãe trabalhando na roça, e nós aqui em casa sofrendo, trabalhando na roça, criava porco, galinha, plantava roça. A vida era assim só que quando adoecia era muito difícil para sair. A gente sofria muito doente porque não tinha saída. E depois quando tomei conta da minha casa, continuei na mesma luta, trabalhei na roça, criei 8 filho, trabalhando na roça, fiando,

e.. tirava óleo de coco pra vender (coco indaiá) pra assim ajudar na despesa de casa. (COLABORADORA 4).

Sobre as dificuldades de acesso à cidade, o Colaborador 5 relata que:

Até 2009 a gente viajava daqui da comunidade a pé ou cavalo, as vezes o dia todo (10 horas de caminhada). Entrava num lugar aqui chamado Capão e ia diretamente pra cidade de Cavalcante. É 12 léguas ou mais de 70 km. A maioria viaja uns 30 a 40 km. (COLABORADOR 5).

Sobre a desapropriação da regularização das terras, o Colaborador 3 explicita que:

a fonte de desenvolvimento ainda tá muito precária, a estrutura, a vários tipos de maneira de trabalhar, ter mais renda com mais facilidade, pela questão da desapropriação da regularização das terras que ainda não saiu. O governo não quer investir ainda porque não querem investir em terras particulares. Os órgãos competentes que tão na responsabilidade não tão muito preocupados com essa questão, tão preocupados com o dinheiro. Eles tão ganhando o salário, e além do salário que eles ganham por mês tem as diárias que eles ganham pra tá atuando aqui. Se tivessem aqui só pelo salário, ou já tinham desistido. Se ganhassem por tarefa, já tinham feito, eu acho que já. Outra coisa que eu vejo, se fosse pros fazendeiros tirar os kalungas, já tinham tirado, mas como é pros fazendeiro sair ... a gente pode falar que o povo do poder não dá prioridade. Que já teve várias vezes aqui os fazendeiros pra tocar fogo nas casas, tirar os proprietários. Aí a polícia vem, a favor dos fazendeiros a polícia vem... não tem dois anos que a polícia foi lá no Vão do Muleque, tiraram o rapaz da sua casa e ainda chamou o pai dele pra assistir eles colocar fogo na casa do rapaz. Pra dar apoio a um fazendeiro, um grileiro que não é dono da terra. Se ele tem uma terra que tem 19 documentos como ele pode ser dono? Essa é a questão que a gente vê? A facilidade que tinha pra eles tirar os kalungas, o contrário. A gente tem enfrentado ameaças de fazendeiro nessa questão, tanto que as lideranças é mal vista pelos fazendeiros, porque faz a defesa da comunidade né? Tem pessoas que já desanimaram e desistiram, foram embora, largaram de mão, pessoas que não querem mais ser lideranças, que já lutou, mas não conseguiu e desiste. Tem pessoas que estão aí no meio da estrada e não sabem se acompanha ou se não, tem pessoas que começaram a ajudar e depois morreram sem conseguir mudar a história, mas a gente vê agora que andou mais um pouco, que pelo menos algumas fazenda desapropriada . Falta cem e tantas fazenda pra ser desapropriada e ainda não tem dez desapropriada em todo o território kalunga... isso é terra titulada. Então eles não tem muita preocupação pra correr atrás. (COLABORADOR 3).

Os relatos registram também a identificação e o sentimento de pertencimento dos educandos e de suas comunidades ao Território Kalunga e como a LEdoC tem contribuído para resgatar a história desses remanescentes de quilombo, suas lutas e a importância desse povo no contexto das lutas dos movimentos sociais pelo direito a terra e a viver dignamente no campo.

Esse sentimento é bem marcado no depoimento do Educando A:

Eu me sinto muito orgulhoso sobre a resistência dos nossos antepassados e assim, por exemplo, eu como quilombola me sinto orgulhoso porque nos tivemos uma história, uma trajetória de vida muito difícil e nos estamos até hoje aqui resistindo. Às vezes, o fato das pessoas tá negando a origem é devido o preconceito, às vezes o que ouve na rua, um negro, aí a pessoa se envergonha de ser um negro e de declarar a própria cor dele. Eu me sinto muito orgulhoso hoje como Kalunga e mesmo depois que eu tô dentro da universidade, hoje pra mim ser Kalunga cada dia me traz mais orgulho porque a cada dia eu descubro mais coisas do conhecimento que eu não imaginava era a nossa realidade, aqui no local aonde nos convivemos. Pra mim eu me sinto muito orgulhoso assim de falar que eu vim de quilombo, meu avô, meu bisavô. Com certeza meu bisavô passou por histórias que eu não passei assim, histórias de muita coisa ruim e coisas boas, então assim eu me sinto orgulhoso de falar hoje assim: eu sou um quilombola, um Kalunga. (EDUCANDO A).

E sobre a história dos Kalunga no nordeste goiano, o Educando A pontua:

Quando a região que era Kalunga eu era moleque, em 1991. Então região Kalunga, ficou uma região diferenciada. Eu fiquei perdido sem saber o porquê era diferenciada, porque que era Kalunga. Igual, por exemplo, do outro lado tem um quilombo também, em Tocantins, mas o quilombo em Tocantins não era Kalunga. Até mesmo a gente não saber o porquê existiam aquelas pessoas que dava o preconceito pra nos mesmos da comunidade. Aí quando foi em 94, já tinha descoberto, a Mari Baiocchi, foi no Kalunga de Monte Alegre e descobriu lá, então, nessa época eu já fiquei sabendo mais ou menos o que vinha a ser um Kalunga mas eu não tinha a história assim, e aí eu descobri mesmo entrando na universidade. Hoje como estudante a gente vê que teve uma grande história dos negros que foi lá na época das minerações, eu já tinha ouvido falar mesmo que Cavalcante tinha os bandeirantes, muitos negros fugiam pra formar os quilombos, no entanto eu não sabia o porque que eles tinham fugido de uma mineração, lá dos bandeirantes, inclusive o pai do Reinaldo, ele fala que conheceu um lugar aí que o pessoal tirava o ouro de machado, ele era moleque, e os negros fugindo. A comunidade do Prata tem 90 a 100 famílias. Não tem registro de quando começou a comunidade. (EDUCANDO A).

A Educanda B registra como a curiosidade em saber o que era ser Kalunga que veio a ser despertada pelo contato com a universidade:

Como eu nasci em Cavalcante né e lá tem muitos quilombolas eu não tinha muito conhecimento do que era ser Kalunga. Eu sabia que meu pai era de comunidade Kalunga, mas eu não tinha muito conhecimento sobre o que era, o que vinha ser uma pessoa quilombola né? E aí depois eu vim pra aqui, pra comunidade do Prata e na universidade também tem muitos dos meus colegas são quilombolas, então eu fui tendo mais conhecimento do que era ser quilombola, de onde veio, porque ser quilombola né? Eu tenho orgulho muito grande assim porque foi uma resistência né? É um pessoal que resistiu muito assim, muita dificuldade, muito sofrimento, e tamo aqui pra dar continuidade a essa resistência e tamo aqui até hoje né? A gente não sabia o que vinha a ser Kalungueiro, Kalunga, não entendia esse nome feio... né? Não sabia direito explicar o que e por que. Descobri lendo muito sobre as histórias tem os livros já né? E tem colegas mesmo na nossa turma na universidade assim que faz parte da associação dos Kalunga e aí ela vem sempre falando, inclusive teve um colega da nossa turma que perguntou: Mas o que é Kalunga? nem sei o que é isso. Tipo discriminando e aí ela foi explicar direitinho. Mas nem eu sabia mesmo o que era. Eu sou Kalunga, meus pais eram, mas o que vem a ser mesmo Kalunga. Aí bateu aquela curiosidade assim de entender e fui estudando pra ver o que vinha a ser essa palavra Kalunga, quem é esse povo quilombola, o que é o Território quilombola

aí fui pesquisando na internet também pra saber o que vinha a ser né? Aí tem uma planta que o pessoal fala que é Kalunga que serve pra remédio, pra febre, pra um bocado de coisas. Eu sabia que eu era quilombola, mas o que vinha a ser mesmo não sabia do povo que resistiu. Sabia que era Kalunga do Vão de Almas e pronto. Tem uma trajetória de vida aí, todo um passado. (EDUCANDA B).

Ser Kalunga e estudar na UnB é motivo de orgulho, segundo as palavras da Educanda F e da Educanda C:

Eu me sinto orgulhosa primeiramente de ser Kalunga enquanto tem pessoas que vê Kalunga como um ser qualquer, e tenho orgulho de estar na UnB porque eu nunca imaginaria que estaria lá um dia e hoje eu me vejo lá e é um passo muito importante na minha vida. (EDUCANDA F).

Às vezes a gente fica um pouco tímida porque a gente fica meio tímida de falar em público, mas depois a gente vai percebendo que não é bem assim, que cada um tem suas diferenças e a gente vai superando, aos poucos a gente vai superando. Aí eu pensava assim a gente do Kalunga vai ficar perdido lá, não vai saber fazer nada, não vai saber falar porque a gente não tinha costume de conviver com pessoas de fora, mais era o povo aqui da comunidade de Cavalcante, mas aos poucos a gente vai superando a dificuldade... Eu tenho orgulho de ser Kalunga. Enquanto muitos que é Kalunga daqui ficam com vergonha de falar que é Kalunga, eu não, minha mãe, tudo é Kalunga porque eu vou esconder né se é minha origem? (EDUCANDA C).

O Educando D salienta no seu relato sobre a importância do curso de Licenciatura em Educação do Campo por considerar as especificidades dos sujeitos do campo:

Como a gente aqui não tem benefício pra nada a respeito de nada do governo essas coisas assim, principalmente na educação eu vejo que essa foi a melhor oportunidade que a gente já teve aqui pro Vão de Almas, no caso assim que eu acredito que vai surgir outras coisas melhor pra aqui com certeza e a gente vai correr atrás pra isso, mas ate no momento essa foi a melhor coisa que existiu até no momento... Porque como essa Faculdade é em alternância parte dessas pessoas daqui da comunidade, se fosse um outro curso não teria condições de tá fazendo esse curso de graduação e nesse caso eu penso que essas pessoas que tão fazendo... pelo menos eu acho que todos deveriam, aqui no caso eu vou voltar pra aqui, lutar pra ter emprego aqui e trazer o conhecimento que a gente tá buscando lá pra comunidade, talvez isso diminui até o êxodo rural por exemplo porque as pessoas tá mudando de cidade pra estudar a culpa não é das pessoas da comunidade daqui ...às vezes pensa assim: eu não vou estudar. Se a gente for olhar bem a culpa não é da pessoa mas talvez seja do governo, talvez, por falta de oportunidade porque eu não vou deixar minha casa aqui na roça só pra aventurar na cidade, essa pessoa tá indo em busca ... ele imagina que lá vai ter um futuro melhor que aqui, então, como educador do campo eu vejo assim que varias pessoas que vão estudar lá vai trazer melhoria pra comunidade e os que saírem vão sair mais preparados pra talvez arranjar um emprego melhor, mais descente e não um emprego que tá aqui hoje e amanhã tá sem estabilidade. Bom pra mim eu vejo aqui que a educação do campo foi uma das coisas mais importantes que já surgiu pra gente aqui e outras virão né? (EDUCANDO D).

Esse diferencial é reforçado nas palavras de Molina e Sá (2012b), mencionadas no referencial teórico, em que salientam que a Educação do Campo reconhece e valoriza as diferentes dimensões formativas que permeiam os processos culturais, de reprodução social e as relações de trabalho vividas pelos sujeitos do campo em suas lutas cotidianas. Segundo essas autoras, a alternância articula espaços de formação – escola e comunidade – agregando ao rigor científico, característico da produção científica, a valorosa e diversa produção de conhecimentos e de saberes.

Outra questão interessante relatada pelos colaboradores é a presente mobilização política de pessoas das comunidades Kalungas. Essa mobilização resulta da ineficiência do poder público local em atender as necessidades básicas desse povo Kalunga que decidiu promover o debate e a disputa por direitos básicos na investidura pública como parlamentares. Atualmente são três vereadores de comunidades Kalungas em Cavalcante, Goiás.

E sempre em todos os tempos vinha de política às vezes as campanhas e as pessoas vinha pedindo voto e fazendo proposta de trazer estrada pra nois que era o nosso maior sonho era ter uma estrada. Sempre a gente apoiava e toda vez nois era enganado. Porque desde os meus pais os meus avós, sempre dizia que esse agora é que vai fazer a estrada... e sempre ganhava e vencia o mandato e nada de estrada. E com essas enganação que os mais vei teve e nois também fomos passando por elas, sempre enganado. Foi aí que a comunidade foi se incentivando mais e os de fora falava pra gente que enquanto a gente não tivesse representante do lugar essas coisas não chegava aqui e seria só enganação...e aí nois alestremo e aí candidato o tio do Romis aqui algumas vezes mas não ganhou. E aí quando fui candidato eu tive apoio da comunidade e fui eleito e lutei por essa estrada até 2011. E aí a estrada chegou, graças a Deus. (COLABORADOR 5).

Registrou-se a na produção das narrativas, a aproximação do negro com o índio que, segundo os Kalungas, ensinou a ciência das plantas medicinais. Essa informação é apresentada no relato de um dos educandos, conforme a seguir:

Não tem registro de quando começou a comunidade. Na época que eles começaram a chegar tinha muito índio. Então assim, foi difícil tanto pros índios quanto pra eles porque um refugiava do outro, até teve uma aproximação. As plantas medicinais mesmo. O uso das plantas medicinais foi através do índio. Aproximação do negro com o índio que passou pra eles a ciência das plantas medicinais. (EDUCANDO A.).

## **CATEGORIA 2 – Formas de uso dos frutos: (uso alimentar e medicinal)**

Os diálogos apresentaram algumas características importantes sobre as formas de uso dos frutos por essas comunidades Kalungas.

Evidencia-se até os dias de hoje a prática de escambo na troca da produção familiar por outras necessidades da família: o uso de sementes crioulas que são produzidas nas próprias comunidades. O Território possui a estrutura de três agroindústrias que foram construídas nas comunidades para o processamento e produção de cosméticos a base de frutos do Cerrado.

A produção desses frutos no Território é diversificada e muito rica. Algumas comunidades produzem artesanato utilizando como base partes dos frutos que estão disponíveis. O Buriti é utilizado para a confecção de artesanato (quibano, peneira, tapiti) e as palhas são utilizadas na cobertura das casas. Esta realidade é marcada nas palavras da Colaboradora 2.

Quando eu comecei a estudar eu já tinha uns 10 anos e tinha que trabalhar na roça e pra poder ir pra escola e foi assim, sempre muito sofrido naquela época. Meu pai era doente também. E aí nois tinha que ajuda. Eu nasci na fazenda do Mimoso. Lá era bem isolado. Era um lugar cercado de serra né? E pra gente ir pra cidade tinha que ir a pé ou de cavalo. Gastava dois dias de cavalo. Fazia compras na cidade. Outra hora tinha que levar do de cá pra vender lá pra comprar outras coisas. Socava arroz pra levar pra vender, que nesse tempo tinha muita fartura assim das coisas, aí tinha que socar o arroz no pilão pra vender lá pra comprar roupa, calçado. Igual farinha a gente levava pra vender lá também pra poder trazer alguma coisa de lá. Naquele tempo também fazia troca de alimentos. Feijão de corda, farinha, semente crioula. Nesse tempo ninguém comprava semente não, era da comunidade mesmo. Minha mãe fiava na roda pra fazer a roupa pra nois e meu pai também comprava o pano e ela fazia roupa. Comprava aquela peça que usava homem e mulher tudo a mesma coisa. Era dois home e nois mulher usava a mesma coisa. Hoje tá muito bom mas naquele tempo era difícil. Até o calçado também a gente quase não tinha, meu pai que fazia, fazia de pau, fazia de couro também pra gente não andar descalço, nem comprava. Escolhia o Buriti, colocava na agua pra amolecer. Fazia quibano, peneira, tapiti. Meu pai fazia pra vender também. (COLABORADORA 2).

A Colaboradora 1 também relata sobre o uso do Buriti na sua comunidade:

Já o Buriti é utilizado para o consumo dos braços dele quando ele está novo e tirado o talo para fazer tapiti, quibano e peneira que é utilizado na sopra da farinha. O óleo do Buriti é muito bom para combater gripe, tosse e é utilizado contra veneno de cobra. (COLABORADORA 1).

Essas práticas dialogam com as práticas apresentadas na Cartilha de *Boas Práticas de Manejo para Extrativismo Sustentável de Buriti*, conforme anunciado por Sampaio (2011):

Do Buriti dá para se fazer cestos, bolsas, esteiras e vassouras com o uso das folhas trançadas; cordas, fios para costura e rendas com a seda retirada das folhas novas, ou olhos; móveis e brinquedos dos talos das folhas; doces, sucos e óleo a partir dos frutos; artesanato com as sementes; cercas e paredes podem ser construídas com o uso dos caules; e remédios caseiros podem ser feitos com as raízes. (SAMPAIO, 2011, p.28).

Sobre o Buriti, o autor relata ainda que:

Cada parte da folha tem uma utilidade diferente. Alguns artesãos são especializados em fazer móveis com o talo do buriti, outros fazem cestos e tapiti com a tala (fibra dura que cobre o talo). Há aqueles que usam a palha inteira para cobrir o telhado. Do olho é retirada a "seda" ou "fita", que é uma fibra muito fina que recobre a palha. A seda serve para costurar artesanatos, como o de capim dourado, ou para fazer cordas. (SAMPAIO, 2011, p.43).

O Buriti também é consumido na alimentação humana e é usado como remédio pelos Kalungas.

A gente tirava a fruta do buriti pra gente comer, pra servir de alimentação né? Colocava na água, ele amolecia, rapava, colocava no sol pra fazer os bolo hoje não, mas antigamente secava e esses bolo eles aturava até um tempo e hoje não conserva mais né? Durava até uns 10 dias o bolo fresco e hoje ele não conserva mais né? A gente colocava na água pra fazer, colocava rapadura pra comer pra ir pra roça pra trabalhar. Comia puro ou com rapadura. (COLABORADORA 2).

Sampaio (2011) também reforça as formas de uso do Buriti pelos povos do Cerrado:

O óleo de Buriti é utilizado tradicionalmente pelos povos do Cerrado para ajudar na cicatrização de feridas e queimaduras, aliviar a dor de picadas de insetos, para amenizar problemas respiratórios, e até mesmo, para curar picadas de cobras. O óleo também é utilizado na culinária, principalmente para fritar carnes e peixes. Recentemente, foram feitas pesquisas científicas que confirmaram que o óleo de buriti tem ação bactericida e possui anti-oxidantes e vitaminas, que servem para a produção de cosméticos (produtos de beleza, como sabonetes, hidratantes e xampus). O óleo também pode ser usado na pele para protegê-la dos raios solares. (SAMPAIO, 2011, p.41).

A mangaba foi relatada pelos Kalungas como fonte de alimento *in natura*, sucos e como remédio. Sua madeira é usada nas comunidades. Esses conhecimentos concordam com

as informações apresentadas por Lima (2010a) na Cartilha de *Boas Práticas de Manejo para o Extrativismo Sustentável de Mangaba*:

Além dos frutos, outras partes da planta também podem ser usadas, como a casca, o leite, as folhas e as raízes, que têm uso medicinal, e a madeira, que pode ser usada como lenha. A casca é utilizada contra doenças de pele e como estimulantes de funções hepáticas. O chá da folha da mangabeira é usado para combater cólicas menstruais. O leite é usado para combater a tuberculose e para o tratamento de úlceras. Durante a Segunda Guerra Mundial, ele foi muito usado para produção de borracha. (LIMA, 2010a, p.25).

Segundo os relatos dos colaboradores, algumas comunidades Kalungas produzem polpas, geleias, doces, farinhas desses frutos para consumo na comunidade e comercialização na cidade. Registra-se também o uso do óleo de coco na alimentação humana. A referência ao processamento da mangaba é apresentada por Lima (2010a) na Cartilha de *Boas Práticas de Manejo para o Extrativismo Sustentável da Mangaba*:

Os frutos da mangabeira são muito aceitos no mercado, tanto para serem consumidos puros quanto processados. O processamento da fruta resulta em vários produtos, como polpas, geléias, sorvetes, sucos, doces, bolos, biscoitos e licores. No Nordeste, a mangaba é uma das frutas mais requisitadas na indústria de frutas nativas da região, sendo utilizada principalmente na fabricação de sucos, polpas congeladas e sorvetes. (LIMA, 2010a, p.24).

Essas práticas são reforçadas nas palavras do Colaborador 3 e da Colaboradora 6:

a gente faz um doce, faz geleia, faz um suco, doce, serve pro turismo, na refeição. Aqui as pessoas consomem muito os frutos do Cerrado. Faz muita comida. Usa na medicina. (COLABORADOR 3).

A mangaba, a mãe colocava na cabaça e tampava, esperava amadurecer pra comer com farinha e batia num saco de pano pra bater e sair o caldo pra fazer suco.. naquele tempo não tinha liquidificador... A raiz serve pra dor de barriga põe na água pra tomar, a folha pra fazer o chá pra pressão, a casca também, e o leite é bom pra gastrite... buriti é bom pra reumatismo, caroço é bom pra cortar a hemorragia. A folha do buriti servia pra trançar pra fazer Uru, tipo de um bojo, pra secar massa, usa pra fazer tapiti, quibano (artesanato). A palha do buriti é usada para cobrir as casas de algumas comunidades Kalungas (Engenho). Do pequi a folha é bom pra dor de friagem, reumatismo... banha da galinha frita num vidro com pedras de arcafor (tipo naftalina). A folha do pequi passa na gordura, esquenta e marra com pano. Põe a água no fogo com o olho do pequi, quando esfria coa num pano pra tirar o pelo, é bom para o fígado e para o estômago... (COLABORADORA 6).

O pequi é um dos frutos mais consumidos nas comunidades Kalungas. Além do consumo alimentar é utilizado também como base para a produção de remédios caseiros e para a produção de sabão caseiro, prática antiga que ainda é realizada pelos Kalungas. Essa prática é relatada pela Colaboradora 2:

O pequi usava pra fazer o sabão. Pegava o pequi, colocava na vasilha e deixava uns 8 dias na vasilha e depois fazia o sabão. Eu aprendi com minha mãe que eu não conheci os meus avós. A gente colocava a massa no fogo né? E não era nem soda naquela época era a decoada. Meu pai cortava uma árvore lá, montoava e colocava fogo, aí pegava a cinza, a gente colocava num cesto lá e pingava aquela aguinha e da o nome de decoada e usava lá e ficava bom o sabão. Só que era preto mas era bom. Faz ate hoje. Outro dia mesmo eu fiz. Hoje já faz com soda porque não tem mais a decoada. Nesse tempo ninguém conhecia sabão de barra e nem sabão em pó. Era sabão fabricado em casa e era de pequi. Ninguém faz mais a decoada, ninguém tira. A decoada era tirada da cinza de um pau, a mamoinha que eles fala. A comunidade faz sabão de pequi quando tem muito pequi. Eu mesma tenho sabão de dois anos. (COLABORADORA 2).

A prática de produzir sabão de pequi também é relatada pela colaboradora 4:

Do Cerrado a gente, é como eu falei no começo, tirava o óleo de coco, tirava o pequi, e o tingui. Fui criada minha mãe fazia sabão do tingui, do pequi, só das fruta do Cerrado. E com de coada de pau porque nois não sabia o que era compra sabão na cidade, nois mesmo que pegava as fruta e fazia o sabão e também eu não conhecia os trem temperado com óleo de soja, era só com óleo de coco e gordura de porco que nois foi criado. Depois que eu tinha meus filho que eu fui conhecer o que era óleo de soja. Não conhecia, vivia aqui só nessa vida assim, que tirava o óleo de coco, pegava o pequi pra por na comida, pra fazer sabão, pra assim, o tingui também. Nois usava assim. (COLABORADORA 4).

O uso medicinal do pequi é marcado por alguns relatos dos colaboradores, como o apresentado pela Colaboradora 6 e pela Colaboradora 2:

O pequi, vi minha mãe tirando muitas vezes e era usado para gripe, bronquite asmática, ia no mato, pegava o pequi, descascava, lavava, colocava numa sacola, negocio de plástico, tampava e deixava uns 3 a 4 dias e pegava e ia rapando os caroços para fazer a polpa, colocava numa panela ate ferver, o óleo boiava, e ela ia apanhando e pondo em outra vasilha, fritava o óleo em outra panela.. Tinha vez que ela tirava uma garrafa, depende da quantidade de pequi. Usava pra tirar dores, gripes, bronquites. Naquele tempo Deus é que dava o entendimento pras pessoas de remédio porque tudo era difícil né? E ai eu aprendi com minha mãe né? (COLABORADORA 6).

O óleo do pequi diz que é bom pra cabelo também. O chá da folha do pequi é bom pro estômago. A casca é boa pra bronquite. Faz o chá mais tem que coar bem coado por causa do picozinho que ele tem né? Só que faz assim com outras coisas. Tem muito pequi na região. (COLABORADORA 2).

Oliveira (2010) salienta algumas dessas possibilidades medicinais na Cartilha de *Boas Práticas de Manejo para o Extrativismo Sustentável de Pequi*:

Os povos do Cerrado dizem que o pequi possui propriedades terapêuticas e medicinais, sendo utilizado no tratamento de doenças respiratórias, bronquite, gripes e resfriados. O extrato de suas folhas possui atividade contra micoses (fungos) e moluscos (caracóis). Algumas indústrias utilizam o pequi para fabricação e comercialização de cosméticos, como hidratante, xampu, condicionador e sabonete. (LIMA, 2010, p. 35).

O uso medicinal desses frutos nas comunidades Kalungas é recorrente no dia-a-dia dessas pessoas, entretanto, a Colaboradora 4 nos relata também, as dificuldades de se utilizar remédios caseiros para tratar algumas enfermidades:

hoje eu já faço tapete, de retalho, eu faço pra vender, pra ajudar um pouquinho no remédio né porque quando a gente fica de idade é o que mais gasta é com remédio. Tem que comprar na farmácia e era a coisa que eu fui criada que eu não tomava era remédio de farmácia mas hoje é o jeito comprar né? Por causa da dor que a gente sente muito no corpo e por causa do serviço pesado que a gente fazia quando era novo. Capinar, carregar madeira pesada, cortar de machado, essas coisas... Hoje acho mais difícil curar com o remédio das planta, não sei se é porque o de lá já vem pronto né? Eu acho mais fácil comprar do que fazer, mas ainda curo, eu e meus filho. Não é toda doença que eu levo meus neto pra tomar remédio. Eu mesma faço alguns remédio. Pra gripe, pra muitas coisas, dor... faço os remédio caseiro. Pra febre, as vezes eu não preciso sair. Para os meus filho, pros meus netos. Mando remédio pra Goiânia pra minha filha que ta lá. Faço remédio dos frutos do Cerrado. As vezes da folha do pequi por causa de dor no estomago, dor no corpo, quando a gente sente dor nas pernas, ai a gente faz, cozinha a folha do pequi, lava as pernas que é bom pra dor. O óleo do pequi também, as vezes a gente usa pra dor que a gente sente. Aí faço. O óleo do pequi é bom pra gripe e é bom pra quando a gente ta sentindo dor nas pernas. A gente usa o leite da mangaba por causa de dor de barriga. A folha da mangaba também a gente usa por causa de dor na barriga, dor no estomago. A fruta também a gente usa quando se ta sentindo dor na barriga também. Fazer chá pros meus filho, não tem uma coisa melhor. Batatão a gente usa também. A gente arranca a raiz pra fazer o chá, curtir. Pra beber. Numa garapa de cana pra dar pros meus filhos, pros netos e pra algum sobrinho que vem passear na minha casa eu gosto de dar. Porque é muito bom. (COLABORADORA 4).

Para o Educando H, a Cartilha deveria explorar mais as especificidades do uso alimentar do pequi no nordeste goiano, conforme relato a seguir:

Pude perceber que o livro aborda questões muito importantes como as tradições e formas de alimentação das comunidades rurais e também das cidades, mas deveria ter falado mais sobre o pequi do nordeste goiano, há vários tipos de prato preparado com o pequi. (EDUCANDO H).

Outros frutos consumidos nas comunidades também foram relatados, como a cagaita, a mamacadela e o jatobá, utilizados na alimentação humana e uso medicinal.

Alguns relatos dos colaboradores registram a diversidade e riqueza dos frutos do Cerrado do Território Kalunga, que representam fonte de alimento e possibilidades de geração de renda para os seus habitantes.

O Colaborador 3 apresenta esse registro:

Mais de 200 quilos de mangaba e mais de 500 quilos de pequi. Tem ali conserva do pequi. Tinha um grupo que trabalhava na coleta de frutos do cerrado. Tinha uma comissãozinha ai que a gente montou, mas é o caso que eu acabei de falar sobre associação comunitária aqui que tomava conta dessas questões. Nós éramos 5 pessoas.. Então que que acontece... O buriti, eu tirei a média de 60 quilos de buriti. Depois a coisa tava meio parada e aí a gente dividiu, cada um pegou a sua parte, andamos vendendo, fizemos doce de buriti, geleia de buriti, vendemos aqui ... tenho as embalagem ... doce de abóbora... só que é diferente, é outro manejo... e o sonho da gente é conseguir, mas pra isso a gente tem que ter um transporte né? Porque o que mais embaraça a gente aqui é o transporte. Em tudo isso que eu to falando aqui a dificuldade é o transporte pra nos... igual aqui.. tem pequi mas não é assim... ia coletar lá no Vão de Almas.. pequi, mangaba... o buriti a gente coleta aqui, a cagaita nois coletava no Ribeirão... toda essa coleta é pra fazer polpa... pra vender e consumir... tudo artesanal... e sobre a quantidade de frutos pra manter a produção: Na diversidade de tempo dos frutos né? Dentro da estação.. Uma estação da um tipo de fruto, trabalha com esse fruto, outra estação da outro tipo de fruto... de acordo com a estação... o escoamento a gente tem que ver também... já tem um plano de trabalho feito... o pessoal do SEBRAE fez esse planejamento do escoamento... Já tem uma lojinha na comunidade pra venda de alguns produtos: artesanato (tecelagem), geleias, doces, sucos.. outros... grande produção de côco de várias qualidades (macaúba, babaçu, piaçaba).. só o coco que tem no Kalunga é uma fonte de renda muito grande... pra falar a verdade, o Kalunga é rico em tudo que pensa de frutos do cerrado: O açaf tem. Tem a buritirana que tira o leite e é muito gostoso. Se a população tivesse a habilidade de saber os seus deveres, rapidinho resolvia alguns problemas da comunidade. Os órgãos competentes não pensam nas futuras gerações que estão vindo. Aqui tem como os jovens manter aqui sem ter que sair daqui. Tudo que eu acho feio lá no mato eu trago pra dentro de casa e vendo aqui, no turismo. Tudo é fonte de ganhar dinheiro, e é uma coisa que todo mundo da conta de fazer... os órgãos não ajudam a gente nessa orientação... (COLABORADOR 3).

O Colaborador 5 salienta as diversas formas de uso desses frutos na comunidade:

Tem muitos pequi aqui na nossa comunidade. E o tempo dele é só um tempo né? Quando da o mês de setembro, outubro ele começa a cair e vai até dezembro. Muitos usam para tirar o óleo e para comer o fruto. Da massa dele faz o sabão de pequi que é muito usado na comunidade. Sabão de tingui. A mangaba poderia fazer a polpa, mas não tem energia. Pra levar pra cidade não tem oportunidade por falta de transporte. Tem um caminhão que passa todos os dias, é pago o valor de ida e volta. Perde muita fruta. A mangaba faz suco e come a fruta. Come com farinha. A casca é usada pra fazer remédio pra estômago, o leite é bom pra gastrite. O buriti é usado para fazer doce da massa. Faz o beiju da massa do buriti. Faz o doce também. A raiz é boa pra reumatismo. O braço do buriti é bom pra curar o esporado de arraia pra chupar o veneno. De cobra também. A cagaita faz suco e come verde. O chá da folha é saboroso e é bom para o coração e controlar a pressão. O batatão tira a massa dele que é bom pra tomar e a água fervida faz a resina que é boa para limpar o

intestino. Usa mais remédio natural na comunidade. Quando costuma ir na cidade é porque já viu que os remédios da comunidade não vai da volta e aí ve que não vai ter jeito mesmo. (COLABORADOR 5).

Tabela 3 - Formas de uso dos frutos nas comunidades Kalungas

FRUTOS	FORMAS DE USO		
	USO ALIMENTAR	USO MEDICINAL	OUTROS
BURITI	In natura, Polpa da fruta, doce e beiju da massa, geleia, bolo	Óleo é bom pra veneno de cobra, combate a gripe, bronquite, raiz combate reumatismo, braço combate esporado de arraia (retirar o veneno), caroço é bom pra cortar hemorragia,	Artesanato (tecelagem): Uru, Tapeti, Quibano, Peneira, Palha usada para cobrir casas
PEQUI	Polpa da fruta, conserva, paçoca da carne (farinha),	Óleo combate a gripe e bronquite e é bom pra cicatrizar queimaduras, chá da folha combate dor no estômago, dores nas pernas, casca é boa pra combater bronquite. O sabão controla as caspas.	Sabão
MANGABA	In natura, polpa da fruta, doce, geleia,	Casca usada como remédio para o estômago, leite é bom pra gastrite e dor de barriga,	
CAGAITA	In natura, polpa da fruta, suco,	Chá da folha é saboroso e bom pra controlar a pressão e para o coração,	
JATOBÁ	Bolo	Casca combate próstata,	
PUXA-PUXA (MAMACADELA)		Depurativo do sangue	
CÓCO PINDOBA	Óleo pra cozinhar	Óleo combate gripe, tosse	
COQUINHO AZEDO*	Não foram mencionados pelos entrevistados		
UMBU *	Não foram mencionados pelos entrevistados		

Fonte: Pesquisa de campo

### **CATEGORIA 3 - Licenciatura em Educação do Campo (Tempo-Escola e Tempo-Comunidade)**

#### **Tempo-Escola**

Destacamos a seguir, algumas considerações apresentadas nas análises críticas (resenhas) produzidas pelos educandos da Turma V, da Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC/UnB/FUP).

De um modo geral, o material ofertado foi considerado como um importante instrumento didático para o uso pedagógico, especialmente nas Escolas do Campo, considerando que o tema principal é o extrativismo sustentável e está é uma prática comum nas comunidades Kalungas que estão representadas pela maioria dos educandos da Turma V,

da Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC/UnB/FUP). Dialogando com Sousa (2010), os conhecimentos prévios desses educandos sobre o extrativismo praticado nas suas comunidades facilitou a leitura e o entendimento dos conteúdos.

Segundo os educandos, as Cartilhas alertam sobre a importância da conservação das áreas dos biomas que estão sendo devastadas pelos desmatamentos acirrados para a implantação de pastagens e monoculturas e que podem comprometer as nascentes.

O Educando K reforça a importância desse material para os alunos das escolas rurais. Entretanto, salienta que a devastação dos biomas é bem maior do que a apresentada na cartilha:

O extrativismo sustentável da mangaba gera renda e conserva a natureza. Uma pena que a devastação dos biomas esta numa proporção muito além do que foi comentado no texto. Esta cartilha é um ótimo material para os alunos de escolas rurais, onde eles saberão dos benefícios de cada um desses produtos do cerrado, desde a sua complementação na alimentação, no uso como plantas medicinais e também estarão conscientizando os seus pais da preservação dessas plantas. (EDUCANDO K).

A linguagem adotada no material é considerada simples e de fácil manuseio e compreensão. As Cartilhas contam também com algumas ilustrações e fotos que estão bem dispostas didaticamente. O Educando H reforçou essa característica:

Um dos pontos em destaque na cartilha do pequi é sua linguagem simples e fácil de ser interpretada, dirigida a agricultores e as pessoas que vive no campo e que tem o extrativismo do pequi como renda sustentável. (EDUCANDO H).

Outro registro dos educandos sobre as Cartilhas é que estas reforçam a sustentabilidade da fauna e da flora e a proteção á diversidade local, a partir da prática do extrativismo não predatório; como se dá a interação do extrativismo com os animais; os cuidados com as queimadas, a importância da organização social e as possibilidades de receitas com os frutos.

O Educando H registra a importância das Cartilhas para desenvolver o senso de cuidado e atenção ao meio ambiente e compreensão das particularidades potenciais econômicos dos frutos:

Ao ler este livro o leitor ou estudante poderá identificar-se com o texto, de forma que também desenvolverá o senso de cuidado e atenção ao meio ambiente, além de compreender melhor as particularidades e potenciais econômicos da mangaba e a sua influência na realidade de vida de muitas pessoas. (EDUCANDO H).

A abordagem adotada no material também despertou a necessidade de preservação e investimentos nos frutos das comunidades Kalungas dos educandos que quase sempre representam alimento e remédio. Embora apresentem informações gerais sobre o uso alimentar e medicinal (casca, leite, folha, raiz) e oferta várias formas de manejo do fruto, deveriam ampliar a abordagem sobre as propriedades medicinais dos frutos nessas Cartilhas.

O Educando J dialoga a respeito das dificuldades dos extrativistas com a comercialização, conforme abordado na cartilha:

A Mangabeira é uma árvore muito importante no Brasil. Agora eu não entendo porque o governo já não tomou providencias de mais proteção á essa árvore querida dos brasileiros que ainda continuam desmatando elas em várias regiões para limpar espaço para plantações de capim. Na minha comunidade, por exemplo, nós não derrubamos a mangabeira só afim de conservá-la perto de casa mantendo sombras, fazer remédios, comer os frutos, etc.. (EDUCANDO J).

O Educando H também dialoga sobre a realidade da sua comunidade com as práticas extrativistas:

Algumas comunidades como Vão de Almas e Diadema não extrai os frutos da mangabeira para o comércio porque lá as mangabeira só da de ano em ano por isso não dá pra viver só do extrairmento da mangaba. Também algumas pessoas da comunidade não sabem a importância que os frutos e folha da mangabeira fazem. Eles só sabem que a sua flor e leite e frutos servem só pra comer e seu leite só pra curar dor de barriga. (EDUCANDO H).

Por fim, alguns educandos salientam que as Cartilhas articulam conhecimentos compartilhados entre coletores experientes e pesquisas científicas.

Assim como o próprio autor disse, várias destas informações citadas no livro vieram dos coletores experientes, eu também como leitora posso estar repassando alguns conhecimentos para as pessoas da minha comunidade, de forma que passamos a utilizarmos os frutos. Devemos trabalhar por um futuro em que as pessoas vivam em harmonia com a natureza. (EDUCANDA P).

A cartilha tem base na em pesquisa científica com mediação no conhecimento popular dos coletores do coquinho azedo. Essas informações contribui no sentido da grande importância dessa planta no meio ambiente, e de como essas práticas de manejo buscam tentar solucionar alguns problemas de destruição na natureza. (EDUCANDO O).

Esta obra traz várias formas de extrair o Buriti, com ele pode-se trabalhar diversos gêneros textuais partindo da realidade camponesa, tem informações enriquecedoras de conhecimento, sua linguagem é bem clara. Espero que essa obra possa chegar nas bibliotecas das comunidades do campo. (EDUCANDO E).

Sugere-se que o público leitor do material seja ampliado para outros públicos de interesse como cozinheiras, ambientalistas, artesãos, fabricantes de móveis.

Os educandos fizeram outras manifestações interessantes sobre os conteúdos das Cartilhas, apresentadas a seguir:

O livro é muito importante para mostrar a riqueza do Sertão Nordestino o umbuzeiro não é cultivado só lá no sertão, em Goiás tem alguns pés de umbu, mas não tem o processamento que tem na caatinga e a forma de processar o fruto não é o mesmo, por não ser um fruto nativo de Goiás. (EDUCANDO L).

Gostei muito do livro porque eu não conhecia essa árvore e descobri que ela foi e é muito importante para o povo do nordeste e norte do país. Andei investigando e descobri que existe dela na comunidade Kalunga e o livro fez eu descobri muitas características da referida planta. (EDUCANDO M).

A minha opinião sobre a cartilha que ele fez uma boa análise sobre o coquinho azedo que é uma planta nativa do cerrado, descrevendo suas principais características. Eu também conheço na minha comunidade como coco cabeçudo e usamos também para nossa alimentação de várias maneiras, serve para alimentação do gado e outros animais. Então eu parabênizo pelo seu trabalho bastante rico e fortalecido. (EDUCANDO Q).

## **Tempo-Comunidade**

### **Na produção das narrativas nas comunidades Kalungas**

Os relatos evidenciaram traços da progressão nas habilidades de leitura e escrita e mais ainda, de um letramento crítico dos educandos de origem em comunidades Kalungas que participaram da Pesquisa. Essa perspectiva crítica dialoga com o anunciado por Santos Neto (2009) que alerta sobre o papel decisivo da educação na formação do sujeito crítico e transformador, o formador de opinião permanente na construção coletiva do pensamento de um grupo social e que tem papel decisivo na produção de conhecimentos. O intelectual orgânico de Gramsci.

Evidenciou também, a identificação do direito à universidade como qualquer outra pessoa, do merecimento e do mérito de poder concorrer à vaga no processo de seleção e ser aprovado. Além disso, de ser representante dos Kalungas e estar ocupando um espaço importante na universidade.

Pra mim estar na LEdoC que é um curso diferenciado dentro da UnB, eu me sinto muito orgulhoso porque se não fosse a LEdoC eu não estaria lá ocupando um espaço hoje e o que eu mais me sinto orgulhoso é de onde eu vim e aonde eu estou hoje que é numa universidade pública que, por exemplo, é um espaço nosso, mas pra burguesia não é espaço nosso e o espaço que eu conquistei foi igual todo mundo que conquistou espaço lá que foi no vestibular. (EDUCANDO A).

Trechos das narrativas revelaram também a importância de participar de eventos de letramentos, como uma entrevista e poder se posicionar sobre a sua comunidade e a sua história de vida, conforme anuncia o Educando E:

Essa entrevista já é um desafio porque a gente aqui na comunidade não tem esse hábito de ser entrevistado e às vezes é entrevistado algumas pessoas só e só é retirado foto e as pessoas mesmo é que vai contar a nossa história sem a gente tá contando a história nossa, então isso sai de mim essa entrevista então não é mais um plágio que a pessoa pega e faz lá fora através de uma foto ele acaba contando a sua história de modo diferente e sem você saber. (EDUCANDO E).

Alguns educandos, como a Educanda F, também revelaram o interesse em continuar os estudos para contribuir com as escolas das comunidades Kalungas.

As pessoas pensam que a universidade foi feita só pra eles e eu vejo que ela também foi feita também pra gente né? De classe baixa, inclusive acontecem fatos que eles pensam que nós merecemos só o que nós já temos na comunidade mas eu vejo que nos estamos lá não é por gratidão nenhuma mas é por merecimento nosso, estamos lá porque nós também temos condições de estar lá, temos mérito, conseguimos estar lá não é porque ninguém nos deu, foi porque nós lutamos pra estar lá, não só nos, mas os nossos ancestrais que lutaram né? Pretendo terminar o curso e se abrirem outras portas para a pós eu vou continuar, quero fazer o mestrado, continuar estudando para continuar dando suporte para a nossa comunidade e para os nossos alunos terem uma educação bem melhor. (EDUCANDA F).

Identificou-se também o reconhecimento de pessoas das comunidades Kalungas da importância e da luta dos educandos dessas comunidades e a expectativa de que estes educandos possam contribuir para a permanência dos jovens nas suas comunidades de origem, com a ampliação, na maioria das escolas, da educação local até a conclusão do ensino médio.

As vezes eu sinto essa batalha dos professores também .. eu enfrentei e eles tão enfrentando né? Eu também lutei esses 4 anos e abandonei as minhas coisas... pra conseguir alguma coisa eu tive que deixar o que eu tinha pra trazer alguma coisa que eu não tinha. Eu sinto eles nessa mesma guerra. Pra trazer o futuro pra gente. O que eles vai buscar pra trazer pra comunidade. As vezes tem tanta dificuldade pra sair pra buscar pra comunidade, saindo daqui pra lá e depois quando terminar os estudos

não vai embora, permanece aqui pra dar futuro pra juventude. Porque o meu sonho é as vezes ter uma escola maior aqui dentro. As nossas crianças estão saindo pequenas la pra fora, pra cidade. Os pais ficam aqui na roça e as crianças ficam la na cidade abandonadas porque não tem um emprego. As vezes quando da no correr do dia, os que estudam a noite, as vezes ta solto na rua no decorrer do dia e vice versa, e as vezes ta sozinho porque os pais ta aqui na roça. E as criancinha ta lá. A juventude sai as vezes com 12 e 13 anos e ficam sozinhos. Se tivesse estudo aqui quer dizer que eles tavam aqui com nois. Já saia daqui da comunidade com a mente sabendo o que fazer.. e as vezes vai embora pra la e não sabem o que fazer. As vezes os pais orientam mas tem que ta pegado na orelha direto. (COLABORADOR 5).

Este capítulo apresentou o processo dinâmico constituído na pesquisa etnográfica colaborativa, vivenciado no ambiente pedagógico da Turma V da LEdoC, a partir da coleta de dados pela observação participante, registros de campo, gravações em áudio e das Oficinas de Letramento: textos escritos, produção de resenhas e de narrativas nas comunidades Kalungas, que possibilitaram a reflexão contínua sobre os conteúdos apresentados nas Cartilhas das Minibibliotecas, relacionando-os aos contextos locais dos educandos. Esse processo permitiu constituir um olhar diferenciado sobre esses conteúdos. As três categorias definidas para articular o conjunto de análises produzidas no Tempo-Escola e no Tempo-Comunidade, contribuíram significativamente para traduzir o contexto local das comunidades Kalungas de origem desses educandos e suas especificidades, considerando o ambiente pedagógico da Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC).

## CAPÍTULO 4: CONCLUSÕES

Os educandos da Turma V, da Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC UnB/FUP), especialmente os educandos oriundos de comunidades Kalungas, estão fazendo a história na Universidade de Brasília. Eles são representantes do Território Kalunga, que diante de todas as contradições construídas pelo senso comum e da disputa pelo acesso à universidade pública, se reconhecem com a legitimidade do direito à universidade e a afirmação da sua identidade, marcada segundo Baiocchi (1999) pela ancestralidade africana dos quilombolas e cuja resistência à escravidão possibilitou a constituição de um modo próprio de viver e de se relacionar com o homem e com a natureza.

O protagonismo desses educandos Kalungas na universidade, a aprendizagem progressiva e a afirmação da identidade Kalunga no espaço acadêmico, representam a materialidade de um projeto educativo emancipador, idealizado e que está em disputa constante na sociedade capitalista (SANTOS, 2009) e se apresenta como um fórum privilegiado para o embate teórico e prático, conforme anunciado por Molina (2012).

Contribui também para desmistificar o posicionamento imposto pela ciência positivista que habitualmente desconsidera a história de vida e a visão de mundo dos sujeitos do campo e as especificidades existentes na diversidade de contextos locais, especialmente das comunidades quilombolas, relegando a estes o papel submisso de meros reprodutores de conhecimentos produzidos e descontextualizados.

No Território Kalunga, predomina a existência de um ecossistema complexo, dinâmico integrando as raízes afrodescendentes, os modos de ser, viver e se relacionar com a terra, a água, a lua e a religiosidade. Considerar esse ecossistema é reconhecer seus valores e visões de mundo e representa um dos desafios pedagógicos da LEdoC. (MOLINA, 2012a).

A presente pesquisa soma-se a outras que justificam a importância da formação integral dos educadores do campo na aquisição das habilidades de leitura e escrita crítica, a partir da leitura de mundo, da valorização da cultura e do contexto local e dos letramentos múltiplos existentes nas comunidades, de acordo com o anunciado por Sousa (2010).

Considera-se oportuno o uso das Cartilhas de *Boas Práticas de Extrativismo Sustentável de Buriti, Coquinho Azedo, Mangaba, Pequi e Umbu* das Minibibliotecas da Embrapa, utilizadas como fonte de pesquisa na produção textual das Oficinas de Letramento com a Turma V, da Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC/UnB/FUP). A pesquisa etnográfica colaborativa evidenciou que o uso desse material no ambiente pedagógico

contribuiu para a aprendizagem dos educandos na produção textual (produção de resenhas e narrativas), considerando que os conteúdos abordados possuem conexão com a realidade desses educandos nos seus contextos locais e considerando também que a linguagem das Cartilhas foi considerada de fácil leitura e compreensão por esses educandos. Além disso, as Cartilhas também oportunizaram a ampliação dos conhecimentos desses educandos sobre o extrativismo sustentável desses frutos, considerando os biomas e os cuidados necessários ao meio ambiente, incluindo a sustentabilidade da fauna e da flora e a proteção à diversidade local.

As atividades de letramentos desenvolvidas com a Turma V da LEdoC - Atividade 1 produção de resenhas e Atividade 2 – produção de narrativas – possibilitaram a apropriação, reflexão e diálogo desses educandos com o conhecimento científico apresentado nas Cartilhas, bem como constituíram o registro de um conhecimento contextualizado e significativo sobre as formas de uso alimentar e medicinal dos frutos do Cerrado nessas comunidades Kalungas. O conjunto de análises sobre os modos de viver e de se relacionar com a natureza dessas comunidades evidenciam o “Santuário Ecológico” conforme anunciado por Baiocchi (1999).

Considera-se ainda que a pesquisa estimulou, nas Oficinas de Letramento, o exercício da criticidade e da autonomia, preconizadas por Gramsci(2009) e Freire (1996), na perspectiva da emancipação desses educandos na produção acadêmica e na vida social.

### **Sobre o contexto pedagógico do ambiente formativo da LEdoC, considera-se:**

Ainda que a oralidade seja uma característica marcante nos educandos de comunidades Kalungas (BAIOCCHI, 1999), apresentou-se algumas dificuldades consideráveis na expressão oral e na leitura textual dos educandos da Turma V da LEdoC. Estas dificuldades se justificam pela fragilidade da educação básica da maioria desses educandos. Percebe-se a necessidade de se utilizar dinâmicas pedagógicas para exercitar a oralidade em sala de aula e na comunidade de origem, de modo que ao longo do processo formativo esses educandos adquiram essas habilidades. De outro modo, os educandos que possuem origem em assentamentos da Reforma Agrária, demonstram maior familiaridade com a oralidade e com a leitura textual. Considera-se, neste caso, que esses educandos estimulam naturalmente uma diversidade de eventos de letramentos (letramentos múltiplos) que estão em circulação nos diversos contextos locais e contribuem com o exercício da leitura e da escrita no ambiente comunitário: realização de assembleias, seminários, encontros, oficinas e místicas, dentre outros. (SOUSA, 2010).

Destacam-se também algumas dificuldades de compreensão e análise textual. Essa é uma característica recorrente no conjunto dos educandos oriundos de comunidades Kalungas. Essas dificuldades foram identificadas a partir da produção textual desses educandos, observando as lacunas na construção do pensamento e na organização das ideias. No entanto, registra-se também a capacidade de conexão de conteúdos abordados com as realidades de suas comunidades. Os educandos conseguem estabelecer a relação de similaridade ou de distanciamento dos conteúdos, fazendo questão do registro e da sua manifestação pessoal. Esta capacidade representa um atributo importante que traduz traços da identidade desses educandos.

As dificuldades apresentadas nos levam a uma reflexão sobre que tipos de estímulos estão em circulação no ambiente familiar e comunitário desses educandos e que podem favorecer ou não a expressão oral e leitura textual e que estão relacionados a cultura oral e escrita. Dialogando com Rojo (2009) que versa sobre os letramentos locais ou vernaculares, que são usualmente desvalorizados pela cultura oficial, embora estejam no cotidiano e na cultura local, observa-se a existência de uma rica diversidade de eventos de letramentos realizados nas comunidades Kalungas como as festas religiosas e as reuniões comunitárias, dentre outros. Esses eventos de letramento contribuem sobremaneira com o exercício da cultura oral e escrita dos educandos e precisam ser considerados e valorizados no ambiente pedagógico da LEdoC para o desenvolvimento de estratégias que somem na aquisição dessas habilidades pelos educandos.

### **Sobre o contexto institucional (Minibibliotecas da Embrapa), considera-se:**

A cronologia estabelecida nos tempos institucionais precisa dialogar com as complexidades dos contextos locais. A construção de uma relação dialógica com os sujeitos do campo demanda tempo e dedicação contínua. Isso significa que o cronograma programático de uma ação planejada institucionalmente deve considerar a complexidade existente nos contextos locais.

É preciso considerar que os temas são transversais, estão interligados e transitam na complexidade das relações estabelecidas localmente. Nem sempre é possível pensar em uma ação relacionada a um determinado tema sem considerar o rol de temas que circulam no contexto local que concebe processos interativos, de intercâmbio e de produção (ou adaptação) de conhecimentos com os sujeitos do campo.

Considerar também outras dimensões como a dimensão cultural, social, ambiental, religiosa, etc... Esse é um processo de aprendizado dialogado que significa ampliar as possibilidades de atuação, inclusive para a aprendizagem institucional nesse processo.

No caso da disponibilização de conteúdos formatados como os das Minibibliotecas, é preciso constituir uma percepção ética sobre as possíveis limitações existentes entre os conhecimentos ofertados (conteúdos, ferramentas e formatos) e as demandas e necessidades locais dessas comunidades rurais.

E necessário, portanto, considerar as especificidades e valores do contexto local na produção e ou adaptação de conteúdos específicos e a participação de parceiros de instituições públicas e da sociedade civil organizada, que possuem suas expertises em processos similares. Deve-se também considerar a co-autoria dos sujeitos no campo na produção (ou adaptação) de conhecimentos em ações partilhadas, incluindo aí a discussão sobre propriedade intelectual, a sistematização e a publicidade.

Sugere-se a inclusão da presente pesquisa etnográfica no formato programático de pesquisa da Empresa, para dar continuidade na investigação de dinâmicas de uso de conteúdos ofertados e ou a serem elaborados na diversidade de ferramentas e formatos, no ambiente formativo da Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC), considerando os tempos formativos: Tempo-Escola e Tempo-Comunidade e em outros espaços similares que forem identificados como oportunidade de aprendizagem dialógica institucional.

Acredita-se que a continuidade dessa pesquisa incluindo outros atores da instituição pode estimular também processos de aprendizagem pedagógica direcionada aos técnicos e pesquisadores da empresa, incluindo intercâmbios e exercícios de produção (ou adaptação) de conhecimentos com significado local. Estes processos contribuem com uma perspectiva diferenciada sobre as relações dialógicas e a produção de conhecimentos com os sujeitos do campo. Essa perspectiva dialógica precisa ser construída também no ambiente interno da instituição, com respeito às diferentes concepções e visões de mundo.

## REFERÊNCIAS

ALENTEJANO, Paulo. **Modernização da Agricultura**. p. 477- 480. In. CALDART, Roseli Salete (Org.) *Dicionário da Educação do Campo*. Expressão Popular. Rio de Janeiro. São Paulo. 2012.

ALFONSIN, Jacques Távora. **Direitos Humanos**. p. 223-228. In. CALDART, Roseli Salete (Org.) *Dicionário da Educação do Campo*. Expressão Popular. Rio de Janeiro. São Paulo. 2012.

ANDRE, Marli Elisa De Afonso. **Etnografia da Prática Escolar**. Papirus. Campinas, SP. 2008.

ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos.; CYPRIANO, André. **Quilombolas: tradições e cultura da resistência**. São Paulo: Aiori Comunicação. 2006.

ANTUNES-ROCHA, Maria Isabel; MARTINS, Aracy Alves (Org.). **Educação do Campo**. Desafios para a formação de professores. Coleção Caminhos da Educação do Campo. Autêntica. Belo Horizonte. 2009.

AGGIO, Alberto. (Org.); BEIRED, José Luís Bendicho. **Gramsci: A Vitalidade de um Pensamento: 1. A Função Social dos Intelectuais**. p.118-132. Ed. UNESP. São Paulo. 1998.

ARROYO, Miguel G. **Formação de educadores do campo**. p. 359-365. In. CALDART, Roseli Salete (Org.) *Dicionário da Educação do Campo*. Expressão Popular. Rio de Janeiro. São Paulo. 2012.

AUGUSTO, Lia Giraldo da Silva. **Transgênicos**. p.759-763. In. CALDART, Roseli Salete (Org.) *Dicionário da Educação do Campo*. Expressão Popular. Rio de Janeiro. São Paulo. 2012.

BAIOCCHI, Mari de Nasaré. **Kalunga** – Povo da Terra. Ed. UFG. Brasília. 1999.

BARTON, David. et al. **Situated literacies: reading and writing in context**. London and New York: Routledge, 2000. Resenhado por: Rosineide Magalhães de Sousa.

BARRETO, LÍlian Santos, CASTRO, Marina Siqueira de. **Boas práticas de manejo para o extrativismo sustentável do umbu** – Brasília: Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia, 2010.

BIODIVERSIDADE. **Passado, presente e futuro da humanidade**. Centro Ecológico. RS. 2006.

BORTONE, Marcia Elizabeth. **Letramento** (capítulo). Universidade de Brasília. UNB. Brasília. 2012.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris (orgs)... [ et.al.]. **Leitura e Mediação Pedagógica**. Ed. Parábola. São Paulo. 2012.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O Professor Pesquisador**. Introdução à Pesquisa Qualitativa. II Parábola. São Paulo. 2009.

CALDART, Roseli Salete; FETZNER, Andréa Rosana, [et.al.]. **Caminhos para a transformação da escola**: Reflexões desde práticas da educação do campo. Ed. Expressão Popular. São Paulo. 2010.

CALDART, Roseli Salete (Org.) **Dicionário da Educação do Campo**. Expressão Popular. Rio de Janeiro. São Paulo. 2012.

CALDART, Roseli Salete. **Educação do Campo**: notas para uma análise de percurso. p.103-126. In. MOLINA, Mônica Castagna (Org). Educação do Campo e Pesquisa II: questões para reflexão. Brasília: MDA/MEC, 2010.

CASIMIRO, Ana Palmira Bittencourt Santos. **A atualidade do materialismo histórico e dialético**. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

EMBRAPA Informação Tecnológica. **III Plano Diretor da Embrapa Informação Tecnológica**: 2008-2011. Brasília, DF. Embrapa 2008a.

EMBRAPA. Secretaria de Gestão e Estratégia. **V Plano-Diretor da Embrapa**: 2008-2011-2023/Brasília, DF, Embrapa. 2008b.

ESCOLARIZANDO o Mundo. Documentário. Acessado no dia 10.02.2014 às 15:25hs. [http://www.youtube.com/watch?v=6t\\_HN95-Urs](http://www.youtube.com/watch?v=6t_HN95-Urs), publicado em 15.06.2013.

FERREIRA, Simone Raquel Batista. **Quilombolas**. p. 645-649. In. CALDART, Roseli Salete (Org.) **Dicionário da Educação do Campo**. Expressão Popular. Rio de Janeiro. São Paulo. 2012.

FONEC - **Fórum Nacional de Educação do Campo**: Notas para análise do momento atual da Educação do Campo. Seminário Nacional – Brasília, 15 a 17 de agosto 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 30. Ed. São Paulo: Paz e Terra. 1996.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler**: Em três artigos que se completam/Paulo Freire. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6<sup>a</sup>. ed. São Paulo. Atlas. 2011.

GUBUR, Dominique Michele Periotto e TONÁ, Nilciney. **Agroecologia**. p. 57-64. In. CALDART, Roseli Salete (Org.) **Dicionário da Educação do Campo**. Expressão Popular. Rio de Janeiro. São Paulo. 2012.

LEITE, Sérgio Pereira e MEDEIROS, Leonilde Servolo. **Agronegócio**. p. 79-85. In. CALDART, Roseli Salete (Org.) **Dicionário da Educação do Campo**. Expressão Popular. Rio de Janeiro. São Paulo. 2012.

LIMA, Isabela Lustz Portela, SCARIOT, Aldicir. **Boas práticas de manejo para o extrativismo sustentável da mangaba** – Brasília: Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia, 2010a.

LIMA, Victor Vinícius F. de., SILVA, Priscila Albertasse Dutra da e SCARIOT, Aldicir. **Boas práticas de manejo para o extrativismo sustentável do coquinho azedo** – Brasília: Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia, 2010b.

MENDONÇA, Sonia Regina. **Estado**. p. 347-352. In. CALDART, Roseli Salete (Org.) **Dicionário da Educação do Campo**. Expressão Popular. Rio de Janeiro. São Paulo. 2012.

MOLINA, Mônica Castagna; SÁ, Laís Mourão. **Capítulo 2: A Licenciatura em Educação do Campo da Universidade de Brasília: Estratégias Político–Pedagógicas na Formação de Educadores do Campo**. 2012a. Licenciaturas LEdoC. Universidade de Brasília. Brasília-DF. p.35–61.

\_\_\_\_\_. **Licenciatura em Educação do campo**. p. 466-472. In. CALDART, Roseli Salete (Org.) **Dicionário da Educação do Campo**. Expressão Popular. Rio de Janeiro. São Paulo. 2012b.

OLIVEIRA, Washington Luis de., SCARIOT, Aldicir. **Boas práticas de manejo para o extrativismo sustentável do pequi** – Brasília: Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia, 2010.

PARÉ, Marilene Leal. Luana Paré de Oliveira & VELLOSO, Alessandra D'Aqui. **A educação para Quilombolas: Experiências de São Miguel dos Pretos em Restinga Seca (RS) e da Comunidade Kalunga do Engenho II (G).** Cad. Cedes, Campinas, vol. 27, n. 72, p. 215-232, maio/ago. 2007. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>

PEREIRA, Mônica Cax de Britto. **Revolução Verde.** p. 685-689. In. CALDART, Roseli Salete (Org.) Dicionário da Educação do Campo. Expressão Popular. Rio de Janeiro. São Paulo. 2012.

PETERSEN, Paulo; DIAS, Ailton (Org). **Caderno do II Encontro Nacional de Agroecologia Construção do Conhecimento Agroecológico: Novos Papéis, Novas Identidades.** Articulação Nacional de Agroecologia. 2007.

PRONKO, Marcela e FONTES, Virgínia. **Hegemonia.** p. 389-394. In. CALDART, Roseli Salete (Org.) Dicionário da Educação do Campo. Expressão Popular. Rio de Janeiro. São Paulo. 2012.

QUILOMBOS das Américas. **Articulação de Comunidades Afro-urbanas.** Documento Síntese. Brasília. IPEA. SEPPPIR. 2012.

ROLO, Márcio; RAMOS, Marise. **Conhecimento.** p. 149-156. In. CALDART, Roseli Salete (Org.) Dicionário da Educação do Campo. Expressão Popular. Rio de Janeiro. São Paulo. 2012.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social.** São Paulo: Parábola, 2009.

ROSA, Edna Ferreira. **Comunidade Quilombola Kalunga – Entre o direito étnico, políticas públicas e a legislação ambiental.** p.31-80. In: Revista de Direito Agrário. Ministério do Desenvolvimento Agrário. Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. Associação Brasileira de Direito Agrário. Brasília. Ano 20. No. 21. 2007.

SAMPAIO, Maurício Bonesso. **Boas práticas de manejo para o extrativismo sustentável do buriti** – Brasília: Instituto Sociedade, População e Natureza, 2011.

SANTOS, Clarice Aparecida dos. **Educação do Campo e Políticas Públicas no Brasil.** A Instituição de políticas públicas pelo protagonismo dos movimentos sociais do campo na luta pelo direito à educação. Brasília, DF. Universidade de Brasília. Faculdade de

Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE – Mestrado em Educação. 2009. Disponível:

[http://bdtd.bce.unb.br/tesesimplificado/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=5168](http://bdtd.bce.unb.br/tesesimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=5168)

SANTOS NETO, Elydio dos. **Paulo Freire e Gramsci: Contribuições para pensar Educação, Política e Cidadania no contexto neoliberal.** Revista Múltiplas Leituras, v.2, n.2, p. 25-39, jul. /dez. 2009.

SOUSA, Rosineide Magalhães de. **Gênero Discursivo Mediacional, da elaboração à recepção: uma pesquisa na perspectiva etnográfica.** Programa de Pós Graduação em Lingüística, Línguas Clássicas e Vernácula da Universidade de Brasília. Tese de Doutorado em Lingüística. 2006.

\_\_\_\_\_. **Práticas de Letramento: Produção textual coletiva na formação do docente do Campo.** Universidade de Brasília. LEdoC. FUP. UNB. 2010.

STÉDILE, João Pedro ; CARVALHO, Horácio Martins. **Soberania Alimentar.** p. 714-722. In. CALDART, Roseli Salette (Org.) Dicionário da Educação do Campo. Expressão Popular. Rio de Janeiro. São Paulo. 2012.

TIBÚRCIO, Breno Aragão.; VALENTE, Ana Lúcia Eduardo Fara. **O comércio justo e solidário é alternativa para segmentos populacionais empobrecidos?** Estudo de caso em Território Kalunga (GO). Revista de Economia e Sociologia Rural. v.45. p.497-519. 2007.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** 1ª. ed. Atlas. São Paulo.. 2011.

VELLOSO, Alessandra D'Aqui. **Mapeando narrativas: uma análise do processo histórico-espacial da comunidade do Engenho II – Kalunga.** 2007. Dissertação (Mestrado em Gestão Ambiental e Territorial) – Departamento de Geografia-Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília. Brasília.

VIEIRA, Job Lúcio Gomes. **Etnoconhecimento: Organização das Ações de Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação e Transferência de Tecnologia da Embrapa Relacionadas aos Povos e Comunidades Tradicionais.** Embrapa. Brasília. 2007.

UNGARELLI, Daniella Buchmann. **A Comunidade Quilombola Kalunga do Engenho II: Cultura, Produção de Alimentos e Ecologia dos Saberes.** Brasília, DF. Universidade de Brasília. Centro de Desenvolvimento Sustentável. Dissertação de Mestrado. 2009.

**APÊNDICE I****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO****CONSENTIMENTO DO DOCENTE DO CURSO DE LICENCIATURA EM  
EDUCAÇÃO DO CAMPO-UnB**

Eu, \_\_\_\_\_

docente da Turma V, do Curso de Licenciatura em Educação do Campo-UnB, DECLARO que fui esclarecido(a) quanto aos objetivos e procedimentos do estudo “PRÁTICAS DE LETRAMENTOS: CARTILHAS DAS MINIBIBLIOTECAS NA FORMAÇÃO DE EDUCADORES KALUNGAS DA TURMA V, DA LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO, DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA” pela pesquisadora JULIANA ANDRÉA OLIVEIRA BATISTA, sob orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> MÔNICA CASTAGNA MOLINA, e CONSINTO minha participação neste projeto de pesquisa, a realização das gravações dos encontros, bem como o uso dos áudios e produções textuais: Resenhas e Narrativas - para fins de estudo e para publicação em revistas científicas.

Brasília, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2013.

---

Assinatura do Docente

## APÊNDICE II

## PROJETOS DIFERENCIADOS EM DESENVOLVIMENTO NA EMBRAPA

Fonte: Ideare 2012

TEMA	PROJETO
<b>Comunidades Tradicionais, Indígenas e Sementes Crioulas (7)</b>	Etnoconhecimento e Agrobiodiversidade entre os Kaxinawá de Nova Olinda
	Açaí, banana e citros - ABC da fruticultura familiar das comunidades indígenas de Oiapoque.
	Quintais Orgânicos de Frutas: contribuição para segurança alimentar em áreas rurais indígenas e urbanas.
	As sementes crioulas como instrumento tecnológico e cultural na integração do agricultor familiar no contexto sócio-econômico
	PC 13 - Conservação in situ e on farm de recursos genéticos em comunidades tradicionais e indígenas
	Pesquisa participativa para avaliação e seleção de variedades tradicionais ("crioulas") de milho junto a agricultores familiares da Paraíba
	Rede de agricultores guardiões de sementes e desenvolvimento in situ de cultivares crioulas
<b>Produção Orgânica e Ecológica (5)</b>	Apropriação do Conhecimento e Aspectos Sócio-Econômicos da Produção Orgânica.
	Desenvolvimento de Sistemas de Produção de Base Ecológica de Hortaliças para a Agricultura Familiar
	Desenvolvimento de comunidades de agricultores familiares do Piauí por meio do gergelim orgânico
	Sistema orgânicos de produção animal
	Aproveitamento de resíduos orgânicos localmente disponíveis para a produção e validação de fertilizantes alternativos apropriados à agricultura familiar de base ecológica no Território Sul do Rio Grande do Sul
	Manejo de recursos naturais na agricultura orgânica
<b>Agroecologia Transição Agroecológica (16)</b>	Sistemas Agroecológicos consorciados de produção de Café no Estado de Mato Grosso do Sul.
	Manejo Agroecológico em Agroecossistemas diversificados no Semiárido Brasileiro.
	Projeto Inter-Agindo: interfaces entre os atores do meio rural na construção do conhecimento agroecológico no Estado do Amapá
	Transição Agroecológica: Construção Participativa do Conhecimento para a Sustentabilidade.
	Bases Científicas e Tecnológicas para a Transição Agroecológica
	Vitrines permanentes de tecnologias para a transição agroecológica
	Rede de pesquisa participativa para a transição agroecológica da agricultura familiar do território Sul do Rio Grande do Sul
	Experimentação Participativa e Agroecologia em Assentamentos Rurais de Sergipe
	Barragem subterrânea: uma opção agroecológica para a agricultura familiar no semiárido do Nordeste brasileiro
	Construção de conhecimento agroecológico em territórios de identidade rural por meio de intercâmbios em redes sociais.
	Plantas bioativas de interesse para o manejo sanitário de agroecossistemas em transição agroecológica
	Quintais agroflorestais dinâmicos e agroecológicos para aumento da segurança alimentar e renda de agricultores familiares
	Construção do conhecimento e de tecnologias agroecológicas com os Agricultores Familiares da região Leste do Estado de São Paulo
	Ações para Otimização da Apropriação do Conhecimento e Fortalecimento de Redes de Agroecologia no Mato Grosso do Sul e Regiões vizinhas
Gestão dos conhecimentos e sistematização de métodos e experiências agroecológicas	
Sistematização de Experiências de Agricultores em Práticas Agroecológicas na Perspectiva da Convivência com Escassez de Recursos Hídricos na Bahia e em Sergipe.	

TEMA	PROJETO
<p align="center"><b>Conservação da Biodiversidade, Recuperação de Áreas degradadas, Sistemas Agroflorestais e Extrativismo Sustentável (12)</b></p>	Transferência de Tecnologias de sistemas produtivos sustentáveis em Rede, nos municípios da Operação Arco Verde Terra Legal, no Estado do Pará.
	Transferência de Tecnologias de Manejo de Bacurizais Nativos para Recuperação de Áreas Degradadas e Geração de Renda para Agricultura Familiar no Nordeste Paraense e Ilha do Marajó – Pa
	Rede para Conservação da Biodiversidade e Valoração dos Produtos da Floresta com Araucária - Rede CONSERVABIO
	Diagnósticos de Áreas Degradadas e Plano Piloto de Recuperação das Margens do Rio São Francisco para o Bioma Caatinga na Região de Petrolina e Juazeiro
	Sistematização de experiências e formação de profissionais para apoiar as catadoras e o extrativismo sustentável de mangaba no norte e nordeste do Brasil
	Ações de uso e manejo da sociobiodiversidade de sistemas agrícolas e extrativistas visando a segurança alimentar e geração de renda de agricultores familiares
	Sistema Agroflorestal Multiestrata Sucessional na Floresta Atlântica Densa do Estado do Paraná - Projeto Agroflorestas
	Desenvolvimento de tecnologias em sistemas agroflorestais voltadas para agroenergia e segurança alimentar
	Recuperação de solos de cerrado e caatinga pelo uso de sistemas agroflorestais como alternativa à agricultura tradicional de corte e queima na região centro-norte do Piauí
	Avaliação de estratégias de transferência de tecnologia para a adoção de práticas conservacionistas focada no uso sustentável da água na agricultura: uma abordagem comportamental
	Manejo ecológico da vegetação natural campestre no contexto da pecuária familiar do Alto Camaquã
	<p align="center"><b>Desenvolvimento Rural, Pesquisa e Métodos Participativos (14)</b></p>
Impacto da pesquisa participativa do melhoramento genético da mandioca no bioma caatinga	
Transferência de tecnologias de boas práticas de manejo e aproveitamento alimentar de frutos de espécies nativas do Bioma Cerrado para o desenvolvimento de processos agroindustriais sustentáveis em São Francisco-MG	
Monitoramento e avaliação de espaços coletivos para a construção social dos mercados pela agricultura familiar de Unaí – MG	
Desenvolvimento de Métodos Participativos para a Otimização da Transferência de Tecnologia para a Agricultura de Base Familiar no RS	
Análise de adoção e avaliação de impactos de produtos biofortificados: subsídios para tomada de decisão e formulação de políticas públicas	
Fossa Séptica Biodigestora e Clorador Embrapa: Ações de transferência e incremento da tecnologia de saneamento básico na área rural	
Construção participativa de estratégia para a sustentabilidade ambiental, sociocultural e econômica das famílias ribeirinhas de pescadores de iscas no Pantanal do Mato Grosso do Sul.	
Projeto Balde Cheio - Capacitação de Extensionistas e Produtores na Produção Intensiva de Leite	
Manejo e preservação de abelhas nativas sem ferrão em região de Caatinga	
Manejo comunitário da agrobiodiversidade para o desenvolvimento sustentável de comunidades rurais do semiárido brasileiro	
Contribuições para a melhoria da diversidade dos alimentos das famílias e fornecidos nas escolas rurais do Semiárido brasileiro, no âmbito do P1+2	
Desenvolvimento e implementação de metodologias participativas para transferência de tecnologias de base sustentável em territórios rurais de Sergipe e da Zona da Mata Pernambucana.	
Desenvolvimento Rural Sustentável com Enfoque Participativo em Assentamentos Rurais de Sergipe	
Produção orgânica de uva para suco: construção participativa do conhecimento e desenvolvimento de tecnologias para agricultores familiares da Serra Gaúcha	

### APÊNDICE III

**Análise crítica das Cartilhas (resenhas) de Boas Práticas de Manejo para Extrativismo Sustentável de Buriti, Coquinho Azedo, Mangaba, Pequi e Umbú, produzida pelos educandos da Turma V, da Licenciatura em Educação do Campo, Universidade de Brasília.**

#### PEQUI



Figura: Cartilha Pequi

Os povos do Cerrado dizem que o pequi possui propriedades terapêuticas e medicinais, sendo utilizado no tratamento de doenças respiratórias, bronquite, gripes e resfriados. O extrato de suas folhas possui atividade contra micoses (fungos) e moluscos (caracóis). Algumas indústrias utilizam o pequi para fabricação e comercialização de cosméticos, como hidratante, xampu, condicionador e sabonete. (OLIVEIRA, 2010, p. 35)

..me surpreendi com essa pesquisa que diz ser encontradas até seis caroços, na minha região já vi só até três caroços...

Pude perceber que o livro aborda questões muito importantes como as tradições e formas de alimentação das comunidades rurais e também das cidades, mas deveria ter falado mais sobre o pequi do nordeste goiano, há vários tipos de prato preparado com o pequi (EDUCANDA G).

Um dos pontos em destaque na cartilha do pequi é sua linguagem simples e fácil de ser interpretada, dirigida a agricultores e as pessoas que vive no campo e que tem o extrativismo do pequi como renda sustentável. É importante relatar que a cartilha não aborda nada sobre as propriedades medicinais do pequizeiro.( EDUCANDO H).

É uma obra de grande importância pois apresenta um fruto típico do cerrado brasileiro e que está na mesa de muitas pessoas. Esclarece o que talvez muitos não sabiam dos subprodutos do pequi como a amêndoa e o óleo, que muitos nem imaginavam que pudesse ser produzido.

Mostra também a importância das práticas de manejo sustentável para não degradar o cerrado e nem diminuir as espécies nativas que estão produzindo e incentiva a plantação de novas plantas, para continuar a produção. (EDUCANDO I).

Eu acho que o extrativismo do pequizeiro deve ser mais divulgado por todas as regiões. Em Tocantins existe muito pequi mais quase não tem extrativismo e em muitas regiões as pessoas sabe que ele serve pra fazer sabão e na culinária.. É uma cartilha muito boa de ser trabalhada na área rural para que as crianças possa saber a importância do pequizeiro, eles não sabe e conhece o tanto que o pequi é importante e nem só as crianças como os adultos. (EDUCANDO A).

## **BURITI**



Figura: Cartilha Buriti

Do buriti dá para se fazer cestos, bolsas, esteiras e vassouras com o uso das folhas trançadas; cordas, fios para costura e rendas com a seda retirada das folhas novas, ou olhos; móveis e brinquedos dos talos das folhas; doces, sucos e óleo a partir dos frutos; artesanato com as sementes; cercas e paredes podem ser construídas com o uso dos caules; e remédios caseiros podem ser feitos com as raízes. (SAMPAIO, 2011, p.28)

O óleo de buriti é utilizado tradicionalmente pelos povos do Cerrado para ajudar na cicatrização de feridas e queimaduras, aliviar a dor de picadas de insetos, para amenizar problemas respiratórios, e até mesmo, para curar picadas de cobras. O óleo também é utilizado na culinária, principalmente para fritar carnes e peixes. Recentemente, foram feitas pesquisas científicas que confirmaram que o óleo de buriti tem ação bactericida e possui anti-oxidantes e vitaminas, que servem para a produção de cosméticos (produtos de beleza, como sabonetes, hidratantes e xampus). O óleo também pode ser usado na pele para protegê-la dos raios solares. (SAMPAIO, 2010, p.41).

Cada parte da folha tem uma utilidade diferente. Alguns artesãos são especializados em fazer móveis com o talo do buriti, outros fazem cestos e tapiti com a tala (fibra dura que cobre o talo). Há aqueles que usam a palha inteira para cobrir o telhado. Do olho é retirada a "seda" ou "fita", que é uma fibra muito fina que recobre a palha. A seda serve para costurar artesanatos, como o de capim dourado, ou para fazer cordas. (SAMPAIO, 2010, p.43).

Esta obra traz várias formas de extrair o Buriti, com ele pode-se trabalhar diversos gêneros textuais partindo da realidade camponesa, tem informações enriquecedoras de conhecimento, sua linguagem é bem clara. Espero que essa obra possa chegar nas bibliotecas das comunidades do campo. (EDUCANDO E).

## MANGABA



Figura: Cartilha Mangaba

Os frutos da mangabeira são muito aceitos no mercado, tanto para serem consumidos puros quanto processados. O processamento da fruta resulta em vários produtos, como polpas, geléias, sorvetes, sucos, doces, bolos, biscoitos e licores. No Nordeste, a mangaba é uma das frutas mais requisitadas na indústria de frutas nativas da região, sendo utilizada principalmente na fabricação de sucos, polpas congeladas e sorvetes. (LIMA, 2010a, p.24).

Além dos frutos, outras partes da planta também podem ser usadas, como a casca, o leite, as folhas e as raízes, que têm uso medicinal, e a madeira, que pode ser usada como lenha. A casca é utilizada contra doenças de pele e como estimulantes de funções hepáticas. O chá da folha da mangabeira é usado para combater cólicas menstruais. O leite é usado para combater a tuberculose e para o tratamento de úlceras. Durante a Segunda Guerra Mundial, ele foi muito usado para produção de borracha. (LIMA, 2010a, p.25)

A Mangabeira é uma árvore muito importante no Brasil. Agora eu não entendo porque o governo já não tomou providências de mais proteção à essa árvore querida dos brasileiros que ainda continuam desmatando elas em várias regiões para limpar espaço para plantações de capim. Na minha comunidade, por exemplo, nós não derrubamos a mangabeira só afim de conservá-la perto de casa mantendo sombras, fazer remédios, comer os frutos, etc.. (EDUCANDO J).

Ao ler este livro o leitor ou estudante poderá identificar-se com o texto, de forma que também desenvolverá o senso de cuidado e atenção ao meio ambiente, além de compreender melhor as

particularidades e potenciais econômicos da mangaba e a sua influência na realidade de vida de muitas pessoas. (EDUCANDO H).

O extrativismo sustentável da mangaba gera renda e conserva a natureza. Uma pena que a devastação dos biomas esta numa proporção muito além do que foi comentado no texto. Esta cartilha é um ótimo material para os alunos de escolas rurais, onde eles saberão dos benefícios de cada um desses produtos do cerrado, desde a sua complementação na alimentação, no uso como plantas medicinais e também estarão conscientizando os seus pais da preservação dessas plantas. (EDUCANDO K ).

Algumas comunidades como Vão de Almas e Diadema não extrai os frutos da mangabeira para o comércio porque lá as mangabeira só da de ano em ano por isso não dá pra viver só do extrairmento da mangaba. Também algumas pessoas da comunidade não sabem a importância que os frutos e folha da mangabeira fazem. Eles só sabem que a sua flor e leite e frutos servem só pra comer e seu leite só pra curar dor de barriga. (EDUCANDO H).

## UMBÚ



Figura: Cartilha Umbú

O umbu é considerado um símbolo de resistência cultural pelos agricultores familiares, povos e comunidades tradicionais da região semiárida, principalmente pelo significado sagrado e por reservar água em suas raízes em períodos de seca. (BARRETO, 2010, p. 24).

O suco das raízes do umbuzeiro é uma bebida saudável, que proporciona ao sertanejo doses apreciáveis de sais minerais e de vitaminas, principalmente de vitamina C. Desde os primeiros tempos da colonização, o povo da região atribui efeito curativo ao suco da raiz nos casos de escorbuto, doença que tem como sintomas hemorragias nas gengivas em decorrência de carência grave de vitamina C na dieta alimentar. (BARRETO, 2010, p. 24).

O umbu é consumido *in natura*, como fruta de mesa, preparado na forma de refresco, sorvete e como ingrediente da tradicional umbuzada, que é a mistura de leite com o suco da fruta. A fabricação caseira de doce de umbu e concentrado de suco, conhecido como “vinho” ou “vinagre”, são receitas populares que proporcionam agregação de valor ao produto para a venda local. O umbu é uma fruta perecível, dura no máximo dois ou três

dias quando maduro, o que dificulta a comercialização dos frutos *in natura*. (BARRETO, 2010, p. 24).

O livro é muito importante para mostrar a riqueza do Sertão Nordestino o umbuzeiro não é cultivado só lá no sertão, em Goiás tem alguns pés de umbu, mas não tem o processamento que tem na caatinga e a forma de processar o fruto não é o mesmo, por não ser um fruto nativo de Goiás. (EDUCANDO L).

Gostei muito do livro porque eu não conhecia essa árvore e descobri que ela foi e é muito importante para o povo do nordeste e norte do país. Andei investigando e descobri que existe dela na comunidade Kalunga e o livro fez eu descobri muitas características da referida planta. (EDUCANDO M).

De acordo com o texto ele mostra que as informações foram trazidas pelos próprios coletores das fruta, ou seja parte do seu conhecimento e de sua vivencia, e também de pesquisa científicas realizadas. (EDUCANDO N).

## COQUINHO AZEDO



Figura: Cartilha Coquinho Azedo

O coquinho azedo não está presente apenas na alimentação dos agroextrativistas. Devido ao seu delicioso sabor e alto valor nutritivo, seus frutos têm uma ampla aceitação no mercado, sendo muito consumido na forma natural ou como sucos, picolés, geléias, licores, bolos e sorvetes. As amêndoas do coquinho azedo são utilizadas na fabricação de doces, pães, biscoitos, canjica e óleos, aumentando o potencial nutricional desses produtos. (LIMA, 2010b, p. 22).

As folhas do coquinho azedo têm fibras finas e resistentes e são utilizadas pelos agroextrativistas na fabricação de vassouras, cestos, cordas, cobertura de casas e estofados. (LIMA, 2010b, p.23).

A cartilha tem base na em pesquisa científica com mediação no conhecimento popular dos coletores do coquinho azedo. Essas informações contribui no sentido da grande importância

dessa planta no meio ambiente, e de como essas práticas de manejo buscam tentar solucionar alguns problemas de destruição na natureza. (EDUCANDO O).

Assim como o próprio autor disse, várias destas informações citadas no livro vieram dos coletores experientes, eu também como leitora posso estar repassando alguns conhecimentos para as pessoas da minha comunidade, de forma que passamos a utilizarmos os frutos. Devemos trabalhar por um futuro em que as pessoas vivam em harmonia com a natureza. (EDUCANDO P).

A minha opinião sobre a cartilha que ele fez uma boa análise sobre o coquinho azedo que é uma planta nativa do cerrado, descrevendo suas principais características. Eu também conheço na minha comunidade como coco cabeçudo e usamos também para nossa alimentação de várias maneiras, serve para alimentação do gado e outros animais. Então eu parablenizo pelo seu trabalho bastante rico e fortalecido. (EDUCANDO Q).

Na cartilha não consta a utilidade artesanal das fibras do cacho para confecção de arranjos. (EDUCANDO R).

## APÊNDICE IV

### DEGRAVAÇÕES COMPLETAS DAS NARRATIVAS

#### Educandos da Turma V da LEdoC

##### **Educando A - Comunidade do Prata – Vão do Muleque, Cavalcante, Goiás**

Pra mim estar na LEdoC que é um curso diferenciado dentro da UnB, eu me sinto muito orgulhoso porque se não fosse a LEdoC eu não estaria lá ocupando um espaço hoje e o que eu mais me sinto orgulhoso é de onde eu vim e onde eu estou hoje que é numa universidade pública que, por exemplo, é um espaço nosso, mas pra burguesia não é espaço nosso e o espaço que eu conquistei foi igual todo mundo que conquistou espaço lá que foi no vestibular , então assim, o que eu mais .. é a contribuição que eu trago pra minha comunidade , pras pessoas do meu dia-a-dia é o conhecimento que eu adquiro lá e eu tô contribuindo com eles aqui e eu me sinto muito orgulhoso hoje de tá estudando na universidade, UnB, que anos atrás eu nunca pensava que eu ia chegar lá, estudar numa universidade pública que é a UnB. Eu tenho muito orgulho de falar assim de onde eu vim e aonde eu estou. E pra minha família eu vejo que tá sendo muito rico tanto pra mim, como pra eles.

Eu me sinto muito orgulhoso sobre a resistência dos nossos antepassados e assim, por exemplo, eu como quilombola me sinto orgulhoso porque nos tivemos uma história, uma trajetória de vida muito difícil e nos estamos ate hoje aqui resistindo. As vezes o fato das pessoas tá negando a origem é devido o preconceito, as vezes o que ouve na rua, um negro, aí a pessoa se envergonha de ser um negro e de declarar a própria cor dele. Eu me sinto muito orgulhoso hoje como Kalunga e mesmo depois que eu tô dentro da universidade, hoje pra mim ser Kalunga cada dia me traz mais orgulho porque a cada dia eu descubro mais coisas do conhecimento que eu não imaginava era a nossa realidade, aqui no local aonde nos convivemos. Pra mim eu me sinto muito orgulhoso assim de falar que eu vim de quilombo, meu avô, meu bisavô. Com certeza meu bisavô passou por histórias que eu não passei assim, histórias de muita coisa ruim e coisas boas, então assim eu me sinto orgulhoso de falar hoje assim: eu sou um quilombola, um Kalunga.

Quando a região que era Kalunga eu era moleque, em 1991. Então região Kalunga, ficou uma região diferenciada. Eu fique perdido sem saber o porque que era diferenciada, porque que era Kalunga. Igual, por exemplo, do outro lado tem um quilombo também, em Tocantins, mas o quilombo em Tocantins não era Kalunga. Até mesmo a gente não saber o porquê existiam

aquelas pessoas que dava o preconceito pra nos mesmos da comunidade. Aí quando foi em 94, já tinha descoberto, a Mari Baiocchi foi no Kalunga de Monte Alegre e descobriu lá, então, nessa época eu já fiquei sabendo mais ou menos o vinha a ser um Kalunga mas eu não tinha a história assim, e aí eu descobri mesmo entrando na universidade. Hoje como estudante a gente vê que teve uma grande história dos negros que foi lá na época das minerações, eu já tinha ouvido falar mesmo que Cavalcante tinha os bandeirantes, muitos negros fugiam pra formar os quilombos, no entanto eu não sabia o porque que eles tinham fugido de uma mineração, lá dos bandeirantes, inclusive o Pai do Reinaldo, ele fala que conheceu um lugar aí que o pessoal tirava o ouro de machado, ele era moleque, e os negros fugindo. A comunidade do Prata tem 90 a 100 famílias. Não tem registro de quando começou a comunidade. Na época que eles começaram a chegar tinha muito índio. Então assim, foi difícil tanto pros índios quanto pra eles porque um refugiava do outro, até teve uma aproximação. As plantas medicinais mesmo. O uso das plantas medicinais foi através do índio. *Aproximação do negro com o índio que passou pra eles a ciência das plantas medicinais.*

### **Educanda B - Comunidade do Prata – Vão do Muleque, Cavalcante, Goiás**

Pra mim hoje em dia assim tá na Universidade de Brasília é muito importante assim, tanto pra mim como pra minha família. Que não é verdade que tá na Universidade não é pra nós , não seria pra nós né? Mas no entanto a gente tá lá.. a gente conseguiu, a gente passou no vestibular como todos os outros que passaram. Tanto os filhos dos ricos, dos burgueses tão lá, a gente também é capaz. Então assim, a gente tá lá buscando mesmo conhecimento pra tá trazendo não é só pra nós, pra tá dividindo, repartindo com a comunidade também. Isso é o mais importante pra mim.

Como eu nasci em Cavalcante né e lá tem muitos quilombolas eu não tinha muito conhecimento do que era ser Kalunga. Eu sabia que meu Pai era de comunidade Kalunga mas eu não tinha muito conhecimento sobre o que era, o que vinha ser uma pessoa quilombola né? E aí depois eu vim pra aqui, pra comunidade do Prata e na universidade também tem muitos dos meus colegas são quilombolas, então eu fui tendo mais conhecimento do que era ser quilombola, de onde veio, porque ser quilombola né? Eu tenho orgulho muito grande assim porque foi uma resistência né? É um pessoal que resistiu muito assim, muita dificuldade, muito sofrimento, e tamo aqui pra dar continuidade a essa resistência e tamo aqui até hoje né? A gente não sabia o que vinha a ser Kalungueiro, Kalunga, não entendia esse nome feio... né? Não sabia direito explicar o que e porque. Descobri lendo muito sobre as histórias tem os livro já né? E tem colegas mesmo na nossa turma na universidade assim que faz parte da

associação dos Kalunga e aí ela vem sempre falando, inclusive teve um colega da nossa turma que perguntou: Mas o que que é Kalunga? nem sei o que é isso. Tipo discriminando e aí ela foi explicar direitinho. Mas nem eu sabia mesmo o que era. Eu sou Kalunga, meus Pais eram, mas o que vem a ser mesmo Kalunga. Aí bateu aquela curiosidade assim de entender e fui estudando pra ver o que vinha a ser essa palavra Kalunga, quem é esse povo quilombola, o que é o Território quilombola aí fui pesquisando na internet também pra saber o que vinha a ser né? Aí tem uma planta que o pessoal fala que é Kalunga que serve pra remédio, pra febre, pra um bocado de coisas. Eu sabia que eu era quilombola, mas o que vinha a ser mesmo não sabia do povo que resistiu. Sabia que era Kalunga do Vão de Almas e pronto. Tem uma trajetória de vida aí, todo um passado.

### **Educanda C - Comunidade do Engenho II – Cavalcante, Goiás**

A Educanda C tem 26 anos, tem um filho com 3 anos, 12 irmãos e é professora do 3º. Ano da Escola da Comunidade do Engenho II – Cavalcante, Goiás. Ela está cursando o 2º. Ano da Licenciatura em Educação do Campo na Universidade de Brasília – UnB.

#### *Sentimento de ser educando na Unb como representante do Território Kalunga*

Nossa... não tem nem como explicar né até porque quando eu fiz isso aqui eu nem tinha noção que eu ia passar porque a nossa escola aqui não foi uma escola boa.. ai eu também falei eu não vou conseguir porque muitas já tinham feito mas não tinham conseguido... um dia to aqui e a menina me ligou la na casa da minha Tia.. Nossa você conseguiu passar...ai eu meu Deus nem consegui jantar de tanta felicidade porque eu tinha passado...muita gente já tinha tentado mas não tinha conseguido também...eu tenho prima que tentou e não conseguiu...e eu consegui né, foi muito bom...até porque não sou só eu aqui do Kalunga né? Tem mais pessoas... No caso da minha família eu sou a segunda a ta fazendo faculdade, porque tem minha irmã de Goiânia e ai os outros tudo casou, teve filhos e desistiu...os outros meus irmãos estudou até a quinta, parou, fez ate a segunda série, meus irmãos que moram aqui perto...assina o nome, bem pouquinho, teve que parar porque tinha que trabalhar na roça pra ajudar meu Pai, então Pai tirou da escola porque não tinha como estudar e eu era tão magrinha aí ele tinha dó de mim e aí fiquei com minha Avó e aí então eu consegui estudar, mas os outros não conseguiram, a não ser agora os mais novos porque minha mãe morava na roça e mudou pra cá e aí consegui estudar. Eu fico feliz por isso porque minhas outras irmãs não conseguiram. Tava la em Brasília trabalhando, casou e já tem dois filhos e desistiu de estudar. E eu não é porque eu tenho filho que parei. Muito bom.

As vezes a gente fica um pouco tímida porque a gente fica meio tímida de falar em público mas depois a gente vai percebendo que não é bem assim, que cada um tem suas diferença e a gente vai superando, aos poucos a gente vai superando. Aí eu pensava assim a gente do Kalunga vai ficar perdido lá, não vai saber fazer nada, não vai saber falar porque a gente não tinha costume de conviver com pessoas de fora, mais era o povo aqui da Comunidade de Cavalcante, mas aos poucos a gente vai superando a dificuldade... Eu tenho orgulho de ser Kalunga. Enquanto muitos que é Kalunga daqui fica com vergonha de falar que é Kalunga, eu não, minha mãe, tudo é Kalunga porque eu vou esconder né se é minha origem. Eu e minhas outras colegas mas da minha família é só eu. Expectativa de mudar a escola daqui, formar os alunos, ter um estudo melhor né porque eu estudei aqui até a 5ª. Série como não tinha escola tive que mudar pra Cavalcante, morei 7 anos lá pra terminar o 3º ano. Enquanto os outros ... hoje não né porque correram atrás e aí conseguiu .. então minha irmã que tá em Goiânia ta fazendo Faculdade terminou o ensino médio aqui... Eu tive que ir pra lá, ficar sofrendo nas casas dos outros, porque morava aqui com minha mãe.. nossa é muito bom.. Quero fazer mestrado depois que concluir a graduação.

Eu mesma nunca passei por preconceito na UnB mas nossas colegas já porque até uma mais escura diz que já levou as outras meninas lá falam assim que o povo do Kalunga é tudo preto... é cor feia, não sei lá o que.. mas eu graças a Deus nunca passei por isso... assim se alguém já tiver falado de mim assim não pra mim ver né ? Eu tenho orgulho de ter essa cor e não tenho inveja deles por terem uma cor diferente não....

### **Educando D - Comunidade do Vão de Almas – Cavalcante, Goiás.**

O Educando D é suplente de vereador em Cavalcante, Goiás. Ele tem 26 anos, 2 filhos e está cursando o 2º. Ano da Licenciatura em Educação do Campo na Universidade de Brasília – UnB.

#### *Sentimento de ser educando na Unb como representante do Território Kalunga*

Como a gente aqui não tem beneficio pra nada a respeito de nada do governo essas coisas assim, principalmente na educação eu vejo que essa foi a melhor oportunidade que a gente já teve aqui pro Vão de Almas, no caso assim que eu acredito que vai surgir outras coisa melhor pra aqui com certeza e a gente vai correr atrás pra isso mas ate no momento essa foi a melhor coisa que existiu até no momento... porque como essa Faculdade é em alternância parte dessas pessoas daqui da Comunidade, se fosse um outro curso não teria condições de ta fazendo esse curso de graduação e nesse caso eu penso que essas pessoas que tão fazendo... pelo menos eu

acho que todos deveriam, aqui no caso eu vou voltar pra aqui, lutar pra ter emprego aqui e trazer o conhecimento que a gente ta buscando la pra Comunidade, talvez isso diminui até o êxodo rural por exemplo porque as pessoas ta mudando de cidade pra estudar a culpa não é das pessoas da Comunidade daqui ...as vezes pensa assim ... eu não vou estudar ... .. se a gente for olhar bem a culpa não é da pessoa mas talvez seja do governo, talvez, por falta de oportunidade porque eu não vou deixar minha casa aqui na roça só pra aventurar na cidade, essa pessoa ta indo em busca ... ele imagina que la vai ter um futuro melhor que aqui... então como educador do campo eu vejo assim que varias pessoas que vão estudar la vai trazer melhoria pra Comunidade e os que saírem vão sair mais preparados pra talvez arranjar um emprego melhor, mais descente e não um emprego que ta aqui hoje e amanha ta.... sem estabilidade. Bom pra mim eu vejo aqui que a educação do campo foi uma das coisas mais importantes que já surgiu pra gente aqui e outras virão né?

Pra ser sincero... negro... eu não me vejo assim... eu não tenho vergonha da minha cor... pra mim não... eu vejo lá na Faculdade a gente as vezes é discriminado, as meninas ficam assim .. ah não ... eu pra mim é normal .. eu sei que a única coisa que eu tenho diferente de um branco é a melanina ... não vai mudar nada porque tem negro ladrão ... te negro honesto... tem negro inteligente e tem branco inteligente... eu vejo que não muda nada... a diferença é que eu sou um pouquinho mais escuro então eu não tenho preconceito, nunca tive, tanto que eu ia pra escola até em Cavalcante mesmo que eu estudava lá e era discriminado com pessoas, por exemplo, colega que talvez tava em condições pior do que eu lá, a diferença é que ele era branco, então eu via isso... não me importo e nem tenho raiva de quem tem preconceito.

### **Educando E - Comunidade do Vão de Almas – Cavalcante, Goiás.**

O Educando E tem 26 anos, 2 filhos e está cursando o 2º. Ano da Licenciatura em Educação do Campo na Universidade de Brasília – UnB.

#### *Sentimento de ser educando na Unb como representante do Território Kalunga*

Eu me sinto assim vitorioso, orgulhoso por ser uma faculdade distante e que a gente conseguiu alcançar pelas batalhas e barreiras que a gente enfrenta pra poder encarar e pra poder ta la ... então eu me sinto muito orgulhoso, vitorioso também agradeço a meus Pais por dar a força que me deram ..... porque é muita luta e é isso...

Eu me sinto a vontade até porque eu mesmo me conscientizo , eu vejo a parte de mim , eu me sinto como qualquer outra pessoa porque isso tem uma descriminalização mas eu não me incomodo com isso porque a minha expectativa, o meu desejo é encarar todo preconceito.

Tenho orgulho por ser Kalunga e desde pequeno nunca neguei a minha cor, minha origem. A minha expectativa é que quando eu me formar eu espero trazer tudo que eu tive oportunidade de conhecer lá fora, de conhecimento, de visão de vida e empregar aqui dentro da minha Comunidade pra que assim todos nos vê de forma diferente o mundo em que vivemos. Só tenho a dizer que agradeço pela sua entrevista e isso me dá mais força, essa entrevista já é um desafio porque a gente aqui na *Comunidade não tem esse hábito de ser entrevistado e as vezes é entrevistado algumas pessoas só e só é retirado foto e as pessoas mesmo é que vai contar a nossa história sem a gente tá contando a história nossa, então isso sai de mim essa entrevista então não é mais um plágio que a pessoa pega e faz lá fora através de uma foto ele acaba contando a sua história de modo diferente e sem você saber.*

### **Educanda F - Comunidade do Diadema – Teresina, Goiás**

A Educanda F tem 24 anos, 4 filhos e trabalha na Escola da Comunidade do Diadema, Teresina, Goiás. Ela está cursando o 2º. Ano da Licenciatura em Educação do Campo na Universidade de Brasília – UnB.

#### *Sentimento de ser educanda na Unb como representante do Território Kalunga*

Eu me sinto orgulhosa primeiramente de ser Kalunga enquanto tem pessoas que vê Kalunga como um ser qualquer, e tenho orgulho de estar na UnB porque eu nunca imaginaria que estaria lá um dia e hoje eu me vejo lá e é um passo muito importante na minha vida...

As pessoas pensam que a universidade foi feita só pra eles e eu vejo que ela também foi feita também pra gente né de classe baixa, inclusive acontecem fatos que eles pensam que nós merecemos só o que nós já temos na comunidade mas eu vejo que nos estamos lá não é por gratidão nenhuma mas é por merecimento nosso, estamos lá porque nós também temos condições de estar lá, temos mérito, conseguimos estar lá não é porque ninguém nos deu, foi porque nós lutamos pra estar lá, não só nos, mas os nossos ancestrais que lutaram né?

Expectativa só o futuro dirá, mas de muitas coisas boas, pois pretendo terminar o curso e se abrirem outras portas para a pós eu vou continuar, quero fazer o mestrado, continuar estudando para continuar dando suporte para a nossa Comunidade e para os nossos alunos terem uma educação bem melhor...

### **Historia de vida de pessoas das Comunidades Kalungas e suas vivencias com os Frutos do Cerrado.**

### **Colaboradora 1 – Agricultora, benzedeira e raizeira - Comunidade Prata - Vão do Moleque**

A Colaboradora 1 é muito conhecida pelas suas habilidades como benzedeira. Ela nos contou que até os 50 anos nunca tinha saído da Comunidade. Sua infância e adolescência foram marcadas pelo trabalho duro nas roças do seu Pai. Ela nasceu em 05 de Agosto de 1942 no Município de Cavalcante, Goiás e está presente neste local até hoje. Saiu da Comunidade para ir na cidade comprar algumas coisas, mas sua vida sempre foi na Comunidade. Conta Dona M.S. que quando veio conhecer a cidade ela já estava com 50 anos.

Na sua história de vida diz que não foi nada fácil, que desde pequena teve que trabalhar na roça para ajudar seus Pais por ser a mais velha da casa. Porque tudo que entrava dentro de casa vinha da roça, tudo que produzia na Comunidade era só de sementes crioulas. Naquele tempo havia muita troca de mercadorias entre as pessoas da Comunidade. Quem tinha milho trocava por porco e outro mantimento, até mesmo a troca de sementes crioulas.

No entanto, ela conta que ela socava arroz no pilão semanas e semanas e fazia farinha. Tirava o óleo de côco para seu Pai poder levar para a cidade. Esses produtos eram trocados por sal, café e tecido para fazer roupa. Fiava o algodão e tecia para fazer roupas e cobertores para toda a família. As sandálias eram feitas de couro de boi e muitas vezes ficavam com os pés no chão. Relatou também que muitas das vezes trabalhava o dia inteiro na roça, tomando chuva e ainda dormia com aquela roupa por não ter o que vestir. Sandálias de verdade ela veio calçar com 14 anos de idade e mesmo assim só usava essa sandália quando ia numa repartição que calçava e quando retornava lavava e guardava. Só usava em outras ocasiões. Preferia ficar com o pé no chão para não acabar com a sandália.

Assim ela nos conta que a utilidade do Pequi é para seu próprio consumo, que é utilizado para comer, fazer sabão e uso medicinal. Para fazer o sabão saí para o mato e descasca uma quantidade de Pequi e aí coloca dentro de uma vasilha para ficar de molho até soltar a massa do caroço. Leva ao fogo e coloca a dicoada que é substituída pela soda cáustica. Essa dicoada é tirada da cinza de um pau que se chama de mamoninha. O sabão que é feito de Pequi com a dicoada serve para o controle de caspa. O óleo do Pequi serve para bronquite asmática e também para cicatrizar queimaduras. A folha é colocada de molho na água de um dia para o outro. Tomar é muito bom para o fígado e congestão.

Já o Buriti é utilizado para o consumo dos braços dele quando ele está novo e tirado o talo para fazer tapití, quibano e peneira que é utilizado na sopra da farinha. O óleo do Buriti é muito bom para combater gripe, tosse e é utilizado contra veneno de cobra.

## **Colaboradora 2 – Agricultora e dona de casa - Comunidade Kalunga do Prata-Cavalcante, Goiás**

A minha história de vida foi muito sofrida porque meus pais não tinha condição, nos sofremos muito trabalhando na roça, pra poder ajudar, 8 irmão, então era os mais velho ajudando a criar os mais novos né? Então foi muito sofrido demais assim. Na época a gente também não tinha oportunidade nem pra estudar. Quando eu comecei a estudar eu já tinha uns 10 anos e tinha que trabalhar na roça e pra poder ir pra escola e foi assim, sempre muito sofrido naquela época. Meu pai era doente também. E aí nois tinha que ajuda. Eu nasci na fazenda do Mimoso. Lá era bem isolado. Era um lugar cercado de serra né? E pra gente ir pra cidade tinha que ir a pé ou de cavalo. Gastava dois dias de cavalo. Fazia compras na cidade. Outra hora tinha que levar do de cá pra vender lá pra comprar outras coisas. Socava arroz pra levar pra vender, que nesse tempo tinha muita fartura assim das coisas, aí tinha que socar o arroz no pilão pra vender lá pra comprar roupa, calçado. Igual farinha a gente levava pra vender lá também pra poder trazer alguma coisa de lá. Naquele tempo também fazia troca de alimentos. Feijão de corda, farinha, semente crioula. Nesse tempo ninguém comprava semente não, era da comunidade mesmo. Minha mãe fiava na roda pra fazer a roupa pra nois e meu pai também comprava o pano e ela fazia roupa. Comprava aquela peça que usava homem e mulher tudo a mesma coisa. Era dois home e nois mulher usava a mesma coisa. Hoje ta muito bom mas naquele tempo era difícil. Até o calçado também a gente quase não tinha, meu pai que fazia, fazia de pau, fazia de couro também pra gente não andar descalço, nem comprava. Escolhia o Buriti, colocava na agua pra amolecer. Fazia quibano, peneira, tapiti. Meu pai fazia pra vender também.

A gente tirava a fruta do Buriti pra gente comer, pra servir de alimentação né? Colocava na agua, ele amolecia, rapava, colocava no sol pra fazer os bolo hoje não, mas antigamente secava e esses bolo eles aturava ate um tempo e hoje não conserva mais né? Durava até uns 10 dias o bolo fresco e hoje ele não conserva mais né? A gente colocava na agua pra fazer, colocava rapadura pra comer pra ir pra roça pra trabalhar. Comia puro ou com rapadura. Eu sei que o óleo do Buriti é bom pra bronquite né? Pra gripe, contra o veneno também da cobra. Coloca na agua e vai mexendo ate o óleo subir em cima e vai pegando, não colocava no fogo não.

O Pequi usava pra fazer o sabão. Pegava o Pequi, colocava na vasilha e deixava uns 8 dias na vasilha e depois fazia o sabão. Eu aprendi com minha mãe que eu não conheci os meus avós. A gente colocava a massa no fogo né? E não era nem soda naquela época era a decoada. Meu pai cortava uma árvore lá, montoava e colocava fogo, aí pegava a cinza, a gente colocava num

cesto lá e pingava aquela aguinha e da o nome de decoada e usava lá e ficava bom o sabão. Só que era preto mas era bom. Faz ate hoje. Outro dia mesmo eu fiz. Hoje já faz com soda porque não tem mais a decoada. Nesse tempo ninguém conhecia sabão de barra e nem sabão em pó. Era sabão fabricado em casa e era de Pequi. Ninguém faz mais a decoada, ninguém tira. A decoada era tirada da cinza de um pau, a mamoninha que eles fala. A comunidade faz sabão de Pequi quando tem muito Pequi. Eu mesma tenho sabão de dois anos. Uai pra ele conservar melhor eu coloco ele pra cozinhar, tiro, coloco no óleo no vidro e conserva uns tempo. Até um ano conserva. Hoje outros usa assim, coloca no sol pra secar um pouco e põe no óleo. Come ele no arroz. Tem que cozinhar e ferventar. Come no frango, no arroz, no feijão, na galinhada, no peixe. Usa pra tosse, ele é bom pra bronquite também. O óleo do Pequi diz que é bom pra cabelo também. O chá da folha do Pequi é bom pro estômago. A casca é boa pra bronquite. Faz o chá mas tem que coar bem coado por causa do picozinho que ele tem né? Só que faz assim com outras coisas. Tem muito Pequi na região. O Buriti tem menos. Dá mais em pé de serra e no brejo. As pessoas usam mais pro consumo mesmo. Falta transporte pra levar pra vender. Todo mundo produz, mas pra vender não tem nem como levar. O professor do meu filho, de Goiânia me ensinou o xarope de Pequi. Pra bronquite asmática. Ele me ensinou pra mim fazer. Ele tava no 3º. Ano. Eu fiz pra muitos esse xarope. Eu pego o grapiá, se conhece o grapiá? arranca as raiz dele, passa no fogo e soca ela. A casca do Pequi, a casca do Jatobá, ai eu pego alfavaca, o capim santo, cozinha tudo junto e faz o xarope bem coado num pano pra não passa aqueles do Pequi e coloca açúcar ou mel pra fazer o xarope. Ele curou o filho dele com esse xarope.

### **Colaborador 3 - Agricultor e Liderança da Comunidade Kalunga do Engenho II – Cavalcante, Goiás**

Cheguei na Comunidade com 18 anos. Convivi pouco tempo com a minha mãe porque não fui criado com ela, mas foi boa. Nasci em Cavalcante, Goiás. Primeira criança nascida por parto de cesariana em Cavalcante em 1956. No Engenho II, na década de 88 pra 89 a gente começou a liderar o Patrimônio Cultural Kalunga, desse tempo pra cá a gente vem na luta em busca da conquista dos direitos né? A gente não tinha informação. A gente passou a ser informado do direito que tinha e decidiu correr atrás. Em 1983 foi a primeira divulgação do estudo da antropóloga Mari Baiocchi , ela trouxe esse estudo aí, ela é antropóloga, canadense.

Ela descobriu essa procedência aqui de afro descendência. O pessoal interessou né? Pela demora da conquista muitas pessoas foram desistindo porque é um passo demorado de mais da conta que já vai pra mais de 30 anos de luta. A gente tentando. Cada ano anda um palmo, cada ano anda um palmo e a gente não pode desistir. A idade vai chegando e a gente sabe que ta perto do fim das cordas mas tem que... a nova geração ta vindo aí né? E aí tem que ter seus direitos resgatados.. é deixar os direitos resgatados.... essa é a preocupação da gente, que hoje graças a Deus ta bem mais fácil, tem transporte, educação, a saúde, a questão do abastecimento, a alimentação melhorou muito. A gente vai tomando muito conhecimento, de muitas coisas. Não ta nem 50 % do que deveria ser, pelo tempo de 30 anos dessa descoberta que dizem que era prioridade dos negros conquistar seus direitos, mas essa prioridade ainda não chegou ainda legal como era pra ser né? Mas a gente ta aí na esperança que no que tiver no alcance da gente a gente tem que ta batalhando ... a fonte de desenvolvimento ainda ta muito precária, a estrutura, a vários tipos de maneira de trabalhar, ter mais renda com mais facilidade... pela questão da desapropriação da regularização das terras que ainda não saiu. O governo não quer investir ainda porque não querem investir em terras particulares. Os órgãos competentes que tão na responsabilidade não tão muito preocupados com essa questão, tão preocupados com o dinheiro ... eles tão ganhando o salário... e além do salário que eles ganham por mês tem as diárias que eles ganham pra ta atuando aqui... se tivessem aqui só pelo salário, ou já tinham desistido, se ganhassem por tarefa, já tinham feito... eu acho que já... outra coisa que eu vejo... se fosse pros fazendeiros tirar os kalungas, já tinham tirado, mas como é pros fazendeiro sair ... ai... é..... a gente pode falar que o povo do poder não dá prioridade... que já teve várias vezes aqui os fazendeiros tocar fogo nas casas, tirar os proprietários.. aí a polícia vem, a favor dos fazendeiros a polícia vem... não tem dois anos que a polícia foi lá no Vão do Moleque, tiraram o rapaz da sua casa e ainda chamou o Pai dele pra assistir eles colocar fogo na casa do rapaz. Pra dar apoio a um fazendeiro, um grileiro que não é dono da terra. Se ele tem uma terra que tem 19 documentos como ele pode ser dono? Essa é a questão que a gente vê... a facilidade que tinha pra eles tirar os kalungas, o contrário. A gente tem enfrentado ameaças de fazendeiro nessa questão, tanto que as lideranças é mal vista pelos fazendeiros, porque faz a defesa da Comunidade né? Tem pessoas que já desanimaram e desistiram, foram embora, largaram de mão, pessoas que não querem mais ser lideranças, que já lutou mas não conseguiu e desiste.. tem pessoas que estão aí no meio da estrada e não sabem se acompanha ou se não, tem pessoas que começaram a ajudar e depois morreram sem conseguir mudar a história, mas a gente vê agora que andou mais um pouco, que pelo menos algumas fazenda desapropriada .. falta 100 e tanta fazenda pra ser desapropriada e ainda não

tem 10 desapropriada em todo o território kalunga... isso é terra titulada. Então eles não tem muita preocupação pra correr atrás.

A Associação tem 16 anos, só que ela ainda não foi dirigida de uma maneira suficiente. As pessoas que conduziram ela não tinham experiência né? O pessoal até hoje não sabe os deveres, direitos eles sabem que existe, agora deveres não. E esse é um problema muito sério pra gente que as vezes é discriminado, insultado aí pela questão da falta de conhecimento .. as vezes as pessoas acha que ta fazendo a coisa certa, é o direito da pessoa cobrar, agora tem que saber como cobra, o que que cobra, porque que tem que cobrar né? Isso que as pessoas deviam esclarecer pro povo.. eu queria até trazer aí uma associação que ta andando bem, queria trazer aqui pra informar, uma empresa qualquer que tem diretoria, secretaria, tem tudo né? Esse é que é o meu plano.. as pessoas ter experiência do que vão fazer, do que já fizeram, ir atrás pra concertar porque se for andar do tipo que ta, vou dizer pra você que não vai ter condições porque uma diretoria de 12 pessoas pra conduzir e 9 mil para barrar é difícil né? ... é difícil.. sendo que o direito é da maioria... porque não tem nenhuma dúvida que o direito, a opção tem que ser acatado pela maioria, só que a maioria, eu concordo, quando a maioria entende, mas voce não pode tomar uma decisão... participam o mínimo de pessoas nas reuniões... nunca teve uma reunião que participasse mais de 200 pessoas, no mínimo 100 e poucas pessoas, pela falta de conhecimento, por falta de saber o valor que tema associação.. Eu por exemplo, são 3 associação, todas elas eu ajudei a fundar, cada uma com um objetivo diferente mas tudo comunitária né? E todas eu ajudei a fundar, então eu tenho essa experiência. Só que nunca chegou no meu alcance pra mim administrar... agora eu quero que Deus ajude e a gente conta com a parceria dos companheiro que entende nessa questão... o que a gente vê que a gente já planejou aqui ... ahhh tira a associação e põe uma cooperativa, continua do mesmo jeito... não é mudar de empresa que vai mudar.. o que vai fazer mudar é a atitude do povo... é o conhecimento, a compreensão do povo é que vai fazer ela mudar.. pode colocar o que quiser colocar de entidade mas se o povo não tiver conhecimento.. eu vejo uma cooperativa é muito mais pior...pra conduzir do que uma associação.. a cooperativa é rígida... Assim como tem as associações pode criar uma cooperativa com gente experiente até mesmo pra ajudar, mas não significa que vai mudar, se o povo não entender...

Mais de 200 kilos de Mangaba e mais de 500 kilos de Pequi, tem ali conserva do Pequi. Tinha um grupo que trabalhava na coleta de frutos do cerrado. Tinha uma comissãozinha ai que a gente montou... mas é o caso que eu acabei de falar sobre associação comunitária aqui que tomava conta dessas questões.. Nos era 5 pessoas.. então que que acontece... Buriti... eu tirei a média de 60 kilos de Buriti. Depois a coisa tava meio parada e aí a gente dividiu, cada

um pegou a sua parte, andamos vendendo, fizemos doce de Buriti, geléia de Buriti, vendemos aqui ... tenho as embalagem ... doce de abóbora... só que é diferente, é outro manejo... e o sonho da gente é conseguir, mas pra isso a gente tem que ter um... organizar... o transporte né? Porque o que mais embarra a gente aqui é o transporte. Em tudo isso que eu to falando aqui a dificuldade é o transporte pra nos... igual aqui.. tem Pequi mas não é assim... ia coletar la no Vão de Almas.. Pequi, Mangaba... o Buriti a gente coleta aqui, a Cagaita nois coletava no Ribeirão... toda essa coleta é pra fazer polpa... pra vender e consumir... tudo artesanal...

A gente tem a agroindústria aí, o prediozinho. O que falta é só o transporte pra gente coletar... a gente tem vários cursos... várias apostilas... vários tipos de coisa como o pão.. pão caseiro... pão de Abóbora, pão de Beterraba, pão com Buriti. Os cursos foram dados pelo SENAR .. a gente tem o curso de hortaliças... curso de criatório de frango.. tudo a gente tem, só que a gente não tem condições de ... a gente ta tentando conseguir um canal, um financiamento pela associação pra ver se a gente conseguia avançar, porque só o fruto do cerrado dentro do Território dava pra manter a população.

Olha aqui é sempre distribuído pra turismo né? Porque a gente faz um doce, faz geleia, faz um suco, doce, serve pro turismo, na refeição (pergunta sobre o coquinho azedo – jaroba).

Aqui as pessoas consomem muito os frutos do cerrado. Faz muita comida ... Na medicina, o jatobá ele tem... O Buriti você tira o óleo dele, ele é bom pra combater o veneno de cobra, pra gripe, pra bronquite.. o óleo do Pequi pra gripe também, as vezes pra colocar numa conserva de pimenta, pra salada... O jatobá... aquela massa dele eles tão fazendo bolo e a casca é pra próstata, tão tratando aqui muito os velhos .. um velho aqui ia operar, ai ele tratando aqui, aí quando ele chegou la de novo pra fazer consulta lá, o exame, o médico falou não, o senhor não precisa de operar não, o senhor já ta bom... ta tratando com a casca do Jatobá.. vitamina do Jatobá com a polpa...

Puxa puxa (mamacadela) é um depurativo do sangue muito bom... o Sabão do Pequi é feito no Prata, la fazem muito. Agora que a gente montou uma usina, agroindústria pra esse tipo de coisa, la em Monte Alegre, na fazenda Riachão. 1 agroindústria para o processamento dos frutos do cerrados no Engenho II. Vai funcionar a partir desse ano para fazer cosméticos com tudo do cerrado. Outra é em Teresina na EMA pra processamento dos frutos do cerrado. Nós tivemos um curso aqui com o pessoal de Cavalcante pra fazer sabonetes medicinais.. faz o Pequi e põe as composições.. arueira, manjerição. Falta equipamentos e mais curso de capacitação. Tem só a estrutura. Quem pagou a estrutura foi a associação Kalunga, patrocinada pela Petrobras. Falta recursos para os equipamentos pra colocar as 3 agroindústrias em funcionamento.

Sobre Quantidade de frutos pra manter a produção: Na diversidade de tempo dos frutos né? Dentro da estação.. Uma estação da um tipo de fruto, trabalha com esse fruto, outra estação da outro tipo de fruto... de acordo com a estação... o escoamento a gente tem que ver também... já tem um plano de trabalho feito... o pessoal do SEBRAE fez esse planejamento do escoamento...

Já tem uma lojinha na Comunidade pra venda de alguns produtos: artesanato (tecelagem), geleias, doces, sucos.. outros... grande produção de côco de várias qualidades (macaúba, babaçu, piaçaba).. só o coco que tem no Kalunga é uma fonte de renda muito grande... pra falar a verdade, o Kalunga é rico em tudo que pensa de frutos do cerrado: O Açai tem. Tem a Buritirana que tira o leite e é muito gostoso. Tem a máquina de prensar o coco. É 20 mil. A paçoca da carne (farinha) do Pequi é uma delícia... A cooperativa de Minas produz a farinha e a paçoca. A cooperativa se propôs a ajudar na capacitação para a produção na Comunidade. A gente sonha com isso...

Se a população tivesse a habilidade de saber os seus deveres, rapidinho resolvia alguns problemas da Comunidade... os órgãos competentes não pensam nas futuras gerações que estão vindo... aqui tem como os jovens manter aqui sem ter que sair daqui.... tudo que eu acho feio lá no mato eu trago pra dentro de casa e vendo aqui ... no turismo... tudo é fonte de ganhar dinheiro.. e é uma coisa que todo mundo da conta de fazer... os órgãos não ajudam a gente nessa orientação...

#### **Colaboradora 4 – Liderança da Comunidade Kalunga do Vão de Almas– Cavalcante, Goiás**

Sempre a minha vida foi a partir dos 10 anos que eu entendi a gente morava no Vão do Moleque e mudou pro Vão de Almas mas sempre trabalhando na roça junto com meus Pais. Pra mim foi uma vida difícil que eu não tive estudo, não tive oportunidade na época não tinha estudo aqui, eu não estudei, mas continuava.. quando eu tinha 10 anos trabalhava na roça e o meu meio de vida era costurar pros outros, fiava, costurava, pra se sobreviver e junto com meus Pais ajudando eles e também trabalhando na roça e depois vivia por conta da minha casa e continuei trabalhando na roça e criei meus filhos aqui numa vida difícil porque não tinha muita saída, vivia aqui isolado aqui dentro. Era um grande sofrimento que nois tinha aqui. As vezes tinha grande felicidade na saúde. Vida difícil que eu falo não é porque faltava comida, é porque não tinha conhecimento do mundo lá fora. O Pai era boiadeiro, ele viajava, comprava as coisas, a mae trabalhando na roça, e nois aqui em casa sofrendo, trabalhando na roça, criava porco, galinha, plantava roça. A vida era assim só que quando adoecia era muito difícil

para sair. A gente sofria muito doente porque não tinha saída. E depois quando tomei conta da minha casa, continuei na mesma luta, trabalhei na roça, criei 8 filho, trabalhando na roça, fiando, e.. tirava óleo de coco pra vender (coco indaiá) pra assim ajudar na despesa de casa. Depois já de muitos tempo é que eu consegui, nunca trabalhei pra fora durante todo esse tempo que eu vivi aqui dentro, aqui eu trabalhava era pra mim mesma na roça, comia as coisas da roça, trazia, vendia pra vestir, pra calçar, e... mas sempre foi uma luta muito difícil que eu tive na minha vida. E depois eu vim conhecer o que era sair mais pra longe eu já tinha a metade dos meus filhos, conheci Brasília. Na época eu tinha 30 anos quando, conheci Brasília. E aí agora, mas pra mim, mesmo assim conhecendo Brasília, continuei 7 anos lá. Voltei de novo pra aqui porque meu lugar é aqui. Nunca mais gostei de viver fora daqui. Num tinha oportunidade também. De sair, sempre eu queria trabalhar, aqui num arranjava serviço, e aí eu sempre quis trabalhar pra fora mas nunca tive oportunidade. Aí depois desses anos, agora a pouco tempo que eu comecei conhecer amigos que me deu a oportunidade de viajar. Porque o bom de nois é poder falar assim: .. ah .... meus 18 anos...! Meus 18 anos pra mim é esse que eu to vivendo agora, a melhor coisa da minha vida que ta acontecendo. E esse agora porque agora é que eu conheci amigo.... viajo através da ajuda de amigos. É o que faz eu hoje ta viajando, sempre eu gostei de dedicar nas festa dentro da comunidade, por isso que eu trabalho muito nas festas da Comunidade a mais de dez anos e alguém la fora viu que eu era uma pessoa que poderia ser alguém na vida pra passear, conhecer, alguém saber que eu existia aqui dentro, porque primeiro eu vivia ninguém sabia que eu existia porque ninguém me conhecia, só quem vinha aqui. Agora não, eu já tenho conhecimento, mas sempre aqui era a vida era essa, era trabalhar na roça e viver aqui dentro, e fazer minhas coisas pra vender, pra ganhar meu dinheiro. Agora não, eu já conheço outras coisa diferente que eu não conhecia. Pra mim eu sinto já sofri muito preconceito, já passei por muitas coisas, porque eu não entendia como era o mundo la fora, hoje eu entendo como é o mundo lá fora. De primeiro se oces chegasse aqui, oiava na estrada, se eu visse um branco, eu não recebia um branco, pelo que eu ouvia na minha vida quando alguém falava, eu não recebia, hoje eu sou assim, sou a pessoa que seis chega aqui pra mim é normal, eu não tenho mais medo de chegar, eu tinha era medo, vergonha de olhar assim, todo mundo branco e eu só negra, as vezes quando eu ia chegando num lugar, eles falava assim.. olha la aquela mulher negra, Ah! Se eu gostasse de arubu eu andava com um debaixo do braço, então eu fui sofrendo essas coisas e hoje eu não ligo mais, eu posso chegar aqui e ter 100 branco e eu só negra mas eu não tenho mais vergonha de conversar com branco por causa que eu sou negra não, eu sinto orgulho da minha cor. A algum tempo eu quis, senti vergonha de mim mesma... quando eu chegava no meio de

gente que eu escutava eu sentia vergonha, *mas hoje não, pode falar pra mim é normal a minha cor é minha alegria, meu prazer que eu tenho*, eu sinto orgulho da minha cor.

Do Cerrado a gente, é como eu falei no começo, tirava o óleo de coco, tirava o Pequi, é o Tingui, fui criada minha mãe fazia sabão do Tingui, do Pequi, só das fruta do Cerrado. E com de coada de pau porque nois não sabia o que era compra sabão na cidade, nois mesmo que pegava as fruta e fazia o sabão e também eu não conhecia os trem temperado com óleo de soja, era só com óleo de coco e gordura de porco que nois foi criado. Depois que eu tinha meus filho que eu fui conhecer o que era óleo de soja. Não conhecia, vivia aqui só nessa vida assim, que tirava o óleo de coco, pegava o Pequi pra por na comida, pra fazer sabão, pra assim, o Tingui também. Nois usava assim. Assim que foi minha vida, de muito sofrimento. Agora hoje, pelo que eu criei, hoje já ta um mundo melhor porque hoje já tem escola, meus filho, alguém estudou, outros não estudou porque não quis e ficou mais fácil hoje. A vida hoje ta fácil só não estuda quem não quer. Eu aprendi a assinar meu nome em casa. Ce chegava aqui eu pedia. Como é que é essa letra, essa é A ... foi assim que eu aprendi a assinar o meu nome, nem meu nome eu sabia assinar. Ai depois aprendi através de amigo que me ensinava, mas assim hoje já mudei a maneira de trabalhar, hoje as vezes, mas continua fazendo minhas coisas, hoje eu já faço tapete, de retalho, eu faço pra vender, pra ajudar um pouquinho no remédio né porque quando a gente fica de idade é o que mais gasta é com remédio. Tem que comprar na farmácia e era a coisa que eu fui criada que eu não tomava era remédio de farmácia mas hoje é o jeito comprar ne? Por causa da dor que a gente sente muito no corpo e por causa do serviço pesado que a gente fazia quando era novo. Capinar, carregar madeira pesada, cortar de machado, essas coisas... Hoje acho mais difícil curar com o remédio das planta, não sei se é porque o de lá já vem pronto né? Eu acho mais fácil comprar do que fazer, mas ainda curo, eu e meus filho. Não é toda doença que eu levo meus neto pra tomar remédio. Eu mesma faço alguns remédio. Pra gripe, pra muitas coisas, dor... faço os remédio caseiro. Pra febre, as vezes eu não preciso sair. Para os meus filho, pros meus netos. Mando remédio pra Goiânia pra minha filha que ta lá. Faço remédio dos frutos do Cerrado. As vezes da folha do Pequi por causa de dor no estomago, dor no corpo, quando a gente sente dor nas pernas, ai a gente faz, cozinha a folha do Pequi, lava as pernas que é bom pra dor. O óleo do Pequi também, as vezes a gente usa pra dor que a gente sente. Aí faço. O óleo do Pequi é bom pra gripe e é bom pra quando a gente ta sentindo dor nas pernas. A gente usa o leite da Mangaba por causa de dor de barriga. A folha da Mangaba também a gente usa por causa de dor na barriga, dor no estomago. A fruta também a gente usa quando se ta sentindo dor na barriga também. Fazer chá pros meus filho, não tem uma coisa melhor. Batatão a gente usa também.

A gente arranca a raiz pra fazer o chá, curtir. Pra beber. Numa garapa de cana pra dar pros meus filhos, pros netos e pra algum sobrinho que vem passear na minha casa eu gosto de dar. Porque é muito bom.

As vezes o dono do evento me chama, no Ministério da Cultura, me chama pra contar a minha razão aqui desde que eu tinha 10 anos que eu comecei a trabalhar com decoração de festa até hoje, eu decoro e ai o dono do evento me chama pra contar como eu fazia, pra mostrar. Aí as vezes as pessoas me pergunta eu ensino, e eles me chama pra falar sobre isso aí. A alguns anos o Ministério da Cultura me chama pra sempre ta junto nesses evento que tem. Inclusive agora que eu fui pra Brasília, pra esse evento foi o Ministério da Cultura que mandou me chamar. Eu sinto mais valorizada. Eu agradeço muito primeiramente a Deus e a esse homem que me chamou nesse primeiro evento, que eu falo, até hoje eu falo que eu acho que hoje, o que eu conheço agradeço a Juliano, porque se não fosse ele eu não conhecia nada lá fora. Ele é do Ministério da Cultura. Ele me viu uma vez e aí ele tentou aproximar de mim, mas ele é branco. Eu dizia, não... não, não quero falar nada... não quero papo.. ai ele falava mas que mulher difícil, ai um dia ele me chamou.. oi eu quero falar com a Senhora.. aí eu pensei, hoje eu quero saber o que esse branco quer comigo. Aí eu falei com ele: Se dispõe, em que posso ajudar? Aí ele falou assim: a senhora vai me ajudar em tudo e no meu evento lá em São Jorge. Aí eu perguntei pra ele: Fazer o que? Aí ele disse: A senhora é a pessoa mais importante pra mim lá. Aí quando eu cheguei lá, realmente, eu tenho sentido cada vez mais valor. Aí ficamos amigos e eu já levei mais amiga pra conhecer la, trabalhar junto. Pra mim, o que eu sinto hoje, a minha honra e eu ter esse conhecimento. Então eu agradeço muito a Juliano por ter me levado e aceitar de levar meus amigos. Eu vou e fico lá 30 dias conversando com gente diferente, gente que vem da Angola pra me conhecer. Eu fico pensando assim, as vezes eu falo gente, um professor que veio de Goiânia, de Brasília, querendo me ouvir falar, mas falar o que? Eu não estudei, aí ele fala, não, mas a senhora sabe tudo. As vezes eu pensava assim, não, eles querem fazer isso comigo pra depois falar pros outros, ta rindo da minha cara, aí eles falava assim: não estamos brincando com a cara da senhora, queremos ouvir a senhora. Hoje já me sinto cada vez que fala assim que é pra ir, eu to mais pronta! Eu tô lá!. É coisa boa. É a melhor coisa que ta acontecendo na minha vida. Vai fazer 8 anos que eu participo dos eventos. Vou na frente falar sobre meu trabalho, sobre a decoração, as vezes eu vou pedi ajuda também pela nossa romaria que precisa de muita coisa. Eu falo pra eles que a gente precisa muito e que alguém lá enxerga nois aqui que vive aqui isolado, falta de colégio, de energia, de agua encanada, ponte nos rio, tudo eu falo. Me levou, é pra falar, eu falo mesmo. Se vai falar da necessidade que ces tem lá. Eu vou e falo lá na

frente. *É aqui dentro do Vão de Almas, muita gente pensa que aqui tem benefício. Aqui sobre energia, água, mas não tem, porque eles confunde o Kalunga lá no Engenho que é o Kalunga daqui, mas num é porque quando vem um benefício, para no Engenho e aí eles fala que veio pro Kalunga, mas Vão de Almas não tem nenhum benefício. O Engenho é na entrada e aí eles fica pensando que é Kalunga mas não é só lá e aí nois fica aqui sofrendo, precisando das coisa, morrendo gente nas estrada aqui.* Mulher de parto, gente doente, saia na leiteira, que que acontece, não tinha transporte. Morria no meio da estrada. Já saiu com um rapaizinho daqui que chegou no meio da estrada ele morreu, antes de alcançar socorro. Uma menina de 13 anos, saíram carregando ela nas costas, os homens, em cima da serra, pra se sobreviver. Era um sofrimento muito grande. Hoje ta melhor já tem essa estrada daqui, mas cadê o resto? Uma ponte no rio, não tem. Choveu muito, fica isolado aqui.

As vezes tem alguma gente que fala assim: algumas pessoas fala assim: porque a senhora não contou da coisa boa. Mas carece as coisas boa que tem aqui. Um dia em São Jorge, nessa reunião, o chefão lá em cima chegou até discutir mais eu. Quando eu falei que nois não tinha energia, não tinha água encanada, ele falou assim: Tem! Vão de Almas tem. Eu falei, não tem! Aí ele falou, eu falei não tem porque eu saí de lá num tem 3 dias e aí ele falou assim: Me ouça dizer, falei ouça dizer você: Senta lá e me ouça dizer. Sabia? Depois eu pedi o home desculpa né porque é mandado do governo. Falei senta ocê e me ouça dizer: Falei lá não tem energia, não tem água encanada, não tem nada. Mas saiu no jornal, eu falei, um jornal de mentira. Eu moro lá. E dessa vez ele falou em 4 colégios do Estado, eu falei lá aonde? Aí uma mulher de lá falou, as vezes a senhora ta esquecida, falei, fiquei louca depois que eu cheguei aqui? Eu moro aqui eu sei das necessidades daqui. Igual agora, se tivesse uma ponte nesse rio das almas pra que coisa melhor, mas cadê? Não tem. Igual cês ta aqui, tem que ir embora. Porque senão o rio enche, vai ficar aqui muitos dias. Ou senão, pra sair daqui no ano que vem. No Mês de maio. Se o rio encher aí mesmo. Oces pode dizer: o carro vai morar aqui em José e ocês vai embora a pé. A gente vive aqui desse jeito. Tinha muita vida boa, mas tem muita dificuldade.

#### **Colaborador 5 – Agricultor Kalunga e Liderança da Comunidade Kalunga do Vão de Almas– Cavalcante, Goiás**

Tenho 40 anos de idade. Nasci e cresci e convivo aqui nessa Comunidade até hoje. Sempre saindo pra buscar algumas coisas fora como diarista, mas o retorno é aqui na Comunidade. Moro e não pretendo até hoje sair daqui. Meu objetivo é buscar né e trazer pra aqui pra nossa Comunidade o que nós não temos aqui na comunidade. Que vê que é um futuro pra nós né?

Trabalho na roça como os meus pais desde jovem quando não tive oportunidade de estudar porque não tinha professor durante todo o ano. Estudei seis meses e aprendi a ler e a escrever. Na verdade eu parei o estudo e nem sabia escrever direito. Aprendi a soletrar e aí com esse pouco que eu aprendi eu fui ajuntando e completando algumas palavras as vezes em casa e com ajuda de alguns conhecido, parentes né? Que sabia um pouquinho também. pelejava pra escrever e quando não dava conta pedia alguém pra ajudar... e nisso foi indo né? eu lutei pelo estudo pra ver se acontecia aqui... casei com 22 anos de idade. A Marisa é prima minha também mas ela estudou fora um pouco. Naquele tempo a gente lia, lia, mas só tinha série quando ia pra cidade. Aqui não tinha série. De pouco tempo pra cá já começou a ter série aqui na Comunidade. Quando sentia alguma coisa e que não dava pra sair a cavalo e nem a pé, saia na rede. É quando coloca a pessoa na rede, um pega de um lado e de outro e sai carregando. Carregava até uma 6 léguas ou 7 horas com as pessoa nas costas... tivemos apoio pra ter um ponto de avião que ajudou também a buscar as pessoas doentes... aí já teve mais essa facilidade de sair com as pessoas né? A Marisa mesmo teve uma vez que ela tava com um problema sério, sai daqui na leiteira e aí saiu um avião com ela.. Até 2009 a gente viajava daqui da Comunidade a pé ou cavalo, as vezes o dia todo (10 horas de caminhada). Entrava num lugar aqui chamado Capão e ia diretamente pra cidade de Cavalcante. É 12 léguas ou mais de 70 km... a maioria viaja uns 30 a 40 km. Toda a produção consumida e produzida na comunidade: Arroz, feijão, milho e mandioca. A farinha de mandioca Kalunga é famosa na Comunidade. É vendida em Cavalcante, Goiás.

Em 2009, eu concorri a eleição de vereador e graças a Deus fui eleito. Primeiramente eu agradeço a Deus e o apoio da Comunidade. E sempre em todos os tempo vinha de política as vezes as campanha e as pessoas vinha pedindo voto e fazendo proposta de trazer estrada pra nois que era o nosso maior sonho era ter uma estrada. Sempre a gente apoiava e toda vez nois era enganado. Porque desde os meus Pais os meus Avós, sempre dizia que esse agora é que vai fazer a estrada... e sempre ganhava e vencia o mandato e nada de estrada. E com essas enganação que os mais vei teve e nois também fomos passando por elas, sempre enganado. Foi a comunidade foi se incentivando mais e os de fora falava pra gente que enquanto a gente não tivesse representante do lugar essas coisas não chegava aqui e seria só enganação...e aí nois alestremo e aí candidato o Tio do Romis aqui algumas vezes mas não ganhou. E aí quando fui candidato eu tive apoio da Comunidade e fui eleito e lutei por essa estrada até 2011.E aí a estrada chegou, graças a Deus. Ainda não tem ponte... mas ao menos a estrada chegou. Chegou a escola, inclusive essa escola Santo Antônio abriu dentro da minha casa funcionando a 17 anos e foi doada por mim para o município e o Estado. Tirei minha casa de

lá e deixei pra escola. Vai fazer um museu dela. Com isso enfrentei muitas batalhas né? Inclusive logo no começo do meu mandato, vieram um pessoal aí, os Caiados querendo construir uma usina (barragem) no rio Almas, por cima da nossa Comunidade. Foi o maior enfrentamento. Muitos falava que eu devia ate abrir mão disso, mas eu lutei contra. Eles falava que eu não ia conseguir vencer eles porque a turma rica e um povo perigoso e *sempre eu pedia a Deus e sempre falava eles ta defendendo um direito que eles que, mas eu to defendendo um direito que é nosso.* é guerra contra guerra.... porque eles precisa da usina e nois precisa da terra pra nois morar, pra Comunidade. Conseguimos vencer. Alguém da Comunidade tava apoiando mas outros era contra também. O Ministério Público estava a favor de nois. Porque as vezes tinha muitos envolvidos na construção da usina da Comunidade. Teve dias que eles oferecia emprego, dizia que ia ter emprego pras pessoas da Comunidade. E teve dia da reunião pública que a promotora procurou quem da Comunidade sabia construir barragem, então a gente sentiu que ela tava do lado da gente.. Quem era o Kalunga que sabia construir barragem... ninguém sabia... então era difícil pra alguém ter emprego.. a Prefeitura apoiava o projeto da Barragem. Candidatei novamente mas concorreremos na campanha, mas tinha muitos candidatos e aí não conseguiu. Aqui só da Comunidade teve uns 5 candidatos. Eu senti assim, que as vezes nos mesmos já tava politicando nos mesmo né? Eu já senti assim, desse modo. Mas foi bom e conseguimos a estrada que era um sonho nosso, consegui duas escolas. Consegui um trator de esteira para abrir as estradas (GETOP). Abriu num lugar aí que não tinha estrada.

Sobre o extrativismo da Comunidade -

Tem muitos Pequi aqui na nossa Comunidade. E o tempo dele é só um tempo né? Quando da o mês de setembro, outubro ele começa a cair e vai até dezembro. Muitos usam para tirar o óleo e para comer o fruto. Da massa dele faz o sabão de Pequi que é muito usado na Comunidade. Sabão de Tingui. A Mangaba poderia fazer a polpa mas não tem energia. Pra levar pra cidade não tem oportunidade por falta do transporte. Tem um caminhão que passa todos os dias, é pago o valor de ida e volta. Perde muita fruta. A Mangaba faz suco e come a fruta. Come com farinha. A casca é usada pra fazer remédio pra estômago, o leite é bom pra gastrite.

O Buriti é usado para fazer doce da massa. Faz o beiju da massa do Buriti. Faz o doce também. A raiz é boa pra reumatismo. O braço do Buriti é bom pra curar o esporado de arraia pra chupar o veneno. De cobra também.

A Cagaita faz suco e come verde. O chá da folha é saboroso e é bom para o coração e controlar a pressão. O batatão tira a massa dele que é bom pra tomar e a agua fervida faz a

resina que é boa para limpar o intestino. Usa mais remédio natural na Comunidade. Quando costuma ir na cidade é porque já viu que os remédios da Comunidade não vai da volta e aí ve que não vai ter jeito mesmo.

Agradecer ocês que vieram aqui, chegou até em ponto de vir aqui na nossa Comunidade, quer dizer que vem buscar e trazer pra nois também né? Busca as vez um pouco do conhecimento mas trazer o conhecimento de vocês também, ate porque a senhora disse que vem de outras Comunidades né? De outros Assentamentos então isso pra nos é muito importante porque nos precisamos muito de... porque os quilombo as vezes ta se encontrando ne? As vezes levando e buscando né? Então isso eu fico muito feliz de vocês ta aqui e dos professor que ta sempre indo batalhar la fora pra trazer os conhecimentos pra nois que isso é o crescimento que nos esperamos aqui na Comunidade.

Quando eu enfrentei a administração eu vi que não eu tava buscando não era só pra mim, era pra Comunidade. E não só pensei assim que eu tava buscando pra uma Comunidade... eu tava buscando pro Município... e voltava e pensava de novo... que eu tava buscando pro Estado de Goiás, pro Estado Federal... porque Brasília ta aqui a 300 km, as vezes pra vocês chegarem aqui era uma dificuldade muito grande, levava até dois dias e hoje as vezes com uma hora ou duas horas vocês estão aqui, buscando nosso o nosso conhecimento e trazendo o conhecimento de lá pra cá.

As vezes eu sinto essa batalha dos professores também .. eu enfrentei e eles tão enfrentando né? Eu também lutei esses 4 anos e abandonei as minhas coisas... Pra conseguir alguma coisa eu tive que deixar o que eu tinha pra trazer alguma coisa que eu não tinha. Eu sinto eles nessa mesma guerra. Pra trazer o futuro pra gente. O que eles vai buscar pra trazer pra Comunidade. As vezes tem tanta dificuldade pra sair pra buscar pra Comunidade, saindo daqui pra lá e depois quando terminar os estudos não vai embora, permanece aqui pra dar futuro pra juventude. Porque o meu sonho é as vezes ter uma escola maior aqui dentro. As nossas crianças estão saindo pequenas la pra fora, pra cidade. Os pais ficam aqui na roça e as crianças ficam la na cidade abandonadas. porque não tem um emprego. As vezes quando da no correr do dia, os que estudam a noite, as vezes ta solto na rua no decorrer do dia e vice versa, e as vezes ta sozinho porque os pais ta aqui na roça. E as criancinha ta lá. A juventude sai as vezes com 12 e 13 anos e ficam sozinhos. Se tivesse estudo aqui quer dizer que eles tavam aqui com nois. Já saia daqui da Comunidade com a mente sabendo o que fazer.. e as vezes vai embora pra la e não sabem o que fazer. As vezes os pais orientam mas tem que ta pegado na orelha direto.

**Colaboradora 6 – Merendeira da Escola da Comunidade Kalunga do Diadema – Teresina, Goiás**

Eu fui nascida aqui na Comunidade de Diadema, fui uma pessoa muito sofrida, não fui criada mais pai, so fui criada com a minha mãe, minha mãe era uma pessoa fraca, que teve 14 filhos, trabalhando de roça, de foice, trabalhando pra nois, pros outros porque naquele tempo aqui não tinha serviço de nada, era só roça e assim foi a vida... Aí eu criei e com 18 anos eu casei. Casei e fui vivendo aquela vida, do mesmo jeito. Porque tudo era fraco né? Hoje é bem melhor do que naquele tempo, com 21 anos de serviço que eu trabalho na prefeitura, tem 4 filhos, toda vida fui uma pessoa pobre mas lutadeira, trabalhadeira. Hoje eu cuido do meu marido, meu filho mora em Goiânia, trabalhando lá, eu moro aqui com meu marido, nois é tudo adoentado mas ta cuidando de nois mesmo. Trabalho aqui na Prefeitura, no Colégio de Diadema pra nos manter e pra tratar da saúde né?

Já panhei muitas coisas de fruta pra gente comer. Naquele tempo a gente era fraco né? Não tive estudo porque meu pai naquele tempo não teve estudo e aqui não tinha escola. Quando começou uma escolinha aqui, foi quando eu comecei a fazer meu nome, minha mãe quis me casar, porque não podia ficar sem casar. Porque moça era o seguinte tinha que casar. Aí eu casei e não tive estudo nenhum. Não sei ler e nada.

Ia muito mais a minha mãe no cerrado pegar fruta pegar o côco pindoda, nois ia no mato apainhava esse coco, quebrava ele, tirava as bages, colocava no sol pra secar, aí secava, levava no fogo pra torrar e no pilão pra socar, fervia e tirava o óleo por cima da agua até tirar o óleo todo.. fazia a gordura, fazia 3 a 4 garrafas de gordura, aí nois vendia, ou trocava por outros mantimentos que as vezes não tinha pra comer, nois trocava, o dendê do coco fazia bolo, beiju, nois foi alimentado por essas coisa. os óleos serviam pra comida, fazer bolo.. até hoje é procurado e vendido... é vendido até a 40 reais o litro... serve pra remédio para gripe, tosse, se a pessoa tiver gripado, você pega, bate a gema do ovo bem batidinha e pega um pouco do óleo do coco e da a criança pra lamber, é bom pra afroxar os peito.

Buriti eu não tenho muito porque minha mãe não trabalhou com esses trem. Naquele tempo, minha mãe panhava a massa pra comer, panhava a fruta, botava na agua, rapava, fazia doce ou então botava junto com farinha pra comer, era desse jeito, negócio de óleo dele não sei como tira não. O Pequi, vi minha mãe tirando muitas vezes e era usado para gripe, bronquite asmática, ia no mato, pegava o Pequi, descascava, lavava, colocava numa sacola, negocio de plástico, tampava e deixava uns 3 a 4 dias e pegava e ia rapando os caroços para fazer a polpa, colocava numa panela ate ferver, o óleo boiava, e ela ia panhando e pondo em outra vasilha, fritava o óleo em outra panela.. Tinha vez que ela tirava uma garrafa, depende da quantidade

de Pequi. Usava pra tirar dores, gripes, bronquites. Naquele tempo Deus é que dava o entendimento pras pessoas de remédio porque tudo era difícil né? E aí eu aprendi com minha mãe né?

Usava o óleo como remédio. Comia o Pequi com arroz, com feijão, na carne, na galinha.. Tinha vez que minha mãe panhava ele lá, cozinhava ele só, sem nada, e mandava nois roer...

Mangaba a mãe colocava na cabaça e tampava, esperava amadurecer pra comer com farinha e batia num saco de pano pra bater e sair o caldo pra fazer suco.. naquele tempo não tinha liquidificador...

Mangaba – raiz serve pra dor de barriga põe na água pra tomar, a folha pra fazer o chá pra pressão, a casca também, e o leite é bom pra gastrite...

Buriti é bom pra reumatismo, caroço é bom pra cortar a hemorragia. A folha do Buriti servia pra trançar pra fazer Uru, tipo de um bojo, pra secar massa, usa pra fazer tapiti, quibano (artesanato). A palha do Buriti é usada para cobrir as casas de algumas comunidades Kalungas (Engenho).

Do Pequi a folha é bom pra dor de friagem, reumatismo... banha da galinha frita num vidro com pedras de arcafor (tipo naftalina). A folha do pequi passa na gordura, esquenta e marra com pano.

Põe a água no fogo com o olho do Pequi, quando esfria coa num pano pra tirar o pelo, é bom para o fígado e para o estômago...